

Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa  
Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Psicologia

## **Constituição do sujeito sob o signo da violência**

### **Estudo de um caso**

Aline Lys Silva Freire

Goiânia-GO  
Novembro de 2010.

Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa  
Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Psicologia

## **Constituição do sujeito sob o signo da violência**

### **Estudo de um caso**

Aline Lys Silva Freire

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientador: Dr. Fabio Jesus Miranda

Goiânia-GO  
Novembro de 2010.

F866c Freire, Aline Lys Silva.  
Constituição do sujeito sob o signo da violência : estudo de um caso / Aline Lys Silva Freire. – 2010.  
121 f.

Bibliografia: p.71-76  
Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2010.  
“Orientador: Dr. Fabio Jesus Miranda”.

1. Violência – sujeito – constituição – interferência. 2. Sujeito. 3. Vitima – vitimizador – passagem – identificação – perspectiva psicanalítica. I. Título.  
CDU: 179.8:159.964.2(043.3)

Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa  
Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Psicologia

## **Folha de Avaliação**

Autor: Aline Lys Silva Freire

Título: Constituição do sujeito sob o signo da violência: Estudo de um caso

Data da avaliação: 09/ 11/ 2010 às 08:00 h.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Fabio Jesus Miranda  
Membro Presidente

---

Prof. Dr. Sebastião Benício Costa Neto  
Membro Convidado Interno  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

---

Prof. Dr. Rodolfo Petrelli  
Membro Convidado Externo  
Universidade Federal de Goiás

---

Prof. Dr. Lauro Eugênio Guimarães Nalini  
Membro Suplente  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Goiânia-GO  
Novembro de 2010

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus por mais uma vez ter demonstrado o seu amor, a Sua existência e o Seu cuidado na minha vida, muito obrigada meu Aba Pai.

Aos meus pais Ademir e Neuza, meus profundos e sinceros agradecimentos, por estarem ao meu lado nos momentos difíceis (que não foram poucas nessa trajetória), sendo o meu suporte e refugio. Mãe obrigada por proporcionar-me os meios (físicos, psíquicos e emocionais) para a concretização de mais uma etapa da minha vida. Obrigada por ensinarem tudo o que sou hoje. Amo muito vocês.

Ao meu querido irmão Junior que mesmo a distancia se preocupava comigo dando o seu carinho e amor. Te amo demais.

Agradeço ao meu esposo Marcelo pela paciência, compreensão, mansidão, carinho e cuidado. Muito obrigada pelo o seu amor.

As minhas amigas Priscila, Márcia, Monique, Fernanda e Claudia obrigada por auxiliar-me e estarem sempre prontas. Muito obrigada.

Em especial agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Fabio pela enorme paciência, compreensão e prontidão em ajudar-me, pois através de seus ensinamentos pude desenvolver profissionalmente e pessoalmente. A você a minha admiração.

Agradeço ao adolescente e a unidade que abriram espaço para a realização da pesquisa.

Agradeço a todos os professores que estiveram envolvidos na realização e execução deste trabalho: ao Dr. Rodolfo Petrelli e ao Dr. Sebastião Benício da Costa Neto. A vocês muitíssimo obrigada.

## RESUMO

Este trabalho buscou discutir a necessidade de compreender aspectos da constituição do sujeito sob o signo do fenômeno violência. O objetivo da pesquisa foi investigar, sob a perspectiva psicanalítica, como a violência, seja ela no âmbito social, familiar, institucional e escolar, pode interferir na constituição do sujeito. A investigação foi realizada em uma instituição pública de assistência social – Centro de Referência de Assistência Social/CRAS – , localizada em uma região marginalizada da cidade de Goiânia. Esta instituição tem como público-alvo crianças e adolescentes de 7 a 14 anos em situação de risco pessoal, vulnerabilidade social e situação socioeconômica desfavorável. O sujeito da pesquisa foi um adolescente, de 14 anos, do sexo masculino, inserido no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil/ PETI e que se fazia notar não só pelas situações de conflitos e demonstração de agressividade nas quais se envolvia ou era envolvido, como também pelo contexto histórico permeado por inúmeras espécies de violência. A metodologia de pesquisa escolhida foi a do estudo de caso. Foram utilizadas cinco entrevistas abertas que objetivavam uma associação livre por parte do sujeito a respeito de suas vivências históricas e fantasiosas. Os resultados obtidos permitiram compreender que a identificação e identificação com o agressor foram os aspectos notáveis que proporcionaram tanto a constituição do sujeito quanto à passagem de vítima a vitimizador.

Palavras-chave: violência, constituição do sujeito, identificação e identificação com agressor.

## ABSTRACT

This work intended to discuss the need to understand aspects of the subject's constitution under the sign of the violence phenomenon. The research's goal was to investigate, under a psychoanalytical perspective, how violence, be it in the social, relational or environmental sphere, may interfere in the subject's constitution. The investigation was carried out in a public social work institution – Reference Center in Social Work (*Centro de Referencia de Assistencia Social/CRAS*) – located in a marginalized area of Goiania. This institution has as its target group children and teenagers between 7 and 14 years old in situations of personal risk, social vulnerability and unfavorable social-economical situation. The research subject was a teenager, 14 years old, male, inserted in the Child Labor Eradication Program (*Programa de Erradicacao do Trabalho Infantil – PETI*), who was noticed not only for the conflict situations and aggressiveness demonstrations in which he was involved or got involved, but also for the historical context permeated by countless kinds of violence. The chosen research methodology was case study. Five open interviews were used, aiming at the free association, from the subject, of his historical and fantastic life experiences. The results allowed us to understand that identification and identification with the aggressor were the notable aspects that caused both the subject's constitution and his passage from victim to victimizer.

Keywords: violence, subject constitution, identification and identification with aggressor.

## **LISTA DE SIGLAS**

CRAS- Centro de Referência de Assistência Social

CREAS- Centro de Referência Especializado de Assistência Social

DEPAI - Delegacia Especializada de Apuração de Atos Infracionais

ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente

FEBEM- Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor

LOAS- Lei Orgânica da Assistência Social

MDS- Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome

PAIF- Programa de Atenção Integral à Família

PETI- Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

PNAS- Política Nacional da Assistência Social

UNICEF- Fundo Nações Unidas para Criança

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
Capítulo I: REFLEXÕES SOBRE VIOLÊNCIA.....	14
1.1. Violência e Sociedade.....	14
1.2. Violência intrafamiliar.....	19
Capítulo II: A IDENTIFICAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE.....	26
2.1. Identificação e estruturação psíquica do sujeito.....	26
2.2. Subjetividade da Violência.....	30
Capítulo III: Violência intrafamiliar/domestica e Dor.....	33
Capítulo IV: METODOLOGIA.....	38
4.1. Local da Pesquisa.....	38
4.2. Participante.....	39
4.3. Coleta de dados.....	39
4.4. Análise dos dados.....	40
Capítulo V: RESULTADOS.....	41
5.1. Eixos Temáticos.....	42
5.1.1. Violência no contexto familiar.....	42
5.1.2. Violência no ambiente Institucional (bairro, escola e CRAS).....	45
5.1.3. Entendimento sobre a violência.....	46
5.1.4. Percepção e reconhecimento da autoridade.....	47
5.1.5. Percepção do sujeito sobre si mesmo.....	47
5.1.6. Percepção do sujeito sobre suas relações objetivas.....	48
5.1.7. Identificação.....	50
5.1.8. Expectativas acerca do futuro.....	50

5.2. Análise interpretativa do Desenho.....	51
Capítulo VI: DISCUSSÃO.....	54
Capítulo VII: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71
ANEXOS .....	77
Anexo A – Termo de Consentimento Livre Esclarecido 1.....	78
Anexo B – Termo de Consentimento Livre Esclarecido 2.....	79
Anexo C – Entrevistas.....	80
Anexo D– Desenho.....	122

## INTRODUÇÃO

A violência não é um fenômeno novo. Atualmente, imersos na rápida e ampla divulgação de informações, somos atingidos por um tsunami que, sem respeitar valores econômicos, morais ou religiosos, invade famílias, comunidades e nações.

Muitos estudos sobre a violência nas sociedades associam-na ao contexto da pobreza. Contudo, Velho (1996) assinala que considerar apenas a situação de pobreza não é o suficiente para justificar a deterioração dos referenciais éticos e de valores que possibilitam e mantêm o laço social e as interações entre indivíduos.

Por si sós, os índices crescentes de violência e suas inevitáveis conseqüências pessoais e sociais justificam a urgência de estudos que, além de possibilitarem a compreensão dessa temática em sua complexidade e especificidade, possam apontar intervenções a prazo imediato e futuro.

Um dos grupos cada vez mais afetados pela violência tem sido o de crianças e adolescentes. Imersos nesse difuso fenômeno, muitas crianças e muitos adolescentes, ora como vítimas, ora como vitimizadores, têm vivenciado e protagonizado cenas terrificantes e socialmente impensáveis. Muitas vezes, é dentro dessa trajetória de violência que desenvolvem sua personalidade.

Este trabalho, sob a perspectiva da teoria psicanalítica, pretendeu contribuir para a construção do conhecimento acerca do fenômeno violência no contexto da vulnerabilidade social, buscando uma interpretação do processo de estruturação psíquica do sujeito vitimado sob o signo da violência até sua constituição como agente vitimizador.

Por vulnerabilidade social se entendem os processos sociais e situações que produzem fragilidade, discriminações, desvantagem e exclusão social, econômica e cultural (PNAS/2004).

Diante do exposto, emergem as seguintes questões que conduzirão esta pesquisa: como é constituída a subjetividade de crianças e adolescentes imersas em contexto de violência? Quais os sentidos atribuídos a si mesmo, ao outro e ao contexto (familiar, social, institucional e escolar) em que está inserida?

O objetivo deste estudo foi investigar como a violência, seja ela no âmbito social, relacional ou ambiental, pode interferir na constituição do sujeito.

No tocante ao sujeito da pesquisa, trata-se de um adolescente de 14 anos, sexo masculino, que cursa a 8ª série do ensino fundamental da rede pública do município de Goiânia-Goiás, é o terceiro da prole de quatro irmãos, residente e morador da região leste, região esta considerada de alta complexidade e marginalidade. Foi inserido no programa PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) aos sete anos de idade por encontrar-se em risco pessoal, risco social, vulnerabilidade social e principalmente, trabalho infantil, sendo encaminhado pelo conselho tutelar da região leste.

No que se refere à metodologia de trabalho, foram realizadas cinco entrevistas abertas, que tinham por objetivo uma associação livre de idéias por parte do sujeito a respeito de suas vivências históricas e fantasiosas. As perguntas da entrevista emergiram no desenrolar da interlocução e permitiram ampliar e explorar as falas produzidas pelo sujeito. As entrevistas objetivavam apreender o universo significativo do sujeito sobre a violência, sobre a percepção de si mesmo, das relações familiares, institucionais e socioambientais; como se percebia no contexto vivido e vivenciado, quais sentidos atribuía às situações de violência e como solucionava conflitos.

Na análise das entrevistas buscaram-se interpretar as representações mais pessoais do sujeito, os sofrimentos, as dificuldades, o modo relacional, os sonhos e as fantasias.

Esta dissertação está organizada em sete capítulos, divididos da seguinte forma: o primeiro capítulo visa apresentar uma reflexão teórico-conceitual sobre violência, com os subtítulos: violência e sociedade e violência intrafamiliar.

O segundo capítulo, a partir da perspectiva psicanalítica, é dedicado ao estudo sobre a constituição do sujeito inserido em um contexto de violência, o processo de identificação como um guia fundamental desse complexo de elementos que concebe o sujeito e a subjetividade da violência.

O terceiro capítulo fará uma breve explanação sobre a violência intrafamiliar/doméstica e suas relações com a dor.

O quarto capítulo apresenta a contextualização da pesquisa, os procedimentos metodológicos, participante e coleta de dados.

O quinto capítulo é composto pelos resultados.

O sexto capítulo é dedicado à discussão dos resultados.

O sétimo e último capítulo são as considerações finais da pesquisa realizada, com suas contribuições e recomendações para futuros trabalhos, além das referências bibliográficas e os anexos.

## **Capítulo I**

### **REFLEXÕES SOBRE VIOLÊNCIA**

A violência é um fenômeno histórico-social, que se desenvolve nas relações sociais e interpessoais, implicando, na maioria das vezes, em uma relação de poder. Devido a sua ampla disseminação e visibilidade perante a sociedade através dos meios de comunicação, a violência passou a ser estudada por diferentes ramificações da sociedade, visando a compreensão dos índices crescentes da violência, para assim identificar fatores que a determinam, e posteriormente buscar soluções de enfrentamento que possam reduzi-la ou amenizá-la.

Neste capítulo será apresentada uma reflexão teórico-conceitual sobre a violência e sociedade em suas varias perspectivas. Para tanto, será dividido em dois subtítulos: 1- violência e sociedade e 2 - violência domestica ou intrafamiliar contra crianças e adolescentes.

#### **1.1. Violência e Sociedade**

O homem, desde o principio de sua existência, é o ator principal na prática da violência. Não constituindo em um fenômeno atual, a violência teve seu alicerce na forma de sobrevivência do homem primitivo, na tentativa de superar a hostilidade da natureza. No entanto, atualmente, a violência assume uma nova forma: continua existindo como consequência da possível organização humana do espaço, onde retrata o ser humano frente à relação de superioridade e inferioridade, utilizando-se do poder para fins próprios.

Em termos gerais, a violência é o exercício da força sobre alguém ou algo sem levar em consideração o que o receptor da violência deseja, o que leva à idéia imediata de submissão.

Arendt (1994) distingue os termos violência e poder, caracterizando o exercício da violência como meio de chegar ao poder e não como um fim em si mesmo. Esse posicionamento é compartilhado por vários autores, a saber: “a violência como o não-reconhecimento do outro, a anulação ou cisão do outro” (Adorno, 1995; Oliveira, 1995 e Tavares dos Santos et al. 1998); “a violência como negação da dignidade humana.” (Caldeira, 1991; Kowarick & Ant, 1981); a violência como ausência de compaixão (Zaluar, 1994); e a violência como a palavra emparedada ou o excesso de poder (Tavares dos Santos et al., 1998; Zaluar & Leal, 2001, p.3).

Velho (1996) a violência é vista como a manifestação e o exercício de um suposto ou efetivo poder:

“Violência não se limita ao uso da força física, mas a possibilidade ou ameaça de usá-la constitui dimensão fundamental de sua natureza. Vê-se que, associa-se a uma idéia de poder, quando se enfatiza a possibilidade de imposição de vontade, desejo ou projeto de um ator sobre outro” (p.10).

Em seu estudo Minayo e Souza (1997/1998) fazem um agrupamento das diversas teorias que visam explicar o fenômeno violência. Segundo as autoras:

“De um lado estão os que sustentam que a violência resulta de necessidades biológicas, psicológicas ou sociais, fundamentando-se na sociobiologia ou na etiologia, teorias que subordinam a questão social às determinações da natureza. De outro, estão os que explicam a violência como fenômeno de causalidade apenas social, provocada quer pela dissolução da ordem, quer pela vingança dos oprimidos, quer ainda pela fraqueza do Estado” (Minayo & Souza, 1997/1998, p.3).

Autores como Paixão (1983), Zaluar (1989) e Silva (2002) enfatizam que atualmente os índices crescentes de violência são diretamente proporcionais aos índices crescentes da pobreza, da desigualdade e do ritmo acelerado da industrialização. Neste sentido, a violência caracteriza-se através da manifestação de raiva explícita, onde a pessoa perde o seu equilíbrio emocional cometendo atos de extrema violência, como uma reação às dificuldades

econômicas, miserabilidade e sofrimento. Porém Arendt (1994) advoga que, quando acontece é decorrente das injustiças sociais e desesperanças em relação ao futuro imediato ou tardio.

Pesquisa realizada no estado de São Paulo pela Secretaria de Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade (SP), com o enfoque “Pobreza e violência no município de São Paulo”, comparou os índices de violência cometidos por chefes de famílias de baixa-renda no ano de 1991 com os de 2000 e constatou que a pobreza e a violência estão sempre juntas, mesmo sem ser causa ou consequência uma da outra. De acordo com o coordenador da pesquisa:

“Quanto maior a taxa de crescimento anual do número de chefes de família pobres de um distrito, maior a chance de essa região ter de conviver com mortes violentas. Situação oposta ocorre nas áreas onde houve o arrefecimento da pobreza. Nelas predominam também o decréscimo por morte violenta” (Silva 2002, p. 3).

Mesmo que a pobreza não se constitua como causa suficiente para alavancar a violência, viver nessa condição é estar mais exposto a apresentar baixa escolaridade, baixa expectativa de melhores condições de vida e, principalmente, consciência de menores possibilidades de acesso a melhores condições de vida. No conjunto, essas condições podem levar algumas pessoas à desesperança e a atos violentos.

Por outro lado, a pesquisa supracitada também mostrou que violência e pobreza estão diretamente associadas ao nível de industrialização de um município. Além disso, essa relação entre industrialização e pobreza são congruentes com os níveis de escolaridade exigidos pela atividade industrial: quanto mais sofisticada for a indústria, maior o nível de escolaridade exigido e menores as taxas de violência, o que comprova mais uma vez a ação conjunta de todos esses fatores e não apenas da pobreza.

Outra forma de observar a questão da violência é identificar, no cotidiano, sua manifestação nos pequenos gestos. Por serem corriqueiras e por parecerem tão insignificantes diante da magnitude das manchetes, não se lhe dá tanta atenção. Segundo Odalia (1986), a violência, na atualidade, de tão “entranhada” no nosso cotidiano, pensar e agir em função

dela, deixou de ser um ato “circunstancial”, para se transformar numa maneira de ver e viver o “mundo do homem”.

Mas situações banais abrem espaços para uma violência supostamente silenciosa que “grita” por socorro, como, por exemplo, nas discriminações, exclusões e desrespeitos (Souza, 2005). Diante da manifestação silenciosa da violência, Souza (2005) destaca que:

“A violência, às vezes, se manifesta pelo silêncio. Silêncio, que, utilizado inicialmente como recurso temporário de evitação ao confronto, logo se transforma em arreo que emudece e imobiliza o corpo. Outras vezes, ao contrário, a violência está na impossibilidade de silenciar, de abdicar da ânsia de tudo dizer – não importando as conseqüências que isso tenha. O lugar para os afetos, as amizades, o respeito mútuo, a confiança, está cada vez mais restrito”. (p.5).

Delacampagne (1999) afirma que a repetição de cenas de violência, aliadas ao peso que seria levá-las a sério, conduz à banalização do mal e à indiferença, pois aceitar que a violência possa ser banalizada e naturalizada é uma tentativa de diluir o seu impacto, seu terror; de minimizar seus efeitos, de não se implicar com a existência de suas manifestações e com as possibilidades, por pequenas que sejam, de transformá-la. Como explicita Souza (2005) em seus estudos sobre a violência,

"Esta banalização da violência é, talvez, um dos aliados mais fortes de sua perpetuação. Resignado à idéia, inculcada pela repetição do jargão de que somos ‘instintivamente violentos’, o homem curva-se ao destino e acaba por admitir a existência da violência, como admite a certeza da morte. A virulência deste hábito mental é tão daninha e potente que, quem quer que se insurja contra este preconceito, arrisca-se a ser estigmatizado de ‘idealista’, ‘otimista ingênuo’ ou ‘bobo alegre’ (Souza, 2005, p.7).

Em seu artigo "Pulsões e seus destinos" Freud (1915) relata que inicialmente o mundo se apresenta para a criança sem diferenciação, mas passa a ganhar matriz distinta segundo as qualidades de prazer que as experiências proporcionam. Assim, a criança introjeta os objetos que são prazerosos e afasta de si aquilo que lhe possa causar desprazer, mesmo aquilo que provém de seu próprio interior. O mundo exterior fica, portanto, dividido numa parte prazerosa, que se incorpora, e num resto que é estranho e hostil. O autor completa: “O Ego

odeia, perturba e persegue com propósitos destrutivos a todos os objetos que chega a supor como fonte de sensações de desprazer, constituindo uma privação da satisfação sexual ou da satisfação de necessidades de conservação”. “Pode-se, inclusive, afirmar que o verdadeiro protótipo da relação de ódio não procede da vida sexual, mas da luta do ego por sua conservação e manutenção” (Souza, 2005, p.7).

Conforme Costa (1986, p.30), violência é uma ação destrutiva que comunica a marca de um desejo, “é o emprego desejado da agressividade, com fins destrutivos. Esse desejo pode ser voluntário, deliberado, racional e consciente, ou pode ser inconsciente, involuntário e irracional”, o autor complementa, “é porque o sujeito violentado percebe no sujeito violentador o desejo da destruição que a ação agressiva ganha o significado de ação violenta”.

Costa (1984) alerta ainda que, para diluir o impacto da violência e atenuar seu horror, não basta afirmar que a violência faz parte da constituição do psiquismo; pelo contrário, esse reconhecimento permite pensar além: o destino dado à agressividade, própria dos humanos, e as circunstâncias que favorecem a erupção incontrolada no tecido social, do abuso da força em detrimento de outras formas possíveis de resolução de conflitos e minimização das diferenças.

A minimização do ato violento ou da situação de violência traz o risco de banalizar os seus efeitos, de tornar equivalentes experiências extremamente diferentes, de forma a confundir aquilo que é da ordem da constituição das relações humanas com aquilo que é da ordem do abuso, ou da crueldade em sua vertente auto ou heterodestrutiva. O que essa insistência adjetiva revela é a existência de um excesso que se manifesta em todos os espaços; de uma impossibilidade de contenção ou derivação dessa força, de um agir que desconsidera a existência do outro.

Segundo Souza (2005), é necessário reconhecer que a disposição para a violência está em todos os sujeitos humanos. “A violência está na origem da cultura, no mito do assassinato

do pai primordial que a funda, no ódio primordial que surge como sombra da imagem narcísica e na aniquilação repetitiva dos dominados pelos dominadores” (Souza, 2005, p.29).

Neste contexto do exercício do suposto poder sobre o outro, relação dominador-dominado, ramifica-se a atuação da violência em: violência moral, violência urbana, violência escolar ou bullying, violência no esporte, violência no trabalho, violência doméstica ou intrafamiliar, dentre outras. No próximo subtítulo focaremos na violência doméstica ou intrafamiliar cometido contra a criança e o adolescente.

## **1.2. Violência Intrafamiliar**

A violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes, até pouco tempo silenciada, faz-se presente cada vez mais nos debates públicos. Apesar de ter provocado uma imensa gama de estudos, pesquisas e literatura, a violência intrafamiliar ainda é uma questão de difícil crítica.

Segundo Soares (1999), o termo ”violência doméstica” abrange um conjunto de ações violentas, ocorridas no mundo privado.

A “violência intrafamiliar” no contexto doméstico está relacionada a pessoas ligadas por parentesco consangüíneo ou por afinidade que em determinado contexto sofrem ou cometem algum tipo de violência. Considera-se, na querela sobre a conceituação de violência intrafamiliar e doméstica, a questão relacional implicada na primeira (violência intrafamiliar) e as relações espaciais que se tornam mais explícitas na segunda categoria (violência doméstica), porém ambas as categorizações referem-se a conceituações pertinentes e complementares ao estudo da violência contra criança e adolescente no contexto familiar.

Entende-se por violência intrafamiliar:

“Toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de um membro da família. Pode ser

cometida dentro ou fora de casa por qualquer integrante da família que esteja em relação de poder com a pessoa agredida, inclui também as pessoas que estão exercendo a função de pai ou mãe, mesmo sem laço de sangue” (Ministério da Saúde, 2001).

Na compreensão de Azevedo e Guerra (2001), a violência intrafamiliar é

“ todo ato praticado por pais ou responsáveis contra crianças que sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima implica, de um lado, uma transgressão de poder/dever de proteção do adulto e, de outro, uma coisificação da infância, isto é uma negação do direito que as crianças tem de ser tratados como sujeito e pessoa em condição de peculiar desenvolvimento” (p.32).

Segundo Sousa (2001), a relação adulto-criança, caracteriza-se principalmente por autoridade e submissão. Sob o argumento que a criança é socialmente dependente do adulto, este exerce a autoridade nas relações com a criança, visto que a obediência e o respeito seriam as virtudes iniciais da criança, quando não ocorre, a criança é marginalizada ao nível sócio-econômico-político (Charlot,1986).

“A criança é um ser socialmente rejeitado. Não desempenha senão um papel marginal nas relações sociais; é cuidadosamente afastada das reuniões de adultos e, quando às vezes, é tolerada não se admite que se intrometa nos negócios de ‘gente grande’”. (Charlot, 1986, p.111).

As situações de violência que as crianças são vítimas têm sido continuamente denunciadas nos meios de comunicação, despertando o interesse da mídia e da sociedade em geral, pela problemática crescente da violência na sociedade contra crianças e adolescentes. Dessa forma, ao focalizar em uma das vertentes deste estudo, a violência contra criança e adolescente, busca-se situá-la no contexto histórico e social em que ela se manifesta sobre a experiência da criança como vítima da violência dentro do contexto familiar.

Roure (1996) enfatiza que a violência contra crianças e adolescentes ocorre em locais diversificados, como ruas, lares, escolas ou instituições, o que a torna cada vez mais banalizada e “relegar ao desconhecimento essa realidade é franquear as portas para o seu retorno” (Costa, 2005, p.29).

A violência exercida contra a criança é um crime que oprime, promove o abandono, instiga o medo, restringe a liberdade e grande parte disto ocorre no ambiente familiar. (Ricotla, 1999).

Monteiro, Cabral e Morgado (1995) propõem quatro tipos de violência intrafamiliar: física, psicológica, negligência e sexual. O primeiro ocorre quando alguém causa ou tenta causar dano por meio da força física e/ou algum tipo de instrumento que possa causar lesões internas ou externas, ou ambas; o segundo constitui uma forma silenciosa, que inclui qualquer ação ou omissão que pretenda causar ou cause dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa; o terceiro tipo trata-se da omissão da responsabilidade de um ou mais membros da família em relação a outro, principalmente aqueles que precisam de ajuda por questões de idade ou condição física temporária; e, por fim, o quarto tipo se caracteriza por toda ação na qual a pessoa, em situação de poder, obriga outra a práticas sexuais utilizando a força física, a influência psicológica ou armas e/ou drogas.

Crianças, adolescentes, idosos e portadores de necessidades especiais são as principais vítimas da violência intrafamiliar e doméstica (Day et.al., 2003). O relatório mundial organizado no Brasil por Pinheiro (2006), revela que esse tipo de violência dirigida à criança ocupa o primeiro lugar nas estatísticas mundiais e que não existem barreiras desse fenômeno no mundo inteiro, pois a violência não está ligada a raça, cultura, religião ou classe, ocorrendo nos mais diversos contextos: em casa, na escola, na rua, no trabalho e em instituições assistenciais (CRAS) e de correção (FEBEM).

Os pesquisadores da Unicef analisaram quase 45 mil casos de violência doméstica contra crianças e adolescentes atendidos pelos Centros de Referência Especializados de Assistência Social (CREAS) em 904 municípios brasileiros, durante o ano de 2006. Nos índices de violência doméstica, a diferença de gênero não aparece fortemente na violência física, psicológica ou de negligência, mas sim na violência sexual : 4,5 vezes mais

meninas foram vítimas de abuso sexual do que meninos, e 3,5 vezes mais meninas foram vítimas de exploração sexual do que meninos. Também segundo os CREAS, crianças e adolescentes entre 7 e 14 anos de idade são os mais vulneráveis à violência doméstica. Os meninos e meninas dessa faixa etária são vítimas em 59% dos casos de violência doméstica atendidos.

Petit (2006) aponta que variáveis como pobreza, falta de instrução dos pais, frustração e conseqüente agressão relacionadas às necessidades básicas, modelos de violência familiar, conflitos parentais e desvios de personalidade dos pais podem desencadear atitudes agressivas e violentas dentro da família.

A violência intrafamiliar contra criança e adolescente não está desvinculada das demais questões sociais, especialmente da violência social. As relações societárias são fundadas em bases em que se entrelaçam fundamentos objetivos e subjetivos onde os sujeitos sociais se constituem “em sua realidade social e histórica, sendo esta anterior e exterior à história singular e condição para o desenvolvimento da subjetividade. O sujeito é, portanto, produto e produtor da sociedade” (Berger, 1985).

Deslandes (1994) relata que, no Brasil, a violência doméstica está ligada a situações de desemprego e pobreza, a valores culturais que reforçam a violência, a problemas psicoafetivos, ao alcoolismo e à falta de serviços básicos. Muitas vezes, a atuação intrafamiliar se reflete na violência social. Se os grupos extra familiares nos qual o sujeito se insere continuam reproduzindo a violência, a possibilidade de transformação se restringe, perpetuando a banalização (Arendt, 2003; Souza, 2005).

A violência doméstica como um fenômeno complexo integra uma vasta gama de componentes relacionais que são pautados em vínculos subjetivos construídos socioculturalmente, por meio dos diversos modos de comunicação específicos. As relações travadas nestes contextos refletem a situação de desigualdade e a assimetria que conformam

as relações de poder estabelecidas. O espaço privado, isto é, a esfera doméstica, mesmo que seus contornos não sejam monoliticamente definidos e a sua abrangência abarque sentido além dos territoriais – incluindo-se questões representativas, simbólicas, subjetivas e objetivas –, constitui uma importante tessitura implicada a outras construções societárias. Esta estruturação define o *habitus* incorporado e o exercício de poder estabelecido, muitas das vezes, com a supressão de autonomia e extinção dos limites de alteridade de outros membros.

Ricotla (1999) denuncia que é no contexto familiar que a violência contra a criança encontra lugar privilegiado para a sua manifestação, mantida pelo silêncio, cumplicidade imposta à vítima, pela autoridade que os pais exercem sobre os filhos. Segundo as leis brasileiras (Brasil, 1990), as crianças devem ser protegidas pelos responsáveis.

Heise *et al.* (1994) destacam alguns elementos decisivos na violência intrafamiliar:

- - Principalmente, mulheres e crianças estão sob risco de violência, geralmente por parte de homens e conhecidos;

- □ A violência doméstica, por seus vínculos afetivos e subjetivos, é tão ou mais séria que a agressão de desconhecidos;

- □ Embora as mulheres possam ser violentas, a maioria das violências que resultam em lesões físicas é de homens contra mulheres, e a violência sexual é exercida prioritariamente contra o gênero feminino;

- □ A violência tende a piorar com o tempo; a violência psicológica (emocional, verbal, simbólica, entre outras) pode ser tão danosa quanto a violência física;

- □ O uso de álcool exacerba a violência mas não é causa da mesma.

Portanto, a violência contra criança e adolescente é uma notoriedade histórica e social e pode manifestar-se através da violência física, sexual, simbólica, psicológica, abandono, negligência, podendo atingir indistintamente qualquer classe social, faixa etária e ambos os sexos (Azevedo, 1999). Ainda que explícita, a violência não se restringe a ângulos específicos

e não se define em um único sentido. “A violência é complexa, polissêmica, controversa; fala de uma realidade plural, cujas especificidades são ainda desconhecidas. Sua definição é um desafio permanente, que não se submete à descrição fácil, nem ao entendimento imediato” (Gonçalves, 2003, p. 45).

Como um processo relacional construído sócio-histórico, a violência evita os estereótipos de atributos considerados naturais, mas incorpora estas questões a contextos concretos. As interações constituídas que delimitam as ações de violência geram, também, os papéis de vítimas e agressor, que não se constituem, unicamente, em modelos polarizados e nem absolutizados. Vistos isoladamente, os significados da violência perdem as conexões com a história em comum, partilhada e vivida em contextos singulares dos diferentes sujeitos sociais envolvidos neste processo.

Dessa forma, nenhum ato de agressão pode ser compreendido como fenômeno isolado. No caso da criança, por exemplo, alguns fatores devem ser considerados, como seu ambiente familiar; sua relação com adultos; sua maturidade considerando sua idade cronológica e emocional.

Dentro do contexto de violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes, ressaltam-se dois processos, segundo Azevedo e Guerra (1989): o da vitimação e o da vitimização.

No tocante a vitimação, a criança tem seus direitos básicos, como saúde, alimentação, direito à vida, violados rotineiramente. Nesse mesmo contexto destaca-se a violência social, que tende a ser representada abstratamente, como as situações características das desigualdades sociais e da pobreza, envolvendo questões sociais mais gerais como criminalidade e vulnerabilidade.

A vitimização dá-se no contexto das relações adultocêntricas, ou seja, relações entre adulto-criança, em conformidade com as relações de poder e hierarquia, de objetualização da

criança que passa a ser submetida aos desejos do adulto suprimindo-a enquanto sujeito, sendo aprisionada e mantida pelo medo. É importante destacar que o processo de vitimização ocorre no contexto doméstico e em qualquer classe social.

“O fenômeno da vitimização, corretamente associado à expressão abuso, tem suas raízes no ciclo da violência, perpassa pelas características falocêntricas e adultocêntricas da nossa sociedade, onde a família, local privilegiado para o surgimento, justifica-se pelo nome da pedagogia disciplinadora” (Oliveira, 1989 p. 103).

O processo de vitimização é percebido de forma concreta, pois ocorre entre agentes reais, família, conhecido, ou seja, as relações em que tem vinculação com a criança ou adolescente.

Para Azevedo e Guerra (1989), o temor da publicização dos fatos, de se denegrir a imagem da criança ou da própria família, forma-se um “complô do silêncio”. Fator relevante para a manutenção do silêncio, é que muitas vezes os abusos são presenciados por membros próximos que compactuam com esse silêncio. Esse “complô” pode ocorrer de diversas maneiras, desde o descrédito quanto à fala da criança, seu castigo por fantasias; sentimento de impotência frente a questão, chegando até própria conveniência.

A ambigüidade de sentimentos das crianças e adolescentes que vivem nesse contexto, é fator de justificativa para a execução de atos de violência, pois é utilizada como afirmação e participação destes nas situações vividas. Assim, crianças e adolescentes ficam ilhados no conjunto de situações violentas que os cercam, e que são advindos e manifestos no contexto familiar, social, escolar e institucional, ou em todos concomitantemente.

## Capítulo II

### A IDENTIFICAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Este capítulo versará sobre a estruturação psíquica do sujeito inserido no contexto da violência, destacando-se o mecanismo de identificação como um guia fundamental deste processo e a subjetividade da violência.

#### 2.1. Identificação e estruturação psíquica do sujeito

Hoje se acredita na existência de um psiquismo familiar, formado a partir de um jogo de reflexos que envolvem conteúdos intrapsíquicos de cada membro do grupo. Sua função seria promover uma partilha inconsciente pelos membros do grupo, de modo a organizar um funcionamento intersubjetivo e um sentido para “estar junto”. Sendo assim, o psiquismo familiar pressupõe investimentos libidinais entre os sujeitos do grupo, e uma psicodinâmica dos vínculos responsável pela criação dos lugares, posições e principalmente funções exercidas no espaço intrapsíquico (Passos & Polak, 2004).

Passos e Polak (2004) ressaltam que cabe ao aparelho psíquico familiar conter e metabolizar as angústias do recém-nascido, de modo a lhe permitir a constituição de seu mundo interno e possibilitar a transformação das experiências sensoriais do bebê em vivências psíquicas próprias, estas, por sua vez, vão progressivamente se interrelacionando e sendo representadas no interior do ego em constante diferenciação do bebê. Para as autoras, a questão da identificação tem sido apontada como central no processamento psíquico inerente à formação do sujeito na família, pois na medida em que se constitui como dispositivo necessário à formação dos vínculos entre os membros do grupo familiar, a identificação

funciona como um importante fundamento para transmissão psíquica entre gerações, que se organiza, no espaço intrapsíquico do grupo familiar.

O interior da família é entendido como um módulo nuclear da sociedade onde se montam pequenos ‘eus’ cujo estofa são as identificações com os pais, com seus traços e valores superegóicos.

De acordo com tal concepção, a subjetividade seria fruto dos discursos parentais, que passados por uma série de construções fantasmáticas, vem apresentar o sujeito, marcando-o e fornecendo características singulares (Salztranger, 2006).

Uma das proposições de Lacan (1964) é o “sujeito advém pelo desejo do Outro”. Explicaria essa proposição o fato de que muito antes do nascimento da criança, um lugar já lhe é designado no universo lingüístico dos pais, na medida em que estes depositam em seus filhos aspirações, abrindo, portanto, espaço para uma série de processos identificatórios. Essas formações desejantes que estão no discurso do adulto funcionam como verdadeiras munições por meio das quais se empreende o trabalho de estruturação subjetiva.

De acordo com Roudinesco (1998) e Laplanche e Pontalis (2001), identificação é o processo central pelo qual o sujeito se constitui e transforma, assimilando ou tomando posse, em movimentos únicos de sua evolução, dos aspectos dos indivíduos que o cercam, segundo os modelos desse outro, e a “personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações” (Laplanche & Pontalis, 2001 p.226).

Segundo Bergeret (2006), existem dois grandes momentos identificatórios constitutivos da personalidade: a identificação primária, ou seja, o modo primitivo de constituição do sujeito sobre o modelo do outro, correlativos da relação de incorporação oral, visando assegurar a identidade do sujeito, a constituição do si mesmo e do eu; a identificação secundária que é da mesma época do movimento do Édipo, realizando-se sucessivamente em

relação aos dois pais (pai e mãe), em suas características sexual e constitutiva da identidade e diferenciação sexuada.

Como destaca Florence (1994), o que o próprio conhecimento a respeito da identificação permite compreender, e ao mesmo tempo a distingue da imitação, empatia, compreensão ou projeção, é que o sujeito é constitutivamente marcado pelo Outro, pelo plural em relação ao mesmo, ao si-mesmo. Em suma, “identificação não é somente o caminho da formação de um elo sonhado ou fantasiado com o objeto do desejo, mas também a condição para a instauração de um elo social, e isso duplamente: no plano cômico da relação imaginária com o mesmo, e no plano espiritual da troca simbólica, que não é de estrutura dual, mas ternária, por conta da mediação significante” (Birman, 1994 p. 125).

Na forma completa do movimento edipiano, no qual existem duas ligações, psicologicamente diferentes, a ligação objetal com a mãe e a identificação com o pai, coexistem quatro tendências e duas identificações: tendência ternária em relação ao pai e a mãe, tendência hostil em relação ao pai e a mãe, sendo que as diferenças de intensidade vistas por essas duas identificações refletem a “desigualdade das duas variedades de disposições sexuais” (Bergeret, 2006 p.43).

Os efeitos de complexo de Édipo, segundo Laplanche e Pontalis (2001), sobre a estruturação do sujeito são descritos em termos de identificação: os investimentos nos pais são abandonados e substituídos por identificação. Nesse contexto, Freud destaca que na medida em que o pai e a mãe são, cada uma por sua vez objeto de amor e rivalidade, essas identificações formam uma complexa estrutura. Sendo que, para a constituição de qualquer identificação é possível que tenha necessidade da presença dessa ambivalência.

Uma das formas de identificação é a identificação com o agressor, mecanismo de defesa isolado descrito por Anna Freud (1936). Essa identificação é caracterizada quando o sujeito, frente ao perigo exterior, identifica-se com seu agressor. De acordo com a autora, esse

mecanismo seria predominante para a construção da fase preliminar do superego, pois a agressão mantém-se então dirigida para o exterior e não se voltou contra o sujeito sob forma de autocrítica.

A ação de identificação com o agressor pode ser vista em contextos variados (agressão física e críticas) e a identificação pode vir antes ou depois da agressão temida, ou seja, ocorre uma inversão de papéis, segundo Anna Freud (1939). A autora relata que o sujeito passa por uma primeira fase em que o conjunto da relação agressiva se inverte: o agressor é introjetado, enquanto que a pessoa atacada é projetada para o exterior. Só no primeiro momento que a agressão se volta para o interior e a relação, no total, é interiorizada.

Laplanche (2001) situa a identificação com o agressor na origem da formação do eu ideal; no interior do quadro de conflito de demandas entre a criança e o adulto dotado de um 'poder', o que implica o desconhecimento do outro, como na submissão.

Para Costa (1986), o sujeito violentado é aquele que, *a posteriori*, “virá, a saber, que foi submetido a uma coerção e a um desprazer absolutamente desnecessários ao crescimento, desenvolvimento e manutenção de seu bem-estar enquanto ser psíquico” (pp. 95-96).

O problema da violência sofrida nos tempos da constituição do sujeito psíquico agrava-se quando “o agente da violência é concomitantemente condição inelutável de sua sobrevivência e porta-voz onipotente de sua sentença de morte”. Esse duplo vínculo coloca o sujeito em um impasse: “ou aceita definir sua identidade segundo a palavra arbitrária do intérprete da lei – o que significa morrer – ou nega a existência deste intérprete, abolindo sua representação”. Jurandir Costa afirma que o sujeito nem sempre é obrigado a recusar a representação do agressor (Costa, 1986,p.100). O autor não chega a sugerir alternativas, mas acredita-se que uma delas é a identificação com o agressor.

Uma das primeiras tentativas de abordar o problema da identificação com o agressor foi feita por Ferenczi (1932). Para o autor, o medo que as crianças sentem do adulto agressor

faz com que elas se identifiquem com ele. Elas sentem-se obrigadas a submeter-se à vontade dele e esquecem de si mesmas. Novamente encontramos algo semelhante a uma alienação nas situações de violência vividas precocemente.

Segundo Belo (2004), a identificação, a princípio, não vê no medo o verdadeiro combustível para a identificação com o agressor.

“A identificação, nos primeiros momentos da vida psíquica, não parte da criança. Como o eu poderia identificar-se com alguém se ainda o próprio eu não existia? A solução é pensar que, nos primórdios, a identificação seja um processo que parte do adulto para a criança, isto é, a criança é identificada pelo adulto muito mais do que se identifica com ele. Só assim pode-se entender a identificação com o agressor. Tem que haver uma relação amorosa com a criança para que essa identificação se realize. A culpa mostra a existência do amor – mesmo que ambivalente” (p.81).

## **2.2. A Subjetividade da Violência**

De acordo com Guerra (1988) a violência é um processo de objetualização da criança ou adolescente, são despidos de qualquer subjetividade e reduzidos a condição de “objeto de mau trato”. Neste sentido, existe uma violência interpessoal e uma imposição de maus-tratos à vítima no ato violento doméstico, onde as vítimas são levadas à completa sujeição, transformando-se em objetos.

Dessa forma, observa-se que a violência intrafamiliar consiste em:

“numa transgressão do poder disciplinador do adulto, convertendo a diferença de idade, numa desigualdade de poder intergeracional; negação do valor liberdade: a violência exige que a criança/adolescente sejam cúmplices do adulto, num pacto de silêncio e processo de vitimização como forma de aprisionar a vontade e o desejo da criança/adolescente, de submetê-lo ao poder do adulto a fim de coagi-lo a satisfazer os interesses” (Guerra, 1988 p.31).

Para além da construção da subjetividade, é interessante ressaltar sobre as conseqüências da violência infligida pelos pais. Para tanto, considera-se o ato violento podendo decorrer numa ação psíquica ou somática, mas sempre acarreta dor e trauma psíquico. Segundo Nascimento (2002), qualquer tipo de violência física sobressaia a dor

somática, mas a dor psíquica que vigora como fator traumático e desestruturante da personalidade.

Para melhor compreensão, destacam-se as distinções entre instinto e pulsão e seus correlatos de acordo com a teoria freudiana, pois são conceitos que viabilizam a derivação de ato violento/ violência e ato agressivo/agressividade (Nascimento, 2002).

Darwin (1985) afirma que instinto é “quando uma ação para ser praticada por nós exige experiência (...) e quando tal ação é praticada por muitos indivíduos de maneira idêntica, sem que estes desconheçam sua finalidade, costuma-se dizer que aquela ação é instintiva” (p.185).

Na perspectiva freudiana o impulso que ocasiona o comportamento não é o instinto, mas sim a pulsão de vida ou de morte, ou seja, sexual (prazer ou desprazer) ou destrutiva. Este processo dinâmico é realizado no corpo e suscita à manifestação de um estado insatisfação (desprazer), que pressiona o corpo a busca da satisfação (prazer), através da escolha de um objeto para tal fim. Nascimento (2002) destaca que diferente do que ocorre no instinto, o objeto não é fixo, e que a pulsão é melhor identificada enquanto associada a uma idéia ou fantasia, que é a expressão de um desejo em torno do qual é experienciado um estado afetivo.

No âmbito das relações humanas familiares, especialmente entre pais e filhos, subentendemos sujeitos que se colocam para o outro ou o outro para si, como meio de satisfação de fantasias oriundas de desejos sexuais ou destrutivos. Neste contexto, a realização de um desejo corresponde à posse de um objeto por um sujeito, para que o mesmo sirva de meio à realização das fantasias sexuais (pulsão de vida) ou destrutivas (pulsão de morte), permitindo, assim, a saída do estado de insatisfação (desprazer) para o de satisfação (prazer) (Nascimento, 2002).

Por meio dessas considerações, pode ser percebida a existência do afastamento de uma concepção ‘biologizante’ do comportamento, caracterizado como instintivo, e a aproximação do comportamento como desejante, que é subjetiva, a passagem de uma concepção do homem como ser eminentemente biológico, instintivo, para outra, como essencialmente subjetivo, desejante.

O ato violento é a expressão de uma realização pulsional na qual o objeto violentado serve como meio à realização de uma fantasia destrutiva. Costa (1982) advoga que:

“todos esses exemplos e outros do gênero, só atestam a diferença existente entre a violência humana e a agressividade animal. O motivo é evidente: esse tipo de ação destrutiva é irracional, mas porta a marca de um desejo. Violência é o emprego desejado da agressividade com fins destrutivos. Esse desejo pode ser voluntário, deliberado, racional e consciente ou pode ser inconsciente, involuntário e irracional. A existência destes predicados não altera a qualidade especificamente humana da violência, pois o animal não deseja, o animal necessita. E é porque o animal não deseja, que seu objeto é fixo, biologicamente predeterminado, assim como o é a presa para a fera” (p.31).

Neste sentido, Costa (1982) denuncia à necessidade da distinção do ato agressivo, impulsionado por uma necessidade (fome, sobrevivência etc.), cujo objetivo é a adaptação ao meio, do ato violento que, impulsionado pelo desejo, tende, no outro, à satisfação de uma fantasia associada à realização de um desejo de destruição. O primeiro é próprio ao animal; o segundo, ao homem (Nascimento, 2002).

Neste contexto, é possível conceber que o ato violento doméstico contra a criança ou adolescente “não está condicionado a uma necessidade instintual, mas à existência, no outro, de um desejo de destruição: aquele que violenta deseja, física ou psiquicamente, a destruição do violentado” (Nascimento 2002, p.51).

Os tipos de violência como expressão intersubjetiva de uma relação na qual o violentador é aquele que deseja e realiza na criança ou no adolescente, um desejo de destruição: “a objetualização do violentado corresponde ao violentador colocá-lo como objeto do seu desejo de morte”. Dessa forma é possível notar quão grande dor é infligida ao sujeito violentado.

### Capítulo III

#### VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR/DOMÉSTICA E DOR

Em seu livro intitulado “O livro do amor e da dor”, Nasio (1998) não diferencia a dor como física ou psíquica, mas como um fenômeno limítrofe entre o físico e o psíquico. No entanto, relaciona o conceito de dor ao conceito do “eu”. Segundo a teoria da psicanálise o “eu”, é a instância psíquica que, experencia, entre outras, o desprazer associado ao surgimento dos desejos ou, ao conflito entre os desejos ou, dos desejos destes com a realidade.

Entretanto Nasio (1998) considera uma relação diferente entre dor e Eu, sendo que: quando o desprazer exprime a autopercepção pelo eu de uma tensão elevada, mas passível de ser modulada, a dor manifesta a autopercepção de uma tensão incontrolável em um psiquismo alterado. Assim, o desprazer é visto como uma sensação que reflete na consciência um aumento da tensão pulsional, aumento submetido às leis do princípio do prazer. Ao contrario, a dor é o depoimento de uma profunda desestruturação da vida psíquica que esquiva ao princípio de prazer.

“Essa experiência singular ocorre com a perda de um objeto amado, o abandono pelo objeto amado, a mutilação de uma parte do corpo ou a humilhação que fere o narcisismo, e isso num processo de três tempos: o tempo da ruptura, o tempo da comoção e o tempo da reação (Nascimento, 2002 p. 53)”.

Cada uma dessas experiências pode ser tanto no processo consciente como inconsciente. É consciente naquilo que o “eu” percebe a dor relacionada com acontecimentos externos e inconscientes na medida em que o “eu” desconhece os desejos e as fantasias às quais a experiência dolorosa está relacionada.

No que se refere à dor da perda e do abandono, segundo Nasio (1998) tem-se a experiência da fratura da fantasia que laça o “eu” ao amado ou ao seu amor. O amado é um outro externo, ‘vivo’ no inconsciente como uma fantasia, o que faz toda experiência de perda

externa ser também, uma perda interna. A fratura dessa fantasia é a cisão que sutura o eu ao amado. O desejo e as pulsões, com a perda desse objeto, entram em desajuste caracterizando assim a dor.

“Na ausência do objeto, por morte ou desamor, portanto, na impossibilidade da satisfação, o eu é tomado pela dor e o que dói não é perder o ser amado, mas continuar a amá-lo mais do que nunca, mesmo sabendo-o irremediavelmente perdido” (Nasio 1998, p.30).

“Agora que reconhecemos a fratura da fantasia como o acontecimento maior, intra-subjetivo, que se sucede ao desaparecimento da pessoa amada, podemos afirmar que a dor exprime o encontro brutal e imediato entre o sujeito e o seu próprio desejo enlouquecido” (Nasio 1998, p.51).

O tipo de violência intrafamiliar caracterizada como negligência pode ser percebida e relacionada ao abandono (dor do abandono), pois, quando os laços afetivos são rompidos, pelo descuido ou falta de amor pelo o outro, mostra-se o desejo da destruição. É a rasgadura do eu, que o ato violento produzido pelo outro gera na criança ou no adolescente vitimado.

No que se refere a dor da mutilação, Nascimento (2002) afirma que o “eu” passa pela experiência de uma percepção de ruptura advinda da excitação da lesão dos tecidos orgânicos. Essa ruptura é percebida externamente como apreensão da lesão e as sensação, e internamente como um estado de comoção vivido pelo “eu”. Dessa foram:

“o sujeito percebe ao mesmo tempo a dor que emana do seu braço ferido e o sofrimento interior que o abala. A dor da lesão o incomoda na fronteira do seu corpo, enquanto a da comoção o consome a partir do interior. Tudo acontece como se houvesse primeiro a lancinante sensação de queimadura no braço, localizada em um ponto da periferia: “Tenho dor” significa que circunscrevo e, afinal, enfrento a dor. Mas logo se eleva, do âmago do ser, uma dor, bem diferente, essencial e profunda. Essa dor, não a possuo, é ela que me possui: “Sou dor” (Nasio 1998, p.75).

Outro ponto que é interessante ser destaque, é a dor da humilhação. De acordo com a teoria de Freud (1974) sobre o narcisismo, é a que descreve a dor da humilhação, pois, o investimento pulsional em que o eu toma a si mesmo como objeto de desejo. No âmbito desta conceituação, Freud diferencia duas instâncias: o eu ideal e o ideal do eu. No eu ideal as fantasias que colocam o eu, para si mesmo, como imagem de perfeição e, no ideal do eu,

aquelas fantasias oriundas da identificação com as figuras parentais instituidoras de um modelo para o eu.

Neste contexto, é a violência psicológica que provoca no “eu” uma ruptura parcial ou total das fantasias narcísicas, pois, o desregramento da pulsão e do desejo, já que neste processo origina-se também pela indiferença do outro, a perda de um objeto amado, o próprio eu investido por si mesmo como objeto de perfeição (eu ideal) ou modelo (ideal de eu).

Relacionando a dor da humilhação com a violência psicológica, nota-se que se tem na violência psicológica um estado de comoção, no qual o outro leva o eu a submergir na dor da perda de si mesmo como objeto da sua própria pulsão e desejo. “O ato que humilha diz ao sujeito que nada há nele para ser amado pelo outro e também por ele mesmo” (Nascimento 2002, p.56).

A dor presente no ato violento, no contexto da violência intrafamiliar ou doméstica é uma experiência, não somente desprazerosa, mas limítrofe entre o psíquico e o somático, que é vivenciada pelo eu como desregramento das pulsões e do desejo. Pode-se dizer que, a fala, verbal ou silenciosa, o grito e o choro, são as formas encontradas pelo eu, para reparar a dor vivida nas experiências da violência, reagindo “ao estado de ruptura e comoção e, assim, superar a idéia de enlouquecimento provocada pelo desregramento da pulsão e do desejo” (Nascimento 2002, p.56): “a dor exprime o encontro brutal e imediato entre o sujeito e seu próprio desejo enlouquecido” (Nasio 1998, p.51).

Dentro do contexto da superação do traumático diante da dor provocada pelo ato violento nas articulações subjetivas entre violentador e violentado, que leva o eu a um estado de ruptura e comoção, a dor da violência torna-se mais intensa e, portanto, traumática. Na medida em que existe um amor que o violentado endereça ao outro que o deseja destruído, ou se o que enlaça um e outro é estruturante, com laços afetivos (os pais), maior é a dor da

violência. Então, neste contexto, como é possível superar o traumático quando quem violenta são os pais?

Na concepção da teoria psicanalítica da estruturação psíquica, os pais são o objeto de amor para a criança ou adolescente. Na diversidade da violência haverá a percepção de que, “aquele que regula o desejo da criança ou do adolescente, o amado, pai e/ou mãe, deseja-lhe a morte, estando perdidos enquanto objeto do desejo de amor” (Nascimento, 2002 p.57).

Diante dessa perda, ocorre a fratura da fantasia que prende filho e pais. O filho, segundo Nascimento (2002) tem a percepção que “esse(s) a quem dedico e suponho que me dedica(m) um amor incondicional nega(m) tal amor, tanto que deseja(m) minha destruição, me abandona(m), me mutila(m) ou me humilha(m), mostrando-se ausente para o meu desejo de amor” (p.57). Observa-se aqui, a experiência de dor, diante da perda do objeto amado.

Biologicamente, a atribuição de filiação uma propriedade essencial, e inegável, pois se é filho de quem é. Subjetivamente, se impõe o reconhecimento “o desejo do homem encontra seu sentido no desejo do outro, não tanto porque o outro detenha as chaves do objeto desejado, mas porque seu primeiro objeto é ser reconhecido pelo outro” (Lacan 1998, p.269).

Com o ato violento é sinalizada a falência desse reconhecimento, sendo a criança ou o adolescente levado a se perceber como um objeto não desejado e, como tal, violentado física e/ou psiquicamente. Nessa situação de desconhecimento, o que emerge é a dor psíquica primeiramente.

Ressalta-se que nem todo ato violento é necessariamente des-estruturante, nem toda relação da criança/adolescente com os pais são qualquer expressão de destruição ou ódio. Freud (1974) nos escritos sobre a pulsão de morte, afirma que essas manifestações desejanter são partes da subjetividade, sendo, demasiadamente humano, que tanto a criança e o adolescente as apresentem em relação aos pais, ou vice-versa. O caráter traumático das relações e a dor estão diretamente relacionados à percepção de que o desejo de morte é

absoluto. Neste sentido, alguns aspectos como a frequência e a intensidade da violência podem contribuir para a consolidação desta percepção. Sendo assim, nem todo ato de abandono, mutilação ou humilhação é, necessariamente, traumático e desestruturante, ainda que seja mais ou menos doloroso.

Diante do exposto, será possível a criança e ao adolescente superar sua dor de abandono, mutilação ou humilhação, no campo da simbolização articulada pela palavra.

## **Capítulo IV**

### **METODOLOGIA**

Este capítulo objetiva apresentar os procedimentos metodológicos deste trabalho, elaborados à luz da pesquisa qualitativa.

#### **4.1. Local da Pesquisa**

A pesquisa foi realizada em uma instituição pública de assistência social, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), localizado em uma região marginalizada e de alta complexidade do município de Goiânia. A instituição tem como público-alvo crianças e adolescentes de 7 a 14 anos que estão em situação de risco pessoal, vulnerabilidade social, situação socioeconômica desfavorável. Essas crianças e adolescentes estão inseridas no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), guarnecidas por uma bolsa de incentivo às famílias, “ajuda financeira”, como meio de estímulo à permanência e adequação aos programas.

O Programa de Atenção Integral à Família (PAIF) é um programa que supervisiona os demais programas da instituição CRAS, como por exemplo, o PETI. O PAIF tem por finalidade prestar serviços de atendimento e acompanhamento psicossocial, realizar visitas domiciliares, encaminhamentos conforme demanda aleatória e disponibilizar aos usuários, familiares e comunidade da região atividades que estimulassem a convivência, o reingresso em sociedade, resgate da auto-estima, fortalecimento de vínculos afetivos e desenvolvimento de habilidades sociais, físicas e psíquicas como via para o enfrentamento do cotidiano.

Para que as atividades propostas pela instituição sejam realizadas, os inseridos nos programas freqüentam-na de segunda à sexta-feira, com a permanência de cinco horas diárias,

ou seja, um período do dia, vespertino ou matutino, desde que fosse o período oposto ao ensino secular, visto que o critério principal de permanência nos programas era o de estar matriculado e freqüente em alguma escola (no ensino secular), obtendo rendimento favorável, caso contrário era desligado automaticamente do programa.

#### **4.2. Participante**

Nesse contexto institucional, algumas crianças se destacavam por suas características em se envolverem em situações conflituosas, eram estigmatizadas como “criança problema”, pela equipe. Nesse grupo, destaca-se um adolescente, de 14 anos, do sexo masculino não só pelas situações de conflitos e demonstração de agressividade, nas quais se envolvia ou era envolvido, como também pelo contexto histórico permeado por inúmeras espécies de violência.

Bob (nome fictício dado ao sujeito) tem 14 anos, sexo masculino, cursa a 8ª série do ensino fundamental da rede pública deste município, é o terceiro da prole de quatro irmãos, residente e morador da região leste do município de Goiânia, região esta considerada de alta complexidade e marginalidade. Foi inserido no programa PETI aos sete anos de idade por encontrar-se em risco pessoal, risco social, vulnerabilidade social e, principalmente, trabalho infantil, sendo encaminhado pelo conselho tutelar da região leste, como consta no relatório social.

#### **4.3. Coleta de dados**

Na coleta de dados, utilizou-se de um estudo de caso a partir de cinco entrevistas abertas do tipo clínico. As entrevistas tinham por objetivo apreender o mundo de Bob dentro

do contexto da violência, a percepção que o sujeito tem sobre si mesmo, sobre as relações familiares, institucionais e ambientais, como percebe o contexto vivido e vivenciado, quais conceitos atribui às situações de violência, quais as formas utilizadas pelo sujeito para solucionar conflitos.

Ressalta-se que foram gravadas as entrevistas e, posteriormente, transcritas assegurando o sigilo absoluto, a integridade física e mental do participante, sendo utilizadas somente para fins acadêmicos.

#### **4.4. Análise dos dados**

Na análise dos dados, utilizou-se a interpretação à luz da teoria psicanalítica por ser uma técnica que admite o acesso às representações mais pessoais e particulares do sujeito, uma via de acesso eficaz na recolha de informações sobre o sofrimento de Bob, as suas dificuldades, sua história, a maneira como ele gerencia as suas relações com os outros, os seus sonhos, seus fantasmas. A técnica da interpretação, baseada na teoria psicanalítica, permite apreender e compreender o funcionamento psicológico de um sujeito através do discurso associativo, tendo como referência para a compreensão, o próprio sujeito. Para uma maior organização do trabalho, viabilizou-se e destacaram-se os temas principais de cada entrevista: eixo temático.

Ressalta-se que tanto a instituição responsável pelo adolescente, como o próprio adolescente assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A e B).

## Capítulo V

### RESULTADOS

Visto que Bob encontrava-se afastado da instituição por aproximadamente um mês e meio, solicitou-se à equipe técnica (assistente social e psicóloga) do PAIF para que se realizasse visita domiciliar para coleta de informações sobre a ausência e verificação do possível retorno do sujeito por livre e espontânea vontade. Esse contato permitiu ressaltar a importância da permanência do sujeito na instituição, uma vez que estava com o tempo ocioso, fora do ambiente escolar e familiar, podendo acarretar em risco pessoal. Além disso, ressaltou-se a necessidade do contato da pesquisadora com o sujeito a fim de se tratar sobre a pesquisa em desenvolvimento. Após o contato, o sujeito retornou à instituição e foi possível realizar as entrevistas.

O primeiro dia do retorno de Bob à instituição foi assinalado por conflitos entre instrutor e sujeito, pois uma instrutora chamou-lhe a atenção de forma supostamente agressiva, ou seja, falou-lhe alto. Não aceitando a forma pela qual a instrutora lhe referia, travou-se o conflito, sendo necessária a intervenção da equipe técnica para acalmar os ânimos. De ânimos acalmados, o sujeito verbalizou o desejo de retirar-se da unidade imediatamente, mas ainda não o fez porque estava ali somente com a finalidade de falar com a pesquisadora.

Nota-se, nos relatos de Bob, que uma relação com a pesquisadora já estava estabelecida mesmo antes do primeiro contato para realização das entrevistas. Uma razão para isto pode ser o fato de que seis meses antes das entrevistas a investigadora era técnica da equipe do PAIF na instituição, sendo muito continente em relação a Bob.

Com receio de que Bob inicialmente não aceitaria nem ao menos conversar com a pesquisadora, posteriormente ficou surpresa pela prontidão e interesse do sujeito.

Com objetivo de facilitar a acessibilidade e visualização dos conteúdos das entrevistas, foram elaboradas categorias que buscam resumir os principais temas das entrevistas.

#### 5.1. Eixos Temáticos:

- 1 – Violência no contexto familiar;
- 2 – Violência no contexto institucional (escola, bairro e CRAS);
- 3 – Entendimento sobre a violência
- 4 – Percepção e reconhecimento de autoridades;
- 5 – Percepção do sujeito sobre si mesmo;
- 6 – Percepção do sujeito sobre suas relações objetais;
- 7 – Identificação; e
- 8 – Expectativa acerca do futuro.

Os eixos temáticos, mesmo que de forma segmentada, deixam apreender uma trajetória de vida marcada por inúmeras violências e situações que sugeriam comportamentos agressivos nas relações de Bob com a família, com o contexto social e consigo mesmo.

As entrevistas tiveram seu início com o questionamento sobre a ausência de Bob da instituição, abrindo espaço para indagações a respeito dos conflitos que permeiam sua vida.

##### 5.1.1 Violência no contexto familiar

O primeiro tema diz respeito à violência no contexto familiar. Bob relatou que vive num contexto extremamente propício à agressividade, isto é, um contexto familiar e institucional violento, vez que, sua trajetória de vida foi marcada por relações que encenavam conflitos intensos.

O ponto notável para o início das desavenças no seio familiar, foi descrito por Bob através das intermináveis brigas entre pai e mãe, chegando de fato a agressões verbais e físicas, acompanhadas da presença de arma de fogo como forma de intimidação e imposição da autoridade do pai.

Bob não soube destacar as motivações para as agressões, visto que o pai, de acordo com Bob, não ingeria bebida alcoólica, ou outra substância que provocasse um desajustamento mental e comportamental. O uso ou não de drogas é inerente ao comportamento agressivo, mas para Bob, era *“estranho porque ele não bebia e nem usava drogas, mesmo assim era agressivo”*.

Com o relato de uma série de violências no contexto familiar, protagonizados inicialmente entre pai e mãe, conseqüentemente Bob e seus irmãos reproduziam cenas semelhantes. Destacou que o ponto alto do conflito familiar, a briga do casal, ocorreu quando houve o desvendamento do abuso sexual que o pai cometera contra sua irmã, violando sua integridade física e psicológica, exercendo um suposto poder sobre a filha.

Em face do fato, Bob tomou providencia na tentativa de proteger a irmã, que havia confidenciado a ele os abusos, na busca de unir forças para pedir socorro à mãe. Ao tomar conhecimento do ocorrido, a mãe expulsou o pai de casa, com o aval dos filhos e formalizou todos os procedimentos legais cabíveis.

Após a prisão do pai, outras situações eclodiram: desavenças, ameaças e agressões físicas intermináveis entre o Bob e o irmão “D”, iniciando um novo ciclo de violência.

Com a saída do pai do seio familiar, os conflitos e agressões físicas continuaram, mas protagonizados pelo sujeito investigado e seu irmão “D” (o filho primogênito), conforme descrito em seus relatos: *“aí nois brigou mesmo, foi uma briga feia, ele me dava uma porrada, eu dava nele também, e essa foi a briga”*, *“...tava andando com faca pra mata ele, se ele viesse ia pra cima mesmo”*, *“... aí muitas vezes eu ficava todo roxo e eu não gostava de*

*falar pra ninguém, como eu era muito calado... aí foi nessa época que eu falei que ia bater também... ou eu falei chega eu vai aprender a bater também...”.*

Bob atribuiu a inserção do uso e abuso de bebidas alcoólicas e supostamente drogas ilícitas na família às mudanças comportamentais do irmão. Outro fator que Bob expõe como questão preponderante nos conflitos familiares foram as companhias adquiridas pelo irmão e a inserção deste no mercado de trabalho através do Programa Jovem Aprendiz, pois *“queria mandar em tudo, brigava com os nois”*. Isso decorreu do fato de que o irmão de Bob começara, a partir dessa época a ajudar financeiramente em casa na aquisição de produtos de ultima necessidade, uma vez que encontravam-se em situação de miserabilidade.

Um outro tipo de violência foi experienciado no âmbito familiar de Bob, após a morte trágica (atropelamento) da avó paterna. A família paterna queria resgatar a casa onde Bob, mãe e irmãos moravam, pois, estava localizada no mesmo lote em que a avó paterna residia. Assim, teve início um período marcado por perseguições e desavenças familiares.

A avó, por sua vez, tinha lhes cedido o lote, pois não tinham onde morar. Como não havia documento comprobatório para a permanência da família de Bob na casa, a família paterna decidiu *“lutar”* com todas as armas que possuíam principalmente *“braçais”* para reaver a casa. Bob via-se sob ameaça permanente de violência em ambos os sentidos, com situações de agressividade e luta pela sobrevivência constantes. De acordo com sua fala, a ferocidade das investidas da família paterna não se dava somente com o objetivo de reaver a casa e sim sob a forma de retaliação pela prisão de seu pai: *“... Foi aí os irmãos dele ficou sabendo disso e veio em cima também, e chegaram e falaram que queriam a casa...”, “... porque a família dele é uma briga atrás da outra...”*.

Após inúmeros confrontos entre sua família e os familiares paternos, as marcas mais visíveis estavam presentes no corpo e na mente da mãe de Bob, pois, segundo ele sua mãe ficou com seqüelas gravíssimas advinda de um número significativo de golpes na cabeça (de

acordo com o diagnóstico médico: Esquizofrenia), “... *ficou doida...*”, tornando-se incapaz de cuidar dos filhos.

### 5.1.2 Violência no ambiente Institucional (bairro, escola e CRAS)

O segundo tema refere à violência no contexto institucional. De acordo com a fala de Bob, certa vez fora acusado injustamente de um “*crime*”. Esse “*crime*” ocorreu no CRAS, pois foi acusado (por um colega), de molestar uma menina dentro da instituição. Segundo o relato de Bob não teve participação em “*passar a mão no negócio da menina... passar a mão no certo lugar da menina*”.

Após apuração de fatos, a coordenação pedagógica do CRAS comprovou o envolvimento de Bob e foram tomadas as medidas cabíveis, como o seu encaminhamento à Delegacia Especializada de Apuração de Atos Infracionais (DEPAI), respondendo pelo crime.

Outro contexto repleto de violência que ao longo da fala de Bob confundiu-se com a violência no contexto familiar, está ligado à violência do bairro em que reside. A região leste do município de Goiânia caracteriza-se pelos índices elevados de criminalidade, envolvendo uso, tráfico e abuso de drogas, com crianças, adolescentes e mulheres envolvidos na disseminação da droga, nos assassinatos, nos roubos, enfim, o que se configura como um contexto repleto de violências. Em sua fala, Bob relata sobre as experiências fora do ambiente familiar, que são experiências permeadas de conflitos violentos também.

No tocante à instituição escolar, o sujeito relata inúmeras discussões tanto com professores quanto com os colegas, onde os mesmos eram vítimas da “*raiva*” de Bob, “*descontava*” na escola os conflitos intrafamiliares: “*apanhava e descontava minha raiva nos outros*”.

No que se refere à instituição CRAS/PETI, Bob relatou o desejo de sair da instituição, pois a percebe como um contexto estimulante à agressividade e violência. Desde sua entrada na instituição os conflitos eram freqüentes e resolvidos com violência: *“porrada...brigamo muito”*.

### 5.1.3 Entendimento sobre a violência

O terceiro tema abarca a percepção de Bob sobre a violência experienciada, como entende essa violência.

Segundo Bob, nos conflitos familiares, não há lugar para diálogos, pois: *“nois chegava e conversava com ele, mas ele (irmão) é muito ignorante”*. Jamais lhe fora apresentado, até então, outra forma de solução dos conflitos a não ser agir e reagir na mesma medida. Todavia, por meio da inserção de um novo membro na família, o padrasto, Bob relatou que possuía um bom relacionamento com ele, porque *“ele conversa com nois, dá conselho, fala o que pode e não pode”*.

Frente a um contexto violento no bairro onde reside, Bob percebeu a necessidade e o desejo de distanciar-se dessa região para não ficar igual ou ter o mesmo fim que as pessoas de lá, uma vez que há relatos de dominância do tráfico. Muitas crianças e adolescentes da região servem como ‘mulas’ para traficantes, e alguns policiais, segundo descreve Bob, compactuam com a criminalidade, confundindo-se lei e transgressão. Há baixa expectativa de vida, muitas vezes não se chegando aos 21 anos, mas, quando chegam, alguns jovens já tiveram de cumprir pena pelos crimes.

Em sua fala, percebe as instituições as quais pertence, de ensino e assistenciais, como lugares que estimulam a violência, lugares que oferecem munição para que atos violentos sejam perpetuados.

#### 5.1.4 Percepção e reconhecimento da autoridade

O quarto tema investigado diz respeito à percepção e entendimento da autoridade. Na fala de Bob, ficou latente ou manifesto que havia confronto freqüente com a professora, ou seja, agressões físicas e verbais compunham o dia-a-dia o seu na escola. Se solicitado a fazer algo que não lhe agradasse ou por mau comportamento fosse advertido, a resposta era agressiva e violenta, não respondendo ao comando, e muito menos aceitando a autoridade.

Bob demonstra ter dificuldades em reconhecer a autoridade, pois esse fato pode ser notado nos conflitos familiares, nos conflitos institucionais, na forma de vida, destemida e ilimitada e na maneira como percebe o papel social dos policiais e como vê as leis.

#### 5.1.5 Percepções do sujeito sobre si mesmo

O quinto eixo temático investigado neste estudo faz referência às percepções de Bob a respeito de suas próprias experiências no contexto da violência, destacando como percebe a si mesmo, como percebe as suas relações objetais e como entende o que acontece.

Em meio à ferocidade das experiências que fazem parte de sua trajetória de vida, Bob se percebe como um vulcão, conforme relata: “... *não tem um vulcão, ele explode né, eu explodi*” que entra em erupção facilmente, basta “*qualquer coisinha e explode*”, como um “*curto circuito*” mediante as situações de violência.

Em relação aos conflitos, presentes nas suas relações objetais, Bob relatou que, dependendo da intensidade do conflito e das moções pulsionais, esquece-se das ações que fez: “...*eu não lembro...tipo assim dá uma pancada na cabeça e cabou tipo assim, se dorme e acordo no outro dia sem saber pra onde foi, pra onde vai, o que aconteceu...*”.

Outro ponto notável em relação às percepções de Bob sobre si mesmo diz respeito ao fato de que, em alguns momentos, diz não acreditar que foi ele mesmo quem realizou determinados atos, é como ele se despersonalizasse: *“... tipo assim você arrastar três policiais na força, eu acho que uma pessoa tem que ter muita, mas muita academia agora um menino que tinha mais ou menos uns dez anos todo franzino, arrastar três caras é muito difícil, por isso eu me acho meio estanho... será que eu fiz isso...”*.

Ainda em relação à percepção de si mesmo, Bob apresentou, em seu discurso, verbos em tempo passado, como *“eu era ignorante”*, *“antigamente era nervoso”*, *“eu era homem honesto”*. Verbalizou que passou a ser revoltado por causa das brigas em casa: *“...e minha vida toda foi assim um clima de brigas de irmãos... teve uma vez que até passei a ser revoltado”*. Para Bob, ser revoltado significava que *“a vida não tem mais sentido... eu nem sei explicar como é que é, mas é muito ruim ser assim”*.

Bob caracterizou com dois lados: um ruim e o outro bom. Essa dicotomia é representada pelos papéis sociais que Bob esperava desenvolver: de um lado, o desejo de ser policial: *“o meu lado ruim quer ser policial”*. Nesse sentido, para ele, a autoridade policial não respeita as leis, pelo contrário, é um estimulador da violência. Já *“meu lado bom quer ser bombeiro porque salva vidas”*.

Em meio a esses conflitos, Bob demonstrou a busca na crença em Deus e na religiosidade, que, segundo ele, constitui a força necessária para punir aqueles que lhe causaram frustração. *“... Deus eu quero justiça, eu não aceito o que eu to vivendo... aí chegou uma época que passou um cara de moto correndo e xingando minha mãe, pra você ver como a palavra tem fogo puro, eu falei tomara que ele cai e quebre a cara logo ali na frente...ai um carro virou e acabou com a moto do cara, ai eu falei: - Deus eu matei o cara (risos)!”*

#### 5.1.6 Percepção do sujeito sobre suas relações objetais

O sexto tema refere à percepção de Bob sobre suas relações objetais. As relações objetais de Bob foram marcadas por conflitos intensos em seus vários contextos, desde familiares a institucionais. No contexto dos conflitos familiares, por meio dos relacionamentos inter-familiares, Bob percebia que tinha dificuldade em comunicar-se, ou seja, não havia lugar para diálogo: *“nois chegava e conversava com ele, mas ele (irmão) é muito ignorante”*. Segundo sua fala, não foi apresentado, até então, outra forma de solução para os conflitos a não ser agir e reagir na mesma medida, com violência.

Por meio da inserção de um novo membro na família, o padrasto, pois *“ele conversa com nois, dá conselho, fala o que pode e não pode”*, o que possibilitou à oportunidade de Bob conhecer uma nova forma para amenizar os conflitos.

Num contexto familiar com histórico de violência, onde cada um cuida de si, Bob narrou sobre os conflitos intermináveis com o irmão, não admitindo os laços afetivos, embora reconheça a existência de laços que os une como irmão: *“ele nunca foi um irmão pra mim”*. Considera o irmão um inimigo que está disposto a tudo para conseguir o que deseja, mediante a isso prefere isolar-se: *“não sou muito de dialogar com eles”*, ou seja, prefere ficar quieto pois, mesmo que repudiasse a idéia, *“... muitas pessoas falava, assim: você vai ser igual o “D”, aí eu falo assim: isso é pedir pra morrer sozinho!... eu viver igual ele vive, ta doido!É eu pedir pra morrer”*, se estivesse fadado a ser como ele.

No que tange ao relacionamento de Bob com o pai, este revelou-se ainda mais complexo, pois *“considero que não tenho pai... quero esquecer que aquele homem existe... ele sempre foi presente”*.

No tocante à instituição, tanto escola regular como CRAS/PETI, eram percebidas por Bob como lugares estimuladores e perpetuadores da violência, muito longe de um lugar de apoio e ensino. Submerso nesse mar de conflitos, Bob fracassara algumas vezes na escola,

pois cursa a oitava série do ensino fundamental, mas revelou muita dificuldade em leitura e escrita.

Bob percebe o contexto social ao qual pertence (o bairro) como violento, onde, segundo seu discurso, *“só tem maloqueiro, assassino, traficante, ignorante, usuário de drogas, ladrão, maconheiro, mala... e que as pessoas matam e, depois, perguntam o nome”*, o que também muito influenciou para que as brigas em casa aumentassem. Relatou nunca ter se envolvido com entorpecentes, ou ter roubado, ou traficado drogas, como muitas crianças da região: *“... por eu ter crescido aqui eu também sou ignorante. Por todo mundo no bairro ser eu também sou”*.

#### 5.1.7 Identificação

O sétimo tema investigado diz respeito à identificação de Bob. Em sua constituição enquanto ser, Bob refere ter incorporado o mesmo vocabulário do pai, sem mesmo saber o significado: *“... quando eu nasci, meu pai falava muito em matar minha mãe, eu ouvia muito..., uma vez ele até apontou uma arma pra minha mãe,... tinha um ano e pouco, ai eu passei e comecei a falar isso também que ia matar ele...”*. Como se percebe é uma identificação tanto nas atitudes físicas quanto psicológica: *“... é essa parte eu puxei meu pai (referindo-se à questão do nervosismo), até o jeito de andar, o jeito de falar eu puxei dele, o jeito de ser, se vendo eu aqui é a mesma coisa de vê ele... um espelho do outro”*. De fato, se um é espelho do outro, verifica-se que Bob reproduz, de certa forma em determinadas ações e comportamentos, a vida do pai.

#### 5.1.8 Expectativa acerca do futuro

O oitavo e último eixo investigado refere à expectativa de Bob quanto a seu futuro. Inserido num contexto de conflitos freqüentes, que exala violência tanto familiar, institucional quanto no bairro onde reside, o que o faz perceber a vida sem sentido algum, Bob relata muitas incertezas quanto a seu futuro. Por ter construído uma trajetória repleta de desavenças, Bob tem a consciência de que, ao *“caçar encrenca, pois se tinha briga em casa descontava na rua”*, conseqüências sérias poderiam acarretar, pois vivia à permanente espera da violência: *“a minha vida sempre foi assim”*.

Frente a essa situação, Bob indagou-se: *“será que vou chegar aos 21 anos? Será que vou ser alguém na vida?”*, o que, para tanto, *“tem que esquecer o meu passado”* e ir *“quanto mais longe melhor”*. Sendo assim, a personificação de ser alguém na vida e de cursar faculdade de *“administração ou direito, que pode ser alguém na vida”*.

## **5.2. Análise interpretativa do desenho: observações sobre o desenho**

No decorrer da última entrevista, Bob fez um desenho espontâneo (Anexo D) sem prévia solicitação da pesquisadora. Ressalta-se que o desenho não foi utilizado como técnica projetiva no estudo, mas, mesmo espontâneo, o desenho contribuiu para a análise interpretativa.

O desenho de Bob refere-se a uma paisagem: cachoeira, vegetação, arvores e dia ensolarado, na qual, relata nunca antes tê-la visto, mas que, com freqüência, aparecem em seus sonhos. Fez o desenho em preto e branco, posteriormente, solicitou lápis colorido para pintar o desenho, associando os dois momentos, sem cor e colorido, as situações vividas em sua história.

De acordo com o manual e guia de interpretação do HTP (Buck, 2003), os desenhos de arvores sugerem associações mais subconscientes e inconscientes e menos conscientes, sendo

uma forma de expressão gráfica de equilíbrio sentida pelo indivíduo e de visão de seus recursos de personalidade para obter satisfação no e do ambiente.

Notou-se que Bob busca recursos para manter o equilíbrio da sua personalidade, podendo ser visto através dos mecanismos de defesas e ativação dos processos primários, como impulsividade e deslocamento sendo utilizados para “*combater*” as situações desprazerosas e de angústia que lhe são apresentadas.

Permeado por conflitos internos, Bob visa por meio do processo identificatório obter satisfação no e do ambiente. Numa posição sadomasoquista infringir a si e aos outros os mesmos sentimentos agressivos que lhe foram conferidos.

De maneira geral, a análise interpretativa do desenho de acordo com Buck (2003), sugere um equilíbrio precário da personalidade, causada pela frustração e gerada pela incapacidade de satisfazer as necessidades básicas. Demonstra ainda que pode estar sob pressões ambientais percebendo a perda da capacidade para lidar com essas pressões, mas resiste e luta para manter o equilíbrio e, em alguns momentos, percebe-se sentimentos de desamparo e isolamento, com uma tendência depressiva: “... *muita coisa eu passo calado, sozinho,... é a pessoa que vive calada*” (referindo ao estado depressivo).

Acredita-se que, além da análise interpretativa, que, de fato, é coerente com a trajetória de vida de Bob, coloca-se através do desenho o pedido de súplica, um grito no silêncio: “... *ai tem um amarelo que é onde o sol pega. Ai não deixa que a claridade apague*”, que Bob faz para que sua integridade mental e física seja preservada e para sair dessa situação, embora utilize dos recursos da violência.

Na sua própria auto-avaliação a respeito do desenho, Bob associa o desenho à sua vida “... *antes a minha vida era que nem um papel preto e branco, todo feio uma vida ruim. Hoje com as matas... a gente é igual as matas, as árvores adoecem a gente também, muitas árvores não tem vida, e nois também. Pra elas ter uma vida própria, nois tem que dá água. E pra nois*

*da vida pro papel tem que dá lápis de cor”, e para que o sujeito tenha vida é preciso de “pessoas pra ajudar e de Deus”.*

## Capítulo VI

### DISCUSSÃO

Os oito eixos temáticos foram levantados a partir da experiência do sujeito que vive dentro do contexto de violência. Por ser parte constituinte de uma história de vida, seria inviável desmembrar os temas ou eixos temáticos para serem discutidos, pois ocorrem como um círculo, que não se finda, numa espécie de compulsão à repetição. Dentro desta perspectiva, Bob, no decorrer das entrevistas, através de seu afeto e de sua fala revive suas experiências passadas como se fossem atuais.

Construindo e sendo construído através de uma trajetória de violência, percebeu-se em Bob uma abertura para apreender e compreender o “seu mundo” sob sua própria perspectiva. Isso pode ser notório quando houve prontidão imediata para participar da pesquisa, vez que, percebia na narrativa de sua história a possibilidade da escuta de seu sofrimento.

No primeiro contato para a realização da pesquisa, notou-se a transferência positiva que Bob estabeleceu com a pesquisadora. Acredita-se que os limites impostos pela pesquisadora na época em que fazia parte da equipe técnica do PAIF, eram percebidos por Bob como sinal de cuidado e zelo, uma forma de demonstração de afeto e carinho por ele.

É interessante pontuar que os limites que vão contra Bob no sentido de sua liberdade, no sentido de sua expressão pulsional é percebido por ele como cuidado. Dessa forma, ao impor o limite, falar o ‘não’, pode ser estabelecida uma relação entre sujeito-pesquisadora. Essa relação ficou notória quando, mesmo após o término da pesquisa ao precisar de algo Bob retornava à unidade solicitando falar com a mesma. Foi estabelecida assim uma relação pautada na credibilidade e na confiança, pois, são elementos que configuram fundamentalmente para uma re-construção de vínculos com figuras positivas.

Em relação à violência no contexto familiar, a manifestação dos conflitos no ambiente familiar era regada por uma ferocidade de comportamentos que, muitas vezes, eram supostamente iniciadas por motivos banais. Diante deste fato, os fatores como condições socioeconômicas desfavoráveis, baixa renda, vulnerabilidade social, residir em região marginalizada, podem contribuir para iniciação e motivação destes conflitos familiares.

De acordo com Hannah Arendt (1994), as dificuldades econômicas, reação contra miséria e sofrimento, as injustiças e desesperanças em relação ao futuro imediato ou distante, são manifestadas por meio de raiva explícita, na qual a pessoa perde o equilíbrio emocional. Nesse contexto, percebeu-se que os protagonistas dos conflitos são tomados de uma “raiva” desequilibrando-os emocionalmente, colocando a própria vida e as das pessoas ao redor em risco ao cometerem atos de extrema violência.

A composição inicial desses conflitos era protagonizada pelos pais de Bob, em uma via de mão dupla: de um lado, o pai agredia fisicamente, com ameaças constantes de morte, tentativas de estupro dos filhos e da companheira; do outro, a mãe defendendo-se na mesma medida dos ataques. A platéia, que eram os filhos, envolvia-se também nos conflitos familiares.

Bob e o irmão travavam a mesma batalha, seguindo o modelo parental, assim, na forma de uma perpetuação da violência dos pais, a violência física protagonizada por estes, com direito a requintes de ameaças verbais, era assistida, aprendida e apreendida.

No que tange aos conflitos internos entre os pares Bob e irmão, pai e mãe notou-se que cada par buscava satisfazer a si próprio, mesmo quando não ficava bem definido aquilo que almejavam. Estes conflitos entre os irmãos sugeriam uma necessidade de buscar o lugar que antes era ocupado pelo pai. Percebeu-se que, os conflitos eram iniciados por motivos banais e tomavam dimensões inimagináveis, chegando ao uso de arma branca. Mediante a ferocidade

das relações familiares, a saída encontrada pelo sujeito foi seguir os passos do irmão e tornar-se como seu pai. Tornar-se violento.

A movimentação interna-externa de Bob realmente pode ser associada a um vulcão, jorra-se lava para todo lado quando “a raiva” surge. O tempo todo busca meios para obter satisfação do ambiente e deixa transparecer que, de tão cotidiana, a violência faz parte da sua vida, sempre está na iminência da violência, sentindo isolamento, desamparo e falta de proteção.

No que se refere à violência no contexto familiar, era justificada devido ao convívio com pessoas “ignorantes” do bairro, como uma espécie de vírus que era transmitido. Em uma via de mão dupla, percebia que os contextos aos quais fazia parte, se fundiam; a violência do bairro entrava em casa, na escola, na instituição e vice-versa. Bob não encontrava outra possibilidade de viver, relacionar-se senão a violência, como algo determinado e que não há vias para sair dela.

No decorrer das entrevistas Bob enfatiza a relação traumática e violenta com o pai agressor, o qual se identifica, no entanto pouco falou sobre o relacionamento com a mãe. Ao referir-se a mãe, falava com carinho e zelo, numa inversão de papéis, onde o sujeito era o cuidador da mãe, e não o inverso.

Ao entrar no mundo do trabalho, “D.” (irmão de Bob) associa o seu rendimento financeiro mensal a poder, autoridade e faz com que esta seja a medida de sua força. Embora inserido no mundo dos negócios como jovem aprendiz através dos Programas Jovem Aprendiz e Projovem, não foi oferecida uma preparação para lidar com dinheiro, novas responsabilidades, profissionalismo, enfim aprender a desenvolver habilidade para gerenciar o novo mundo que lhe era apresentado, pois trabalhar e ter o próprio dinheiro eram algo alheio ao seu mundo.

Inserido numa sociedade capitalista que prioriza o ter e não o ser, conceitos errôneos a respeito do dinheiro vão sendo incorporados ao repertório familiar. Dessa forma, o dinheiro impõe uma autoridade, um suposto poder sobre alguém ou alguma coisa, ou seja, a aquisição de bens proporcionados pelo dinheiro traz a sensação de dominação gerando assim conflitos cada vez maiores entre o par Bob-irmão.

No que se refere à Instituição CRAS/PETI, percebeu-se que as situações de agressividade/violência repetiam-se em ambientes nos quais Bob circulava. Um ponto de destaque foi como situações que ocorreram em casa, o abuso sexual e molestamento do pai de Bob em relação à irmã, repetiram na instituição que o sujeito freqüentava: o CRAS/PETI, agora, protagonizado por ele. Notou-se como a violência no contexto familiar ramifica-se e confunde-se com as demais relações de Bob.

Ressalta-se que é importante que nestas instituições exista um discurso ético e coerente com a prática ética nas relações de profissionais da assistência social e dos usuários.

É importante destacar que desde o núcleo familiar até o núcleo maior de Bob o discurso é a violência, vai da passagem ao ato de violência. Percebeu-se que não há um simbolismo, não se passa da ação à fala, não tem mediação, sempre age com violência não mediada. Bob se dirige a uma instituição que deveria re-organizar toda essa vivência contextual, mas depara-se com mais violência. Em nenhum dos contextos que Bob esta inserido não favorece esta mediação cultural, pois se acredita que um sujeito civilizado faz a passagem da ação à fala (discurso) e não é o que acontece com Bob, até as relações que são estabelecidas por ele passam ao ato, sem mediação do discurso ou da linguagem. Quando se coloca limites, Bob começa a identificar que existe uma nova forma de sobrevivência sem ser a violência, mas sim através do discurso, do diálogo, da linguagem.

Neste contexto de violência não mediada, Bob fala da influência que as características das pessoas que compõe o bairro têm sobre o contexto familiar, ou seja, o contexto externo

reflete no interno da família, mas, ao mesmo tempo, numa ambivalência, verbalizou que os conflitos intrafamiliares influenciam nas suas relações externas.

Enfim, percebeu-se uma instalação de um ciclo de violências e agressividades, em que o modo operante é o mesmo, repetindo nas relações e nos diversos contextos ao qual Bob é inserido. Dessa forma, notou-se que só é possível oferecer aquilo que foi dado, ou ensinado, ou visto.

Marcado por uma trajetória de vida regada por comportamentos agressivos e situações de violência, seja por conservação da vida, defesa ou simplesmente o gozo, satisfação de infligir ao outro o mesmo sofrimento vivido foi estabelecido em suas inúmeras relações consigo mesmo, familiar, escolar, instituição e bairro, Bob viu-se rodeado por conflitos, em ambientes favoráveis e férteis à proliferação e perpetuação da violência.

Inserido nestes ambientes, não encontrando nenhuma saída ou auxílio para reescrever sua história de vida, Bob não aprendeu outra forma de viver, sendo possível a ele somente oferecer aquilo que lhe foi oferecido: “... *minha vida sempre foi com violência dentro da minha casa...*”.

Sobre a proposta institucional, notou-se que a proposta da instituição não era condizente com a realidade de fato, pois não proporcionavam aos inseridos dos programas uma viabilização em solução de conflitos, identificação de formas diferentes para melhorarem a qualidade de vida, proporcionar a re-inserção em sociedade e o fortalecimento do vínculo afetivo sócio-familiar, mas, pelo contrário, percebia-se descaso em relação à problemática deixando-os à deriva sem expectativas futuras.

A cartilha enviada pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome ao CRAS, deixava claros os objetivos da instituição: re-inserção em sociedade, fortalecimento de vínculos afetivos e sócio-afetivos, proporcionarem meios para o desenvolvimento de habilidades com objetivo de enfrentamento do dia-a-dia, dentre outros. Mas a realidade

contradizia os objetivos, na instituição percebia-se a dificuldade da própria equipe de trabalho em entrar em contato com a realidade da área de abrangência do CRAS.

Esta dificuldade da equipe de trabalho em entrar em contato com a realidade circundante, pode ser justificada pelo fato que os membros da equipe residem na mesma área de abrangência da instituição, que por sua vez, é a mesma dos inseridos, convivendo com a mesma realidade, violência. Sendo assim entrar em contato com a realidade dos inseridos na instituição, seria entrar em contato com o próprio mundo.

Infelizmente, as instituições que atendem e estão a serviço de crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e vulnerabilidade social estão mais preocupadas em excluir ou negar a violência produzida pela sociedade do que favorecer um espaço referencial e organizador para esse jovem que busca encontrar no social formas de satisfação que foram prometidas. Atualmente existe uma discrepância entre o que é proposto no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) e a realidade institucional.

No que diz respeito ao entendimento de Bob sobre a violência, teve dificuldades em falar sobre como entendia ou percebia o ato de violência. Esta incapacidade de entendimento da ação violenta sugere que Bob a entenda como algo dentro da normalidade, por ser uma situação que se faz presente dentro do seu contexto vivencial, tornou-se, para ele, normal. Aprendendo no decorrer de sua trajetória a máxima da Lei de Talião, “olho por olho dente por dente”.

Nesta perspectiva, notou-se uma permanência da violência, “*vai se adaptando na vida*”, em muitos momentos da fala de Bob, o que passa a sensação de que a vida do sujeito só existe relacionada à violência e, se esta for retirada, ele não saberá viver, ou seja, não aprendeu a viver sem estar em um contexto violento.

Regidos pela lei do silêncio, Bob e os moradores do bairro têm que calar-se mediante as atrocidades vivenciadas, restando simplesmente, viver sob a expectativa constante da

violência. Percebeu-se que Bob não tem pra onde recorrer, todos os contextos sociais e suas relações objetivas são minadas por violência, de forma que aprendeu somente o meio agressivo como forma para solução de conflitos, então diante disso, Bob só é capaz de oferecer aquilo que lhe foi oferecido.

No tocante à percepção e ao entendimento Bob em relação à autoridade, pode-se notar que, desde o início, a realização das entrevistas foi marcada por conflitos de alguma ordem. Evidencia-se a dificuldade de Bob em reconhecer autoridade, percebeu-se que não conhecia autoridade em instância alguma e que a instrutora da instituição não significava um limite a ele, mas sim mais uma pessoa que estava disposta a “*me atentar*”. Como uma forma de preservação de si, como uma defesa, age por impulso, “*revida*” na mesma medida que ele percebe que lhe foi feito.

No que tange à percepção do sujeito sobre si mesmo, verificou-se que Bob utilizou da metáfora do vulcão para definir-se frente aos conflitos, tanto internos como externos.

Os vulcões dependem de uma movimentação no seu interior para explodir, após a erupção, quando a lava se junta a aspectos da superfície externa, pode causar explosões. O despertar de um vulcão traz consigo consequências graves, pois por onde passa fica a destruição, “*...estraga tudo...*”.

Em uma espécie de formação reativa, Bob tem medo de “*...estragar as coisas, mas gosto de consertar, pois tem vez que o trem ataca e não dá pra controlar*”. Nessa fala, notou-se que Bob vai à contramão, no sentido oposto a um desejo reprimido, que é destruir, e constitui em reação contra esse desejo, consertar, fazer uma reparação.

A associação que Bob faz ao comparar-se a um vulcão sugere a sua própria movimentação interna, que, a princípio, seria uma força natural, uma agressividade natural, caracterizada pela reação automática com o objetivo de diminuir a angústia de um ataque de raiva. Dessa forma, a explosão violenta de Bob frente à situação de angústia, não entra no

simbólico, ou seja, é uma explosão sem mediação, a violência é a medida da força do sujeito, reage com violência e impulsividade, assim a energia pulsional transita livremente mostrando a não evolução dos estados primitivos da constituição deste sujeito.

Mediante as desavenças, conflitos intensos em suas relações objetais, onde Bob, comparando-se ao vulcão, regride aos estádios primitivos da constituição psíquica do sujeito agindo com impulsividade “...caçar brigas...” e agressividade sem refletir ou mesmo perceber os seus comportamentos a priori. Com “... muita raiva, raiva, raiva”, reage a tudo que lhe causa desprazer e a conseqüência são os conflitos, onde, a energia é livre e transita sem barreiras de uma representação a outra (processo primário).

Bob busca formas para preservar intacto o seu ego, utilizando-se de alguns mecanismos como o esquecimento e supressão com objetivo de defesa, pois “... esquecer de vez em quando pode ser bom pra mim... uai, porque esses momentos de raiva não é bom pra gente mesmo, é um problema só nosso, então eu acho que isso deveria todos se apagar assim normal... porque a pessoa sofre muito”.

De fato, percebeu-se que Bob não tem a vontade específica de lesar o objeto ou destruí-lo, mesmo se as suas reações de defesa acarretar em destruição do objeto, o que é levado em conta, são somente as suas preocupações que estão relacionados à sua proteção, não sabe agir de outra forma senão violenta, lesando o objeto.

Notou-se então uma tendência ao retraimento, no qual, frente aos conflitos, ou seja, na intensidade do trauma, tende a isolar-se. Dessa forma, questiona-se se, de fato, Bob despersonaliza ou vive uma fantasia de mundo hostil? Mediante a fala de Bob e sua trajetória de vida, acredita-se numa projeção e identificação de um mundo hostil ao qual tem de se revestir de uma armadura potente e de grande valentia para vencê-lo e não ser vencido.

Bob se inscreve em uma condição sem infância quando se refere aos tempos em que trabalhava e “era homem honesto”. Nessa condição, assume responsabilidades sobre a casa

numa espécie de inversão de papéis, passa a ser o “protetor” e cuidador, principalmente da mãe, que, após as investidas de violência e agressões físicas, encontrava-se incapaz de cuidar dos filhos e de si mesma. Percebeu-se que a relação com a mãe é de amor e de cuidado, pois, para proteger a mãe, a solução encontrada pelo sujeito é de alguma forma “matar” tudo aquilo que causasse sofrimento a ela.

Dentro da condição sem infância de Bob, que por um lado existe a assumência de responsabilidades diante do abandono paterno e incapacidade materna, por outro lado há uma forma de viver e agir sem limites, onde pode “*aprontar todas*”. Esta forma de vida é percebida pela sociedade como delinqüência infantil, na qual a medida da força do sujeito é a violência pela qual age, podendo ser representada pela dicotomia entre bem e mal que fascinam Bob.

No que se refere ao relacionamento de Bob com Deus, vê em Deus o seu advogado de defesa e basta uma pequena ordem que o caso é solucionado, então, para ele, a justiça divina é representada pela morte daqueles que julgava ser “maus”. Por causa de sua crença em Deus, Bob verbaliza que sua palavra tem fogo, e o fogo significa poder, como a lei do velho testamento, Lei de Talião. A Lei de talião é regida pela máxima “olho por olho dente por dente”, e é também chamada de pena de talião, que consiste na rigorosa reciprocidade do crime e da pena, o criminoso é punido talmente ao dano causado a outrem.

Mesmo quando Bob recorre a Deus, que seria uma situação prazerosa, do bem, o sujeito recorre com violência, reivindicando violência, todo e qualquer significado se dirige ao ato de violência.

Enfim, percebeu-se que, Bob é um vulcão, que de “*sua boca sai fogo*” e se inscreve sob uma lei de olho por olho e dente por dente, vivendo a repetição da história de seu pai, uma vida que está sendo imposta a ele, onde não consegue se diferenciar.

No tocante a percepção de Bob sobre suas relações objetais, verifica-se que no contexto da violência intrafamiliar, no qual *“tudo vira pancadaria”*, se percebe num completo desamparo. Sente-se sozinho, isolado, sem laços de companheirismo, pois a confiança nos pais foi quebrada.

Diante deste contexto a forma encontrada por Bob para extravasar sua raiva foi através do deslocamento da violência: *“passar a minha raiva pro outros... eu tinha briga em casa, e queria descontar nos outros”*, como sua defesa, numa passagem de vítima à vitimizador.

Por ter crescido dentro do contexto violento, algumas características como ignorante e violento foram transmitidas a ele, numa espécie de transmissão psicossimbólica. As violências no complexo familiar ocorreram principalmente por essa transmissão da dinâmica do bairro e das pessoas que lá residem. Notou-se que as influências ocorriam concomitantemente, pois tanto o bairro interferia nas relações em casa, como os conflitos em casa interferiam nas relações extra-familiares.

No que tange a percepção de Bob sobre o relacionamento com o pai, percebeu-se que vê a relação paterna sem vínculos afetivos. Numa forma de ato falho, refere-se ao pai como ‘presente’, sendo que na verdade era ‘ausente’. Nesta perspectiva, notou-se que a intenção do sujeito em relação ao relacionamento com o pai é que este fosse de fato presente em sua vida e que continuassem juntos, mas esse desejo poderia causar danos, ou seja, a história anterior no seio familiar, desavenças entre o casal, retornariam, causando o desprazer.

Notou-se que, numa tentativa de preservar-se, Bob substituía os vínculos afetivos fragilizados, principalmente o paterno por padrinhos, nesse mecanismo tentava identificar-se e ter um referencial que seja positivo. Mesmo desconsiderando a relação paterna, em suas experiências no contexto da violência vive e perpetua a história do pai, ele é filho do pai.

Destaca-se a ambivalência na relação entre pai e Bob notando-se, o prazer que é sentido por Bob quando é infligida ao pai alguma violência. Numa relação de amor e ódio, o desejo de aproximação e recuo faz-se presente como um destino de identificação.

Na fala de Bob destacou-se além da identificação primária à imitação do sujeito aos comportamentos do pai, que, de acordo com Houser (2006), essa imitação pode significar uma forma encontrada pelo sujeito de agradar o pai, naquele momento, ser modelado igual ao pai, mesmo não tendo consciência do significado daqueles comportamentos.

Em um processo identificatório, Bob identifica-se com o pai em suas características. Percebe-se que Bob, não só na parte do “*nervosismo*”, mas em tudo se identifica com o pai, fazendo desse processo um modelo futuro, não construindo o seu próprio lugar, mas ocupando um lugar idêntico ao pai, “*um espelho do outro*”.

No decorrer do estudo, percebeu-se, mediante ao processo de identificação, que Bob introjeta características do pai, que, a princípio, foi o causador de angústia gerada pelo abandono. Nesse mecanismo de identificação ao assumir os atributos do pai ou imitar sua agressão, Bob transforma-se de pessoa ameaçada em pessoa que ameaça, ou, de vítima em vitimizador, de passivo a ativo. Assim, Bob repete consigo e no vínculo com os outros a violência.

Observou-se que nas relações interpessoais frente às situações de violência Bob não percebia como sendo ele o autor do comportamento, projetando em outros, responsabilizava outras pessoas pelos os seus atos. Percebeu-se que essa situação ocorria quando o fato assemelhava ao ocorrido no contexto intrafamiliar.

De fato, no percurso histórico de Bob, percebeu-se como a angústia pulsional fundia-se com o mundo circundante, fazendo com que Bob buscasse formas de preservar a integridade do ego. Em todas as suas relações objetais, notava-se a presença dos movimentos:

passivo-ativo, introjeção-projeção, como mecanismo que compunham o processo de identificação com o agressor.

Pode-se dizer então que o processo de identificação com o agressor é o processo principal da constituição de Bob que viveu sob as investidas freqüentes de violência e agressões intensas, no decorrer da construção da sua história, esta constituição se dá através da transformação de passivo em ativo, como resposta às angústias internas num movimento introjeção-projeção, obtendo, assim, como produto o processo de identificação com o agressor.

No que diz respeito à percepção de Bob quanto à expectativa acerca do futuro, a dúvida em chegar ou não aos 21 anos é percebida por ele pelas experiências de outras pessoas no bairro que estavam na mesma trajetória, pois a região é muito violenta. Para que haja mudança em Bob, tem-se a necessidade de esquecer o passado e sair da região.

Também a representação de mudança de vida para Bob é fazer o curso de Direito ou Administração, que segundo ele, é só com estudo que se pode mudar de vida.

Em relação aos conflitos no contexto familiar, espera que mudanças positivas possam acontecer como diminuir as brigas com o irmão, visto que este está trabalhando e permanece a menor parte do tempo em casa.

Percebeu-se a esperança que Bob tem de não escrever a mesma história do pai e que o irmão está escrevendo, mas, para que essas mudanças ocorram, outros modelos de vida precisam ser apresentados a ele. A instituição CRAS e a escola deveriam ser o meio utilizado para inscrever no sujeito novas possibilidades de vida, mostrar que existem outras formas de viver diferentes da violência.

Observou-se que Bob tem o desejo de compreender o que está a sua volta dando um novo significado, procura agentes de transformação que possibilitem a mediação das ações

impedindo a violência. Desta forma, Bob recorre as instituições, mas não encontra a socialização necessária.

A instituição deveria garantir o acesso aos saberes sistematizados que agregados àqueles construídos socialmente, deveriam se constitui como instrumento para o desenvolvimento, a socialização, o exercício da cidadania, no entanto, oferece uma continuação da violência, seja ela simbólica, que vai da arbitrariedade de educadores à exclusão social, ou física e psíquica.

O papel de educador social deveria ser o de agir na prevenção e resolução da violência. Como um profissional neutro poderia atuar de diferentes formas na família, no meio onde se registrem focos de violência como um elemento mediador.

É interessante perceber que, Bob vai à instituição, onde poderia solucionar a demanda, mas não o faz, recorre a pesquisadora. Diante disto, surgem os questionamentos: por que Bob vai à instituição, mas não tem confiança em expor a sua demanda para os profissionais da mesma? Que vínculos e relações foram criados ao longo do tempo em que Bob permaneceu no programa/instituição?

Um ponto importante da pesquisa foi o relato de Bob sobre como percebia a instituição. A instituição era um lugar que perpetuava a violência e a indiferença, e não um lugar seguro, sócio-educativo e de inclusão ou reinserção em sociedade, segundo a percepção de Bob, o que produzia efeitos negativos na sua constituição e despertava o desejo de se retirar.

A instituição “promete” a inclusão em sociedade, o fortalecimento de vínculos afetivos, o desenvolvimento de habilidades para o enfrentamento do cotidiano frente às diversas situações, mas a realidade está muito aquém do que é proposto.

Segundo Bleger (1984/1990) o funcionamento das instituições tende a reproduzir a mesma lógica do problema que esses espaços objetivam combater. Desta forma, a instituição

acaba criando as mesmas dificuldades, sofrimentos, desamparo e abandono antes vivenciados pelo sujeito, não favorecendo a este a existência de uma maneira diferente de reescrever a sua história.

Atualmente existe preconceito à criança ou o adolescente institucionalizado, estigmatizando-o como “problema”. Esta idéia se funda na medida em que não podem ser vistas como “pessoas normais”, pois uma vez institucionalizada significa que devem ter falhado em sua história e que são responsáveis em algum momento pela marginalidade que os acompanha. Não se leva em consideração que, o que os levou a instituição não foi um ato cometido por eles, senão o resultado de alguma violência.

Neste momento, emergem as palavras de Winnicott (1987), que considera, no gesto anti-social, o último grito de esperança para o sujeito que reivindica do Social aquilo que lhe foi prometido. Não deixa de ser a denúncia de uma impostura. É a busca de um mundo bom que foi perdido, rompido abruptamente.

## Capítulo VII

### Considerações Finais

Por meio do conjunto de dados obtidos ao longo de cinco entrevistas, buscamos aprofundar alguns aspectos do campo da constituição de Bob e os significados atribuídos frente à violência durante o seu processo de desenvolvimento.

Partimos, portanto, em busca de respostas para as seguintes questões: como é constituída a subjetividade deste adolescente imerso em contexto de violência? Quais os sentidos atribuídos a si mesmo, ao outro e ao contexto (familiar, social, institucional/escolar) em que está inserida?

Assim como todos os sujeitos no que tange a constituição da subjetividade, este processo ocorre por vias da identificação projetiva-introjetiva, no entanto, como característica especial de Bob que está inserido no contexto violento, suas relações com a família, bairro, escola e instituição configuram a violência. São relações onde não há a mediação da linguagem, as pessoas passam ao ato, sem qualquer mediação pela linguagem. Desta forma Bob não aprende e apreende outra forma de relacionar-se senão através da violência.

Quanto ao processo da identificação, é importante destacar a identificação com o agressor que se fez presente em toda fala de Bob. Percebeu-se que frente ao perigo externo, Bob identifica-se com o agressor, e assume a agressão enquanto tal, ocorrendo uma inversão de papéis, visto que a identificação pode vir antes ou depois da agressão temida (Freud, 1939). Desta forma, nas diversas relações, Bob usa a identificação com o agressor como um mecanismo de defesa. Nesta inversão, ou seja, ele assume a agressão enquanto tal, fazendo a passagem de vítima à vitimizador, dificultando a possibilidade da existência de vínculos afetivos saudáveis.

É dentro deste contexto hostil, agressivo e violento, que Bob encontra-se em evolução e desenvolvimento, os primeiros modelos referenciais do sujeito são os pais, ora objeto de amor, ora objeto de ódio e rivalidade.

Bob mesmo submerso nos contextos violentos é capaz de estabelecer relações duradouras, pois, diante de uma relação de respeito, que viabilizou a escuta de Bob, mostrando e proporcionando uma nova forma de viver, foi estabelecido com a pesquisadora um vínculo de confiança, um vínculo mediado pela linguagem e pautado pelas regras da civilidade. Mesmo passado um ano após o término da pesquisa, Bob, quando necessita de algo, retorna à instituição à procura da pesquisadora.

Diante da imposição de limites, a maneira de ser mais continente da pesquisadora, do respeito a Bob, e da oportunidade de escuta da história de vida dele que foi viabilizada por esta pesquisa, mostrou-se que, existe a possibilidade de Bob apreender uma nova forma de vida, onde os seus desejos pulsionais passem por uma mediação, na busca de satisfação. Observou-se que a pesquisadora foi o único fator de proteção para Bob

Bob busca relações mediadoras que renovem ou despertem a esperança de uma vida escrita e vivida diferente, para tanto, acredita-se que é necessário uma revisão de referenciais, tanto institucionais quanto profissionais, que permita compreendê-lo melhor, sem um pré-julgamento reconsiderando a escuta da história do sujeito segundo suas próprias percepções.

A partir do momento que considerarmos que as relações podem ser resultado de construções afetivas, e que o sujeito contextualizado na violência é capaz de formar vínculos afetivos duradouros e positivos, onde ser escutado, compreendido, aceito e respeitado é a base de um percurso histórico satisfatório, então poderemos ver na instituição uma forma alternativa viável para a construção da subjetividade do sujeito.

Uma vez ocorrida a violência, se olharmos para o sujeito violentado, deveremos observar mais uma questão de subjetividade, de uma dor avassaladora, do que de um

fenômeno com implicações culturais, sociais e de acionamento do sistema legal em sua função punitiva. Observa-se que, o que conta, principalmente, é o trauma e a dor que o invadem, desorganizando seu psiquismo.

Como profissionais, seja da assistência social, saúde, judiciário ou de punição, é importante conhecermos as implicações da dinâmica da dor, gerada pela violência, assim, possivelmente teremos condições de explicá-la e posteriormente agir no sujeito restituindo-lhe a integridade psíquica. Nós como cuidadores a curto, médio ou longo prazo, devemos observar que a violência para o sujeito violentado está além de um fenômeno meramente sociocultural, é um trauma doloroso que marca uma cisão na estruturação psíquica do seu eu e da sua vida.

Para tanto se acredita na necessidade de projetos que viabilizem a escuta destes sujeitos que busca nas relações institucionais (englobando a escola) uma forma de viver diferente da reprodução da violência, e assim usar este novo aprendizado nas suas outras relações: familiares e sociais.

Por fim, longe de apresentar formulações conclusivas acerca da constituição do sujeito contextualizado na violência e dos significados atribuídos por ele à violência, este trabalho aponta para necessidade de pesquisas posteriores no sentido de aclarar questões referentes a passagem de vítima à vitimizadora e como as instituições sociais e de ensino podem interferir positivamente neste processo, como agentes de proteção e não de risco.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICA**

- Adorno, T. W. (1995). *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro. Paz e Terra.
- American Psychiatry Association (2000). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders DSM IV*. 4ªed. Washington, DC: Autor.
- Araújo, M. S. (2004). A violência simbólica: uma difícil percepção. *Unimontes científica* 6 (2), 101-106.
- Arendt, H. (1994). *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Rolumen- Dumará.
- Arendt, H. (2003). *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva.
- Azevedo, M. A. & Guerra, V. N (1989). *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. São Paulo: Iglu.
- Azevedo, M. A. & Guerra, V. M. (1999). *Infância e violência fatal em família: Réquiem para as pequenas vítimas pequenas*. São Paulo: Lacerda IPUSP.
- Belo, F. (2004). Os efeitos da violência na constituição do próprio sujeito. *Psychê*, 8 (14) 77-94.
- Berger, P. (1985). *O dossel sagrado*. São Paulo: Paulinas.
- Bergeret, J. (orgs) (2006). *Psicopatologia Teoria e clinica*. 9º Edição. Porto Alegre: Artmed.
- Birman, J. (1994). *A direção da pesquisa psicanalítica. Psicanálise, Ciência e cultura* (Coleção Pensamento Freudiano), Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Birman, J. (2000). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Bleger, J. (1990). *Psico-higiene e Psicologia Institucional*. Porto Alegre: Artes Medicas.
- Brasil, (1990). Estatuto da Criança e do Adolescente. *Lei Federal 8.069/1990*. Brasília.
- Brasil, (2001). *Ministério da Saúde*. MS. Brasília.

- Brasil, (2006). Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome - MDS, Secretaria Nacional de Assistência Social. Proteção Básica do Sistema Único da Assistência Social: *Orientações Técnicas para o Centro de Referência de Assistência Social*. Brasília
- Buck, J. N (2003). *H T P: casa arvore pessoa. Técnica Projetiva de desenho: manual de interpretação*. 1º Edição. São Paulo: Vetor
- Caldeira, T. P. (1991). *Direitos Humanos ou privilégio de bandidos? Novos Estudos Cebrap*. São Paulo.
- Caropreso, F., & Simanke, R. T. (2006). Compulsão à repetição: um retorno às origens da metapsicologia freudiana. *Ágora*, 9 (2), 12-43.
- Chaui, M. (1995). Comentários. In: *Conferências sobre subjetividade*. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae.
- Charlot, B. (1986). *A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação*. 2º Edição, Rio de Janeiro: Guanabara.
- Coelho dos Santos, T. (2004). O que não tem remédio, remediado está. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, 7(1), 63-74.
- Conte, B. (2003). O sujeito tem saída frente à violência e a destrutividade? *Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial*, Rio de Janeiro.
- Costa, J. F. (1986). *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal.
- CREPOP- Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (2007). *Referência Técnica para atuação do(a) psicólogo(a) no CRAS/SUAS/CFP- Conselho Federal de Psicologia*. Brasília, CFP.
- Cruz, C. H. S. e Cardoso, M. R. (2002). O desamparo em cena na violência contra crianças. *Pulsional Revista de psicanálise*, XV (163), 10-16.
- Da Costa, L. A (2004). *Infância e violência intrafamiliar: os significados e sentidos para crianças vitimas*. Dissertação de Mestrado da Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- Darwin, C. (1985). *Origem das espécies*. São Paulo: EDUSP.
- Day, et.all. (2003). Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Revista de Psiquiatria*, 25 (1), 9-21.

- Delacampagne, C. (1999). *La banalización del mal: a cerca de la indiferencia*. Buenos Aires: Nueva Version.
- Deslandes, S. F (1994). Atenção a criança e adolescentes vitimas de violencia doméstica. Analise de um Serviço. *Caderno de Saúde Publica*, Rio de Janeiro 177-187.
- Ferenczi, S. (1932). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: *Obras Completas : Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ferrari, I. F. (2006). Agressividade e violência. *Psicologia Clínica*, 18 (2), 49-62.
- Ferreira, A. B. H. (1986). *Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Florence, J. (1994). As identificações. In: Mannoni, M. (org.). *As identificações na clínica e na teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relumé-Dumará.
- Freud, A. (1936/2006). *O ego e os mecanismos de defesa*. Porto Alegre: Artmed.
- Freud, S. (1897). Carta 69 de Freud para Fliess. *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira*, v.1 Rio de Janeiro: Imago
- Freud, S. (1913/1914). Totem e Tabu e outros trabalhos [CD]. Em *Edição Eletrônica Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1996*, São Paulo: Imago Z-Movie Studio. 1CD.
- Freud, S. (1917/1919). História de uma neurose infantil e outros trabalhos[CD].Em *Edição Eletrônica Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1996*, São Paulo: Imago Z-Movie Studio. 1CD.
- Freud, S. (1974). Sobre o narcisismo: uma introdução. Em *Edição Obras completas* (vl. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado 1914).
- Freud, S. (1974). Além do princípio do prazer. Em *Edição Obras completas* (vl. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado 1920-1922).
- Freud, S. (1974). O problema econômico do masoquismo. Em *Edições Obras completas* (vl. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado 1924).
- Freud, S. (1996). Os instintos e suas vicissitudes [CD]. Em *Edição Eletrônica Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1996*, São Paulo:Imago Z-Movie Studio. 1CD.

- Freud, S. (1896). A Etiologia das Neuroses. Em *Edição Eletrônica Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1996*, São Paulo: Imago Z-Movie Studio. 1CD.
- Gonçalves, H. S. (2003). *Infância e Violência no Brasil*. Rio de Janeiro: FAPERJ/NAU.
- Gori, C. A. (2004). Fragmentos da análise de uma criança: movimentos da constituição subjetiva. *Psychê*, VIII (14), 157-167.
- Guerra, V. N. A. (org.) (1998). *Violencia dos pais contra filhos: a tragédia revisitada*. São Paulo: Cortez
- Hachet, A (2006). Entre prevenir e normalizar: que lugar terá o sofrimento da criança *Ágora: Estudos em Psicanálise*, 9 (1), 27-34.
- Heise, L.; Pitangy, J.; Germanain, A. (1994). *Violencia contra la mujer: la carga oculta sobre la salud*. Washington: OPAS.
- Kaufmann, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud a Lacan*. Tradução: Vera Ribeiro, Maria Luiza X. A. Borges, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Kowarick, L. & Ant, C. (1981). Violências: reflexões sobre a banalidade do cotidiano em São Paulo. In: Bosh, R. R. *A violencia e a cidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J (1948/1998). A agressividade em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1964). *O Seminário. Livro XI. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1991.
- Laplanche & Portinalis. (2001). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Marin, I. S. K. (2002/1998) Instituição e violencia, violencia nas instituições. In: Levisky, D. (Org.). *Adolescência pelos caminhos da violencia*. São Paulo. Casa do Psicólogo, Violências, São Paulo: Escuta.
- Minayo, M. C. & Souza, E. R. (1997/1998). Violencia e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. *Historia Ciências e Saúde*, IV (3), 513-531.
- Mograbi, D. & Herzog, R. (2006). Sob o signo da incerteza: autoridade simbólica e desamparo. *Estudos de Psicologia*, 11 (2), 127-133.

- Monteiro, M. C; Cabral, M. A; Morgado , A. F. (1995). Violencia contra criança e adolescente: uma revisão bibliográfica. *Arq. Brás. Pediatría* 2(6), 153-157.
- Nasio, Jd (1998). O livro da dor e do amor. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Nascimento, C. A. D. (2002). A dor da violencia. In: *Violencia domestica contra crianças e adolescentes*. Recife: EDUPE.
- Odalía, N. (1986/1991). *O que é violencia*. São Paulo: Brasiliense.
- Oliveira, A. B. de (1989). Saúde e vitimização. Em M. A. Azevedo & V.M. Guerra (orgs). *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. São Paulo: Iglu.
- Oliveira, L. (1995). *Imagens da democracia: os direitos e o pensamento político de esquerda no Brasil*. Recife: Pindorama
- Oliveira, S. L. (1999). *Tratado de Metodologia Científica*. São Paulo: Pioneira.
- Paixão, A. T. (1983). *Crime, violencia e poder*. São Paulo: Brasiliense.
- Passos, M. C. e Polak, P. M. (2004). A identificação como dispositivo da constituição do sujeito na família. *Barbacena*, 2 (3), 39-50.
- Petit, M. (2006). A leitura em espaços de crise. *Revista Brasileira de Psicanálise* 40 (3), 149-167.
- Pinheiro, F. M. F. (2006). *Violencia Intrafamiliar e envolvimento em Bullying no ensino fundamental*. Dissertação de mestrado em Educação Especial. Universidade de São Carlos, São Carlos.
- Prefeitura do Município de São Paulo (2002). *Pobreza e violencia no município de São Paulo*. Pesquisa realizada pela Secretaria de Desenvolvimento, trabalho e solidariedade. São Paulo.
- Ricotla. L. (1999). *Quem grita perde a razão: a educação começa em casa e a violencia também*. São Paulo: Annablume.
- Rore, G. Q. de. (1996). *Vidas selecionadas: a violencia com crianças e adolescentes*. Campinas, SP: Unicamp
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Rudge, A. M. (2003). Trauma e temporalidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* , VI (4), 102-116.

- Salztrager, R. (2006). Do desamparo à fantasia efetiva. Pulsional. *Revista de Psicanálise*, XIX (185), 76-87.
- Santos, M. C. C. (2002). Raízes da violência na criança e danos psíquicos. In: M. F. Westphal (org). *Violencia e criança* (p.189-204). São Paulo: Esup.
- Santos, J.V.T. (2004). Violências e dilema do controle social nas sociedades da 'modernidade tardia'. *São Paulo em Perspectiva*, 18(1), 3-12.
- Silva, M. A. S. (2002). Violencia contra crianças – quebrando o pacto do silêncio. In: D C. A. Ferrari & T. C. C. Vecina (orgs) *O fim do silencio na violencia familiar: teoria e pratica*. São Paulo: Ágora
- Silva, L. A. M. da (2004). Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. *Sociedade e Estado*, 19 (1), 53-84.
- Soares, B. M. (1999). *Mulheres invisíveis: violencia conjugal e novas Políticas de segurança*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Souza, M. R. R. (2005). *Violências: Clínica Psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sousa, S. M. G. (coord.) (2001). *O significado de violencia, educação e violencia para pais que cometeram violencia física contra filhos*. Goiânia: Ed. Da UCG.
- Tavares dos Santos et.al. (1998). A palavra e o gesto emparelhados: a violencia na escola. In: Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (org). *Violencia não esta com nada*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação.
- Velho, G. (1997). *Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar
- Velho, G. (2000/1996). Violencia, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica. In: Velho, G. & M. Alvito (eds). *Cidadania e violências*, Rio de Janeiro, RJ: Da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Zaluar, A. (1989). Nem líderes nem heróis. *Revista Presença*, 13.
- Zaluar, A. (1994). Violencia, crime e poder: a tragédia brasileira e seus desafios. In: Veloso, J. P. (org). *Governabilidade, sistema e violencia urbana*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Zaluar, A. & Leal, M. C. (2001). Violencia extra e intramuros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 16 (45), 145-164.
- Winnicott, D. W. (1987). *Privação e delinqüência*. São Paulo: Martins Fontes.

## **ANEXOS**

**ANEXO A****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

A pesquisadora Aline Lys Silva Freire, mestranda em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Goiás, supervisionada pelo Prof. Dr. Fabio Jesus Miranda, realizará uma pesquisa como requisito parcial para adquirir o grau de mestre, conferido pela Universidade acima referida.

A pesquisa tem como objetivo destacar o processo de constituição do sujeito sob a perspectiva do próprio sujeito. Para tanto, serão realizadas de três a cinco entrevistas, gravadas e posteriormente transcritas, assegurando o sigilo e anonimato, onde os dados obtidos serão utilizados somente para fins acadêmicos-científicos.

As entrevistas serão realizadas na unidade, a qual oferece o programa PETI, que o sujeito esta inserido, ou seja, no CRAS- Centro de Referência de Assistência Social , localizado na região leste no município de Goiânia.

Eu, \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa e autorizo a gravação e posterior transcrição das mesmas.

---

Assinatura do Pesquisado

---

Assinatura da Pesquisadora

Goiânia, 2008.

**ANEXO B****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

A pesquisadora Aline Lys Silva Freire, mestranda em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Goiás, supervisionada pelo Prof. Dr. Fabio Jesus Miranda, realizará uma pesquisa como requisito parcial para adquirir o grau de mestre, conferido pela Universidade acima referida.

A pesquisa tem como objetivo destacar o processo de constituição do sujeito sob a perspectiva do próprio sujeito. Para tanto, serão realizadas de três a cinco entrevistas, gravadas e posteriormente transcritas, assegurando o sigilo e anonimato, onde os dados obtidos serão utilizados somente para fins acadêmicos-científicos.

As entrevistas serão realizadas na unidade, a qual oferece o programa PETI, que o sujeito está inserido, ou seja, no CRAS- Centro de Referência de Assistência Social, localizado na região leste no município de Goiânia.

Eu, \_\_\_\_\_ autorizo a realização da pesquisa com \_\_\_\_\_ na unidade .

---

Assinatura da coordenadora do CRAS

---

Assinatura da Pesquisadora

Goiânia, 2008.

## ANEXO C

### ENTREVISTAS

As entrevistas	Eixos Temáticos
<p><b>1ª Entrevista</b></p> <p>A: “Bob” eu pedi pra que você viesse hoje pra nos conversamos um pouco... Não sei se você sabe, mas eu não trabalho mais aqui no CRAS, e estou terminando o mestrado, um outro curso, onde eu pesquiso sobre a violência. Durante a realização das oficinas, das conversas com você, eu percebi que você participava muito e que na história da sua vida você sofreu com algumas violências. Gostaria, que se fosse possível, que você me ajudasse na minha pesquisa...</p> <p>Bob: Ajudo sim, mas como vai ser?</p> <p>A: Nós vamos conversar, provavelmente de 3 a 5 vezes, onde você vai me contar um pouco da sua história, responder algumas perguntas, me falar sobre o que você pensa. Vai ser através de entrevistas. O seu nome, e o nome das pessoas que você falar vão ser sigilosos, ou seja, ninguém vai ficar sabendo, vou colocar só as iniciais ou um outro nome qualquer ok?! Essas entrevistas, se você me autorizar vão ser gravadas, porque eu não consigo escrever e prestar atenção em tudo que você falar, depois eu e o meu professor vamos escutar e ler. Mais eu quero deixar claro pra você que somente eu vou ouvir a gravação, o seu nome em hipótese alguma vai ser falado... ninguém vai ficar sabendo que a conversa é com você... pode ficar tranquilo certo...</p> <p>Bob: Ta bom, porque tem algumas coisas que eu quero falar que ninguém pode saber, pode gravar sim...</p> <p>A: Você poderia assinar esse papel que chama “Termo de Consentimento Livre Esclarecido”, está escrito tudo que eu te expliquei, ai você concordando com a sua participação na minha pesquisa, e com a gravação das entrevistas ok!</p> <p>Bob: huhum....</p> <p>A: Então eu te expliquei tudo que vai acontecer.. Vamos começar assim! Você ficou um tempo afastado da unidade, o que aconteceu?</p>	<p><u>Explicação de como serão as entrevistas</u></p>
<p>Bob: Eu tava afastado?</p> <p>A: É por que você não estava vindo?</p> <p>A: Pode falar o nome na hora eu tiro!</p> <p>Bob: É porque o “E” foi muito bruto comigo! Ele pegou na menina...</p> <p>A: Pegou que jeito?</p> <p>Bob: Pegou na menina, pegou na negocio da menina, e me pôs numa briga que eu nem tava sabendo, ai virou uma briga que eu nem sabia e ai falou que a mãe da menina tava querendo brigar comigo, ai eu falei pra ela não acreditar nós porque o “E” humilhou nós total, ai eu fiquei só fiquei ai eu tava um pouco com raiva ai eu decide ficar só, ficar em casa pra pensar mais, ai amanhã vai ser o julgamento desse trem. Daqui eu tenho que levar duas provas porque eu caí, machuquei porque eu queimei as pernas quando eu caí de bicicleta e quem caiu e ficou perto de mim foi a “B” ai eu vou te que levar ela porque pelo que teve uma semana que eu não tava e isso aconteceu durante essa semana.</p> <p>A: Então, nessa semana que você não estava eles te envolveram em uma briga?</p> <p>Bob: Aham...me envolveram em duas...</p> <p>A: Duas brigas?</p> <p>Bob: Uma com a mãe da menina e uma com a mãe do menino, o “P. S.”.</p> <p>A: Mas o que aconteceu nessa briga? Vocês bateram um no outro?</p>	<p><u>1- Motivo pelo qual se afastou da unidade por um mês e meio</u></p> <p><u>2- Violência na Instituição CRAS/PETI</u></p>

<p>Bob: Ele me pôs na briga...</p> <p>A: Você nem sabe o que aconteceu?</p> <p>Bob: Ele falou que eu queria bater nele sem mais nem menos ai eu falei com o “P. S.” e conversei com ele, “P. S.” isso é verdade? Então vamo chega e conversa todo mundo la dentro, ai nós chamamo a “M” (Assistente Social) e a “M” chamou a mãe dele e nós ficou conversando la ai eu falei pra ela não acreditar no “E.” porque ele me pôs em duas e não tem como eu sai de outra porque como eu já parei no DPAA eles vão pensar que eu sou culpado disso também como eles pensa toda vez, ai eu tenho que levar a prova amanhã disso também.</p>	
<p>A: Então você vai respondendo amanhã por causa das brigas?</p> <p>Bob: Por causa da menina.. só o da menina!</p> <p>A: Só o da menina?</p> <p>Bob: Só o da menina, porque ele me pôs nessa.</p> <p>A: Então me conta o aconteceu, o que é passar a mão, pegar o que é isso? Não sei!</p> <p>Bob: Ele passou a mão na menina...</p> <p>A: Aonde?</p> <p>Bob: Na “humhum” da menina...</p> <p>A: E o que é isso?</p> <p>Bob: Certo lugar da pessoa, vamo falar assim!</p> <p>A: Ta, certo!</p> <p>Bob: É o espaço da pessoa!</p> <p>A: Certo!</p> <p>Bob: Ai essa menina chegou e falou pra “E” (Coordenadora Pedagógica) ai a “E” chegou e conversou com o “E” e o “E” falou que eu também tava junto.</p> <p>A: Vocês dois passaram a mão segundo o “E”?</p> <p>Bob: Aham, e essa semana eu não tava cheguei na segunda-feira vim aqui só dois dias ai a professora de teatro tava conversando com ela isso também ai cheguei nela ai falei o professora não da pra ficar perto do “E” não da...ai ela não “K” fica calmo depois nós resolve isso também, ai eu fui la na sala o “E” também foi ai nós sentando na cadeira e ela falando desses trem de pegar no espaço e não sei la o que ai chamaram a mãe da menina e a menina ai adiante, ai ele começou a chorar la que não foi ele que não sei o quê, ai eu fiquei quieto no meu canto como eu não tava sabendo de nada fiquei bobo no meio da sala ai ele chegaram e falaram, ai a “B” falou como que eu nem aqui tava, ai eu pra não caçar mais encrenca eu matei um mês que não dividia sem vim aqui no PETI,</p>	<p><u>Motivo que o fez afastar da unidade</u></p>
<p>Bob:...ai chegaram la em casa pediram pra mim voltar pro PETI, ai foi a “M” (Assistente Social) e “F” (Psicóloga) ai conversaram com a minha mãe e pediram pra “A” voltar, só que a “Aline” não voltou....</p> <p>A: Por quê?</p> <p>Bob: Porque ela não quer nem ir pra escola ela vai?! E ai passou. Daí eu vim pro PETI hoje porque falaram que você queria conversar comigo e eu vim.</p>	<p><u>Visita domiciliar realizada pela equipe técnica da unidade</u></p>
<p>A: O que aconteceu aqui hoje logo cedo?</p> <p>Bob: A professora... eu tava conversando com a menina, com a “B” ai só porque eu falei um negocio la da menina ai ela levantou e falou com um tom de voz pra mim ai eu falei assim que: porque eu não vim pra te ouvir ai eu falei baixo com ela ai ela “ah eu não sei que” ai eu oh tia abaixa o tomzinho (gesticulou com a mão) ai porque eu não vim pra te ouvir ai ela “ah minha voz é alta, é essa, não sei o quê não sei o quê” ai eu você quer que eu fale alto com você? Falei pra ela você quer que eu falo alto, porque se for assim eu falo alto também! Ai ela falou assim que seja, ai eu comecei a falar alto com ela também, ai ah professora não vim aqui pra te ouvir não, ai ela veio e chegou aqui na “F” (Psicóloga) e ficou falando um tanto de coisa ai! Ai eu falei não vim aqui pra te ouvir não, ai você quer saber eu vou é embora! Porque eu não vim aqui num é por causa do PETI não, eu vim por causa da “Aline” , então é eu chegar, ai ligou pra você e falou que eu ia</p>	<p><u>1- Conflito com a instrutora</u></p> <p><u>2- Não reconhecimento da autoridade</u></p>

<p>embora que eu não tava aqui, ai..</p> <p>A: Na verdade fui eu que liguei para perguntar se você já estava aqui?          Bob: Ahh..          A: Ta mais ta indo embora, então vê com ele se ele vai ficar, e eu posso ir e ele vai ficar ou se ele não vai ficar! Porque eu não vou sair daqui, se ele não estiver ai...          Bob: Ai eu falei assim então eu vou ficar, vou esperar ela e fiquei esperando!          A: E depois que você ficou me esperando e como você ficou?          Bob: Fiquei quieto, tranquilo.</p>	<p><u>Transferência com Aline</u></p>
<p>A: É só na hora ne “K” que explode assim e dá um curto circuito?</p> <p>Bob: Ai já era eu esqueço tudo          A: Ai depois não tem jeito de voltar atrás ne? Se a gente pensasse antes, seria tão melhor ne?          Bob: Aham          A: Você falou que amanhã vai responder a um processo, já tem um ne ou não?          Bob: Tem, aquele da professora!</p>	<p><u>Reações explosivas do sujeito</u></p>
<p>A: Aquele que não foi bem da professora ne? Foi contra seu irmão?          Bob: Mais la ta contra a professora, que eu peguei faca pra professora, ixi tem muito babado la....</p> <p>A: Então você vai me falar desses babados! Porque desse ai eu não fiquei sabendo não!          Bob: Eu fiquei encabulado, na hora que falou, que eu peguei a faca e ameacei e na frente da professora com faca, eles falaram isso.          A: Falaram isso?          Bob : Falaram, falaram...          A: Nós já estamos entrando em outro assunto! Vamos continuar então! Você falou que “E” te envolveu em duas brigas, mas a historia da menina e você vai responder um processo amanhã, alem do outro que você já tem que é essa historia da faca! Como que você entende esse negocio de passar a mão nas partes íntimas, que você usou a expressão em “certo lugar”?</p>	<p><u>Responder a processos na DPAI como consequência de seus comportamentos</u></p>
<p>Bob : Eu usei em certo lugar é isso          A: Ai você usou o termo espaço, quando você usa essa palavra espaço você quer dizer o que?</p> <p>Bob: Partes íntimas...          A: Ah ta então é o espaço íntimo dela! E como você vê isso “K”, uma pessoa chega la e pegar?          Bob : Abuso sexual.</p>	<p><u>1- Violência ocorrida no CRAS/PETI</u>  <u>2- Consciência do tipo de violência</u></p>
<p>A: Abuso sexual. E o que isso tem a ver com sua vida?          Bob : Na minha casa aconteceu um caso na minha família .... o meu pai tentou abuso sexual com a “K”, tentou estuprar a “K” (Raiva)          A: Me conta como foi isso.          Bob : Primeiramente chegou uma época que meu pai veio meio descontrolado...          A: Como assim?          Bob: Porque meu pai brigava muito com a minha mãe e quando eu cresci ele falava muito em matar minha mãe...</p>	<p><u>Violência intrafamiliar</u></p>
<p>A: Mas seu pai usava alguma droga? Bebida?          Bob : Droga tinha, bebia, não bebia e o estranho é isso, e ninguém sabia de nada...          A: Não bebia! E nessa época vocês moravam todos na mesma casa, mas morava junto com sua avó ou não?</p>	<p><u>Inserção de bebida alcoólica</u></p>
<p>Bob : Minha vó chegou uma época que a kombi passou em cima dela... ai ela morreu.          A: A sua avó. ta.          Bob : Ai chegou essa época uma kombi da ... daquela de petróleo...          A: Petrobrás?          Bob : É Petrobrás! Ai passou em cima dela.. ai ela morreu, e o testamento, ela não fez o testamento e isso ficou um briga no juiz e</p>	<p><u>Morte violenta da avó paterna</u></p>
<p>Bob :...quando eu nasci meu pai falava muito em matar como eu te falei agora...          A: Matar sua mãe...          Bob : É matar minha mãe e isso eu ouvia muito uma vez ate que ele apontou uma arma pra minha mãe...          A: E você tinha quantos anos você sabe?</p> <p>Bob : Tinha um ano e pouco, ai eu passei e comecei a falar isso também que ia matar ele!          A: Ai no caso você já virou para seu pai, o que ele falava para sua mãe você falava para ele?          Bob : É, e nisso ele passou a ter medo de mim, ai tudo que ele me dava eu falava que ia matar ele, só que eu tinha um ano e meio e num sabia o quê que era. (Risos)          A: Ah ta, então nessa época você...          Bob :... eu repetia o que ele falava...(Com bastante excitação)          A: Ele nunca perguntou... - você sabe o que é isso ne “K”?</p>	<p><u>1- Conflitos entre o casal</u>  <u>2- Identificação com a fala do pai</u></p>
<p>Bob : Humhum...E ai começou a se afastar da minha mãe, ai quando a gente, eu interei sete, ai a</p>	

<p>“A” passou mal, minha mãe tinha ganhado a “A” e ai “A” passou mal e ficou internada ai meu pai ficou em casa...</p> <p>A: Então ficou em casa a “K”, o “D” e você?</p> <p>Bob : É.</p> <p>A: E o pai ne, ai o pai tentou abusar da “K”, e era a primeira vez?</p> <p>Bob : Não sei, dizendo ela que foi a primeira vez e ultima vez...</p> <p>A: E você viu?</p> <p>Bob : Não ela contou pra gente. Porque de manhã quando a gente acordou ai eu fiz uma bagunça, meu pai veio pra cima de mim me bater ai eu corri pra fora, ai nós brincando la fora. Ai ela porque, ela tava brincando comigo, ai acabou contando pra mim - “K” meu pai tentou fazer isso e isso comigo ontem – (<i>Raiva e olhos marejados</i>), ai passou uns dias a “K” contou pro “D”, ai o “D” falou - vou contar pra minha mãe - e ela (“K”) tava com muito medo e falou pra não contar porque senão ela ia apanhar.</p> <p>A: A “K” ficou com medo de apanhar do seu pai por isso que não era para contar, então o seu pai ameaçou ela?</p> <p>Bob : Eu acho que ameaçou ela, ai o “D” contou pra minha mãe, ai minha mãe chegou brigou muito com meu pai, muito mesmo, pancadaria, porrada, chute, murro (<i>Gesticula mostrando os movimentos da ação violenta</i>), e tudo isso nois vendo. Ai durante a separação minha mãe tinha uma bicicleta que ela comprou, porque ela andava muito de bicicleta, quando nós ia pra igreja nós ia de bicicleta meu pai chegou e quebrou essa bicicleta todinha, todinha (<i>com ênfase</i>), desmontou ela todinha. Ai passou uns dias eles deixaram a gente trancado dentro de casa , minha mãe tinha saído pra delegacia, eles saíram juntos e deixou nois trancado dentro de casa e durante isso nois saiu pela janela e correu no caminho da minha mãe ai nós chegamos na delegacia ai a “K” falou também o que tinha acontecido, foi que ai aconteceu a separação.</p>	<p><u>1-Violência intrafamiliar – molestamento sexual</u></p> <p><u>2-Conseqüências para família após a tentativa</u></p>
<p>A: Então sua mãe separou do seu pai por causa disso?</p> <p>Bob : Foi, ai os irmãos dele (<i>os irmãos do pai</i>) ficou sabendo disso veio em cima também (<i>gesticula batendo uma mão na outra</i>), e chegaram e falaram que queria a casa e como nos não tinha a casa pra morar, minha mãe chegou falando pro juiz que se ele desse a casa outra casa pra nois, nois ia mudar pra la, e a escritura da casa sumiu e a escritura da casa desapareceu entendeu? Ai um tio meu veio dizendo que ele achou e achou mesmo, ai teve uma semana que ele foi la em casa e colocou, e nesse processo colocou o irmão mais velho dele que não tinha nada a ver e nessa época um tio meu morreu ele se matou por causa da família chegou e falou - a família não presta mais, não tinha motivo mais pra mim viver com essa família - catou uma corda que tinha la e enforcou num quarto, ai depois que minha avo morreu ele morreu também.</p> <p>A: Logo depois?</p> <p>Bob : Logo depois.</p> <p>A: Seu tio então se enforcou?</p> <p>Bob : Se enforcou.</p> <p>A: Mas o que acontecia com essa família dele que ele não agüentava mais?</p> <p>Bob : Não é assim....., porque a família dele é uma briga atrás da outra.</p> <p>A: Brigas, e tem droga envolvida no meio? O que tem, para ter tanta violência envolvida desse jeito?</p> <p>Bob : Eu fiquei uma época ai, alguns momentos eu ficava ruim com meu pai, e eles não soube falar... porque eles eram tudo jovem só ele que não e ai ninguém sabe se tinha droga no meio a família, certo tempo e ai chegou que a família todinha envolvida...</p> <p>A: Que é a família de seu pai...</p> <p>Bob : É, ai juntou, tudinho, e ai minha mãe tava arrumando pra ir pra casa da minha tia foi na época de ano novo, véspera de ano novo. De noite minha prima tava la a “F”, eu, a “K”, o “D”, a “A”, ai chegou, eu fui vestir o tênis e a meia branquinha que minha mãe tinha comprado pra nois durante o ano novo ai juntou aquele tanto de gente e arrombaram o portão, e antigamente tinha um muro assim, assim, (<i> sinalizou mostrando o tamanho do muro</i>) e só um portãozinho pequeno, ai de</p>	<p><u>1- Separação dos pais</u></p> <p><u>2-Violência familiar- conflito com a família paterna</u></p> <p><u>3- Agressão a mãe que acarretar em distúrbios “tumor”</u></p>

<p>la meu tio que o “R” ai meu tio...</p> <p>A: Esse tio é irmão da sua mãe ou do seu pai também?</p> <p>Bob : Do meu pai também, ai ele saiu de la e minha mãe decidiu abrir, e de la eles veio correndo e fechou a casa inteirinha, porque é muita gente, e chegaram la em casa com faca, facão, pedra, pau e chegaram batendo na gente, ai todo mundo batendo na gente, ai bateram na minha mãe muito que até quebraram o braço dela, quebraram o braço ne e bateram muito na cabeça da minha mãe e ai deu uns problemas na cabeça dela um tumor na cabeça...</p>	
<p>A: Sua mãe ta com um tumor na cabeça, e ela tirou?</p> <p>Bob : Tirou..</p> <p>A: E hoje como ela esta?</p> <p>Bob : Hoje usa muito remédio fica quase, tipo assim, como que eu posso falar... fica dopada o dia inteiro então por causa disso não converso muito com minha mãe, ai esse tempo foi passando ai ela fez o raio x... Ai eu corri com um pé só com a meia branquinha, e os meninos tudo olhando aquilo e não chamava a policia e nesse dia a gente ligava pro policial veio uma polícia só, meu tio ta foragido, o “R” o único que eu sei o nome, e chegaram e bateram muito na minha mãe, ai chegou de manhã, minha tia veio pra ca, veio minha vó também e começou a briga toda, e foi tirar satisfação e como minha vó é ignorante, a velha é brava (<i>Risos</i>), que é a mulher mora la perto de casa, minha vó quase que pega ela de pancada, quase que pega a mulher pra bater de manhã, ai minha vó pegou e foi embora e ficou só minha tia dormindo com nois, ai ficamos passando esse tempo e isso foi afetando a gente também durante esse tempo, foi afetando todo mundo.</p>	<p><u>Como a família convive com o transtorno da mãe</u></p>
<p>A: E o que você pensa com esse tanto de violência, ne “K” desde pequeno você me falou que com um ano e meio, você já falava que ia matar sem saber o que era isso, você escutou seu pai falar isso para sua mãe e você falou deve ser uma coisa boa também, não sei, você repetiu aquilo, mas desde pequeno esse tanto de violência entra assim no meio da história, ai tem o abuso, olha o abuso com sua irmã, hoje você está sendo acusado disso também, olha o quanto isso está parecido com seu pai, está vendo, olha você viu as coisas?</p> <p>Bob : Tem coisa que não é..</p> <p>A: Lá aconteceu.. Com seu pai aconteceu e aqui você falou que não aconteceu?</p> <p>Bob : Só que aqui foi diferente, se precisar eu levo o PETI inteiro.</p>	<p><u>Comparação com a violência no CRAS/PETI e em casa, sendo protagonizados um pelo o sujeito e o outro pelo pai do sujeito respectivamente.</u></p>
<p>Bob : Ai esse tempo certo tempo eu meu pai pediu a casa e a “K” tava doente ai passou eu tava com treze ai nois fomo pra casa dele, ele tem uma filha, mais que não é dele...</p> <p>A: Não, como é isso? Seu pai tem outra família?</p> <p>Bob : Tem outra família, ai a menina cresceu e ele assumiu a criança e essa mulher foi la em casa e minha mãe falou que ia da um pau nela, porque minha mãe é nervosa e falou que ia pegar ela, ai ela sumiu, ai nessa época ela sumiu, ai teve um mês que ela pediu pra “K” morar com eles, porque ela não dava conta, porque ela num tinha uma perna, e não dava conta de carregar a menina ai eu pedi pra morar porque eu não ia deixar a “K” sozinha.</p> <p>A: Por quê?</p> <p>Bob : Porque eu não queria!</p> <p>A: Por que você não queria deixar a “K” morar sozinha?</p> <p>Bob : Porque se aconteceu uma vez, pode acontecer de novo! Ai fui peguei falei que eu queria ficar também, ai ele falou que eu não ia ficar, ai durante isso eu e a “A” tava indo pro PETI também e a cidade não era aqui e tinha que sai cinco hora da manhã pra vim pro PETI.</p> <p>A: E onde era essa cidade?</p>	<p><u>1-Devido o desamparo o sujeito busca proteger a irmã</u></p> <p><u>2- Mudança para casa do pai</u></p>
<p>Bob : Não me lembro muito bem! Ai vinha de madrugada, ia voltava ia de novo, pegava as malas, pegava roupa e tomava banho, ai foi passando o tempo. Foi passando, ai essa brigas todas. Ai o “D” começou a andar, de uma hora pra outra com uns maloqueiros....</p> <p>A: Hoje ele tem quantos anos?</p> <p>Bob : Não o “D” vai fazer dia quatro agora, 18 anos, e eu acho que não tava envolvido com droga não, mas com bebida eu acho, eu acho não, tenho certeza..</p> <p>A: Então ele estava envolvido com bebida.</p> <p>Bob : Humhum....Ai o “D” começou essas brigas começou também com nois, e ai vai daqui e vem de ca, e o “D” muito ignorante chegava e queria mandar na casa.</p>	<p><u>1- Início da mudança de comportamento do irmão</u></p> <p><u>2- Inserção de bebida alcoólica</u></p>



<p>aquele negocio da “BIZ”, e ele não quietou, ai minha mãe veio de la correndo e gritando, como eu tinha ligado pra polícia, ai eu falei moço por favor ele ta me batendo muito, ai num sei que num sei que... ai ele foi briga de novo no meio da rua, e minha prima correndo de lá com a faca, ai a polícia virou de repente, e daí ele tava com um tijolo desse tamanho, e jogou na frente do carro da polícia, ai a polícia já desceu com a arma na mão, já mandou ir pra parede que ele tava parecendo mala, e tava vestido de mala mesmo, e revistou ele, colocou algema e foi levar ele. Ai ele falou pra minha mãe assim ta vendo que seu filho faz, ta vendo, ele não pensa em nois também, so pensa nele, ele não sabe o que nois tava passando dentro de casa com ele. Teve uma vez que ele tava fugindo de casa muito e quem tinha que ir atrás sou eu...</p> <p>A: Onde você achava ele?</p> <p>Bob: Na casa dos colegas dele escondido. Teve um dia, que ele ficou dois dias fora.</p> <p>A: Mas o que ele fazia na casa desses colegas?</p> <p>Bob: Ninguém sabe, ele não explica, eu não converso muito com ele, porque eu sou uma pessoa mais “light” e ai nois não conversa, ai muitas vezes ele chegava e batia, ai ele foi pra DPIJ, e minha prima também foi, ai minha mãe correu lá com os documentos, e falou moço pela amor de Deus, não prende não, ai minha mãe sumiu também e veio para aqui...</p> <p>A: Aqui aonde?</p> <p>Bob: Aqui no Novo Mundo, ai ele quieto, ai eu fiz 14 anos agora ai ele quieto, quieto assim...</p>	
<p>A: Ele parou de uma hora para outra?</p> <p>Bob : Parou... É por causa também que eu tenho um vizinho meu que fala que é meu padrinho, ai de vez enquanto quando eu preciso, tipo agora dia 28, sem ser nessa semana na outra, eu vou viajar, ai vou ter que pegar a mala dele porque eu não tenho mala, ele me da dinheiro, só que meu batismo não foi marcado, vai ser marcado ainda, talvez pra dezembro pra la, e esse padrinho chegou e conversou com o “D” pra ele parar de bater em mim...</p> <p>A: E antes desse homem ser seu padrinho como era? E por que ele decidiu ser seu padrinho assim?</p> <p>Bob : É por causa que eu tenho muita amizade, o Novo Mundo inteirinho me conhece, antigamente, antes de vim pro PETI eu trabalhava num supermercado e era o palhaço jujubinha eu vendia balinha, entregava as propagandas, eu era homem honesto...</p>	<p><u>“Amparado pelos padrinhos”</u></p>
<p>A: O que é ser honesto “K”?</p> <p>Bob : É um homem trabalhador, eu mesmo, eu se fosse pra mim trabalhar, porque meu pai tava montando uma casa e eu tava junto ai eu fiquei lá, e os caras ficam irritado porque eu não converso, eu não converso no trabalho, não tem esse que me faz conversar, ai - o “K” não conversa e tal- , ai só com esse homem que eu conversava, por isso que ele é meu padrinho, fiquei conversando com ele, ai a gente ficou conversando, ele me dava brinquedo, ai me dava presente, ai me deu perfume caro, de 70 conto, e não deixava ninguém usa, mas alguém usou meu perfume..</p>	<p><u>Percepção de si mesmo</u></p>
<p>A: Ai o que você fez quando usou seu perfume?</p> <p>Bob : Eu não sabia, se não eu tinha perguntado quem tinha usado o perfume, então na podia falar nem suspeitar de ninguém, ai ele me deu outros trem, umas fruta, ai na outra semana eu fui buscar, falei que eu não ia comer as coisas dele, ai ficou aquela guerra, não vai, não vai, e o pau quebrando, ai o a televisão queimou, ela tava sozinha dentro de casa e queimou, ai o “D” falou pra minha mãe vou tirar uma televisão da loja, não vai nessa mãe seu nome vai sujar, eu quero um guarda-roupa, depois você compra esse trem, compra uma no pregão só pra agora, ah não sei que, ai o namorado dela, porque ela já tinha um namorado, falou que ia da uma televisão pra ela de oito polegadas, só que o primo dele tinha catado a televisão e sumido com a televisão, ai chego e falo com minha mãe e ele também falou, ai tirou a televisão de 29 polegadas, da loja...</p> <p>A: Da loja?</p> <p>Bob : Da loja “Casas Bahias” de 29 polegadas, ai conversando com a mulher, e eu sentando na cadeira pensando o que ele vai falar pra mulher, pegou o DVD...</p> <p>A: Comprou o DVD junto?</p> <p>Bob: É comprou o DVD e eu mãe o “D” pegou o DVD, ai minha mãe não acredito, vou conversar com a mulher, não, não, não... ai ele queria que eu levasse a televisão, eu falei que não ia levar porque eu vim aqui só pra passear, que não sei que, ai ele então não vou trazer também não e trouxe só o DVD. Ai começou a briga porque tinha o som também, e ele pegou a televisão e colocou no quarto dele, ai nem eu, nem a “K”, nem a minha mãe, via a televisão ai ele queria colocar o som também e começou a briga tudo de novo, mais essa foi a ultima vez ai ele quietou, meu padrinho falou com ele e ele quietou.</p>	<p><u>Consumismo, aquisição de bens de ultima utilidade</u></p>

<p>A: Então o padrinho foi lá conversar com ele?</p> <p>Bob : É, mais o “D” me levava pra rua pra me bater...</p>	<p><u>Irmão agressor</u></p>
<p>A: O “D” que levava você para rua para te bater?</p> <p>Bob : Ai muitas vezes eu ficava todo roxo, e eu não gostava de falar pra ninguém, como eu era muito calado, e muitas vezes eu chorava sozinho, ai foi nessa época agora que eu falei que ia bater também...</p> <p>A: Por que você não gostava de falar para ninguém?</p>	<p><u>Isolamento, retraimento</u></p>
<p>Bob : Porque eu era marcado e se eu falasse pra alguém eu tinha medo de matar ele, matar ele, apesar de meu irmão, apesar de ser tudo isso ele era meu irmão ne, isso ficava no meu pensamento, ai teve uma vez que ele me bateu. Não tem um vulcão, ele explode ne, eu explodi e falei chega, porque a gente explode ne, ai explodi, e por causa disso tudo ele parou no DPII, ai ele parou de brigar, ai durante isso aconteceu isso comigo.</p>	<p><u>Reconhecimento de laços afetivos apesar dos conflitos e percepção de si mesmo</u></p>
<p>Bob : Não, é assim, uma num fui preso não e a outro é só um processo. E eu tava querendo sair do PETI, porque eu fiquei muito chateado por causa do “E”, me deu crise de depressão la em casa e ....</p> <p>A: Como que foi essa crise de depressão?</p> <p>Bob : Ah eu comecei a chorar demais e ai eu falava que não queria ir pro PETI, ai eu peguei e parei de vim, e não vim mais...</p> <p>A: O que você ficava fazendo em casa?</p> <p>Bob : Uai ficava em casa só saia de vez enquanto, pra comprar alguma coisa no supermercado, da uma voltinha de bicicleta, ai teve um dia que eu vim ai eles mandaram eu embora, por causa disso, ai eles não tinham avisado nada disso pra gente, o erro deles, ai eu entrei passou umas horas, antes do lanche, o lanche já ia ser servido e eles me chamaram, e disse que eu tinha que ir embora e eu porque, ai disse a isso e isso e isso ai eu ta bom eu vou embora, ai eu tava indo aqui por baixo eu bati num golzinho prata, e fiquei com o pé inchado...</p> <p>A: Você veio de bicicleta e nesse dia que você caiu?</p> <p>Bob : Foi, ai eu bati no carro, e to com o braço machucado até hoje..</p> <p>A: E você não foi no médico?</p> <p>Bob: Não fui no médico, não gosto de médico, e minha mãe também pra ela acordar Deus me livre, ai dei uma passadinha, e meu padrinho, olha, olha que você vai ficar sem o braço, ai fiquei com medo e fui sozinho, ai seu braço não ta assim, porque bateu no nervo, agora pra desinchar você tem que vim no hospital se não tem jeito de passar o remédio.</p> <p>A: Não precisa ficar com medo! Você tem medo é de injeção?</p> <p>Bob : Não, não, não eu não gosto de médico não, nem minha mãe gosta. Teve um vez que eu fiquei com muita febre alta, ai minha mãe ai tem uma amiga minha que eu chamo de tia, porque lá perto de casa eu chamo todo mundo assim, tava lá também porque ela tava muito gripada, ai o médico que me consultou, a médica me falou oh moça não me passa injeção não me passa remédio, porque eu só tomava remédio, só remédio e injeção na veia aqui, ai passou pra tomar, ai quando eu vi o cara preparando assim ai, não vai não e chama minha mãe, “K” que isso é só uma “BEZETACIL”, porque endurece a perna ne (<i>Risos</i>)...</p>	<p><u>Desamparado, sem cuidados</u></p>
<p>A: Mas ai você melhorou depois que tomou a injeção, passou a febre ne?</p>	
<p>Bob : Aham (<i>Risos</i>)</p>	
<p>A: Então é por isso que eles passam essa injeção! Acaba com tudo e não pode ser no braço, tem que ser no bumbum ta “K” é por isso!</p>	
<p>Bob : E minha vida sempre foi assim, sempre foi assim... e o juiz determinou que eu não posso sair daqui enquanto eu não fizer 15 anos....(<i>Suspira e demonstra um pouco de cansaço</i>)</p>	<p><u>Sentimento de permanência</u></p>
<p>A: Mas seu desejo hoje é sair daqui?</p> <p>Bob : Com certeza!</p> <p>A: Com certeza?</p> <p>Bob : Aham</p> <p>A: Amanhã você pode me contar porque você quer sair daqui? Porque hoje você me contou muita coisa ne?</p> <p>Bob : Humhum...Contei minha família e vida quase inteira...</p>	<p><u>Desejo de sair da instituição/CRAS</u></p>

A: Ok, obrigada até amanhã...	
Bob : Aham...	
<b>2ª Entrevista</b>	
<p>A: “Bob” hoje nós vamos continuar! Foi na metade das brigas! Em casa?</p> <p>Bob : É em casa!</p> <p>A: Ai hoje você falou ali na sala quando... eu estou falando assim pra explicar um pouquinho o que aconteceu antes de começarmos a entrevista e que as técnicas da unidade pediram para que eu conversasse com você, pois você chegou e saiu da unidade, sem autorização dos instrutores. Quando estávamos conversando você falou que a sua mãe ameaçou a chamar a DPAI ou a DPCA, até sua mãe falar que ia chamar e ia ficar com medo, eu não entendi! Como que foi essa história direito?</p> <p>Bob : O juiz determinou um certo tempo, que nois teria que ficar entre o PETI ou entre a DPCA ai como nois tava fazendo muita bagunça... porque ela saia pra trabaiair, ai nois pulava o muro, porque lá em casa o lugar é estreito e tinha a outra casa que é do meu tio, só que ele não tava lá. Que é a do meu tio como eu falei ontem, que a do meu tio “R” nois pulava lá, ai muitas vezes ela encontrava nois no meio da rua e falava que a rua não era lugar pra nois brinca e nunca foi e hoje de vez enquanto quando eu faço as coisas eu fico mais calado do que falo, fico quieto, porque todo mundo que me conhece lá perto de casa sabe que eu não sou muito de conversar sou mais de fica quieto, por isso quando eu brigava muito com o meu irmão, eu apanhava muito do meu irmão, eu ficava mais calado, eu num chegava e num falava com ninguém. Esse certo tempo que chegou que minha mãe falava que ia chamar, ia acionar a DPCA pra prender nois lá por causa desse caso do pai e tudo, ai falou que ia chamar falando pra nois (<i>Risos</i>), só que uma vez que ela ligou pra lá, mais demorou muito e eles não veio, eu acho que não veio, por nois saiu...</p> <p>A: Saiu ou fugiu?</p> <p>Bob : Não, nois saiu, nois tinha saído, ai nois não sabe se foi lá ou não foi, porque minha mãe não tinha coragem de ligar porque nois era muito pequeno, mais ai só por causa da bagunça ela falou isso, e acho que é pra passar medo na gente e minha vida toda foi assim um clima de brigas de irmãos. Mais nunca foi de chegar e teve uma vez passei ser revoltado com a vida e com tudo.</p>	<u>Mãe ameaça como forma de controle</u>
<p>A: O que é ser revoltado?</p> <p>Bob : É você ter uma vida, parece que a vida não tem sentido que não tem como você viver, porque a pessoa que vive calada, ela fica so pra ela, ela sofre sozinho, muitas coisa eu passo sozinho eu não gosto de falar pras outras pessoas...</p> <p>A: Por que?</p> <p>Bob : Eu não sei, porque eu não sei nem como te explica, como é que é, mais é muito ruim ser assim...</p> <p>A: É muito ruim ser assim...</p> <p>Bob : É...</p> <p>A: “Bob” você consegue falar para mim quem é o “K” hoje?</p> <p>Bob : Antigamente eu era muito nervoso chegava qualquer coisinha eu tava brigando, tinha problema em casa, tinha problema na escola, me afetava em tudo, muitas vezes eu tinha depressão, minhas irmãs todas, teve uma vez que a “K” teve muita depressão, não conseguia nem ficar em casa...</p> <p>A: Que é depressão?</p> <p>Bob : Depressão é você chega num certo momento, e não consegui falar e começar a chorar e fica pensando naquele trem...</p> <p>A: Que trem?</p> <p>Bob : Naquele problema, na tristeza, então a pessoa tem esse trem e isso, eu sofria sozinho e não tinha jeito de falar, e não tive como conversar com a pessoa, não tive amigo assim, que eu achava que ia compartilhar meu problemas com eles, mais ai muitas vezes eu descontava minha raiva nos outros, ai quando meu irmão me batia muito, ai eu comecei a bater como eu te falei ontem, ai isso foi adaptando aos meus dias, ai cabou que teve uma época ai que deu muito problema pra mim... (<i>Tristeza e olhos marejados</i>)</p>	<u>Percepção de si mesmo</u>
A: Como assim ? Que problema?	<u>Consequência da violencia ocorrido no contexto familiar</u>
<p>Bob : Ah um problema ai, com o professor, com tudo, com a rua, é o problema xingando os outros, ai chegou uma pessoa no PETI, chegou e conversou comigo, ai comecei a mudar e de repente eu comecei a mudar, ai fui pra igreja começou a me ajudar...</p>	

<p>A: Que igreja? A Adventista?</p> <p>Bob : Não, nem tanto a Adventista, que eu ia pra Deus é Amor também, eu só conversava com Deus também, não tinha como eu conversar com ninguém, mas me sentia muito aliviado, ai parece que aquilo sumiu, não era mais aquilo que eu estava sofrendo, e ai passou o dia, ai teve muitas época que eu passei, passei em de vez em quando em duvida, se era, com é que era ser assim, que não sei o que, ai eu pensava como é que eu vou ser? Quando eu crescer quando eu crescer? Eu vou chegar nos meus 21?</p>	<p><u>Crença em Deus como alívio</u></p>
<p>A: Se ia chegar aos 21? Como assim ? Por que ?</p> <p>Bob : Aham...Porque eu caçava muita encrenca no meio da rua...</p> <p>A: Você procurava as brigas?</p> <p>Bob : Eu procurava as brigas, porque eu tinha briga em casa e queria descontar nos outros, na época era assim...</p> <p>A: E isso tem quanto tempo?</p> <p>Bob : Muito tempo!</p> <p>A: Muito tempo quanto?</p> <p>Bob : Num sei até quantos anos...</p> <p>A: Não? Lembra ai!!!</p> <p>Bob : Acho que uns dois anos por ai... até os dois anos porque eu mudei de lá pra cá, e teve um ano que eu cheguei e quetei, de vez enquanto nem conversava com os outros qualquer coisinha, não já esqueci ta bem...</p> <p>A: E tava bem?</p> <p>Bob : Não, muitas vez não, porque as brigas ainda continuava...chegava em casa tinha muito e durante isso cheguei uma vez que eu briguei com uma professora aqui do SEMAS, foi que eu fui pra DEPAL...</p> <p>A: Quando você fala SEMAS, você fala do CRAS?</p> <p>Bob : É...</p>	<p><u>1- Deslocamento</u></p> <p><u>2- Expectativas quanto ao futuro</u></p>
<p>A: Quando você foi para a DPCA?</p>	
<p>Bob : Foi esses tempos agora, tem dois anos que eu mudei ai antigamente era light não falava com ninguém, ficava quieto no meu canto....</p>	
<p>A: Tem quanto tempo que você entrou no PETI?</p> <p>Bob : Acho que eu entrei com 10 ou entrei até com menos, porque eu não sei contar até hoje porque passou muito professora aqui dentro aprendi muito aqui dentro também, porque eu apanhava muito dos meninos aqui, antigamente eu apanhava muito...</p> <p>A: Como que era o PETI antigamente?</p> <p>Bob : Aqui só tinha menino grande enorme, os menino aqui era tudo grandão, só tinha torcida de time que não sei o que, quando saia aqui fora acabou, acabou o mundo, do portão pra fora cabou o mundo, é pegando o outro dando porrada, é pegando o outro, é pegando pedaço de pau, pedra (<i>Gesticula</i>). Teve uma vez que meu irmão foi briga com o menino o apelido do menino era rosinha, porque eu não lembro do nome do menino brigou de porrada dentro do ônibus, brigamo de porrada dentro do ônibus, um menino deu um tapa, um murro no peito do meu irmão, meu irmão deu uma porrada nele, ai depois ele veio correndo e deu uma nos peito do meu irmão ai ele caiu sentado, ai dessa vez eu tentei separar, foi ai que eu levei um tapa também....</p> <p>A: Você pequenino e magrinho estava junto com ele?</p> <p>Bob : É eu tava mais meu irmão, ai passou uns anos paramos um pouquinho as brigas e meu irmão passou a ter cabeça um pouquinho.....</p> <p>A: Então só pra gente entender “D” então vinha também para o PETI?</p> <p>Bob : Vinha também do PETI, lá todo mundo já passou aqui pelo PETI...</p> <p>A: Todo mundo?</p> <p>Bob : Todo mundo...</p> <p>A: Ta certo!</p>	<p><u>1- Trajetória no PETI</u></p> <p><u>2- Violencia Institucional e percepção da unidade</u></p>

<p>Bob : Ate porque todo mundo era pequinininho e todo mundo tem que vim, por causa daquele trem, todo mundo teve que vim...</p>	
<p>A: Que trem?</p> <p>Bob : Por causa da separação dos meus pais teve que vim, ai foi passando por aqui, ai as épocas foi passando, até que chegou a época que ficou só eu, mais agora eu tem mais tempo, to mais crescido, tenho mais cabeça, tem vez que o trem ataca e não da pra segurar...</p> <p>A: Eu lembro uma vez, foi longo que eu cheguei, cheguei aqui a três anos atrás, e de repente, como muita coisa na sua vida como você fala, de repente seu irmão fica agressivo, de repente seu pai fica agressivo, de repente você usa muito de repente, e de repente você veio e só escuta o barulho... o “Bob” tinha derrubado todas as cadeiras que tinha dentro da sala.... você se lembra dessa vez?</p>	<p><u>Violencia no contexto familiar com violencia institucional</u></p>
<p>Bob : É chegou esse tempo, que eu ficava com muita raiva, e chegou esse tempo que eu metia cadeira pra tudo quanto era lado (<i>Muita excitação</i>) e não tava nem ai pra quem tava lá e eu nervoso e cada vez que um menino que me atentava que era mais velho que eu, eu saia correndo atrás dele e metia a cadeira sem dó. Teve uma vez que eu tava brigando na escola que eu acertei uma das professoras ai eu... só que não foi por querer, ai ela me colocou de castigo e o menino também, ai nois tava com muita raiva ai eu peguei e derrubei o armário da escola, o armário que a gente guardava as coisas dos professores no armário ai eu derrubei o armário e ia pra derrubar o computador, ai o guardinha veio e me segurou, ai veio outro guardinha que tava na escola também, porque lá na escola tem três guardinha também, e ele veio me segurando o braço, ai eu comecei a segurar no braço. Porque eu tava tão nervoso, que assim, o nervoso era tanto que eu não sei de onde vinha tanto raiva, que eu ainda consegui chegar perto do menino e da um chute nele e o menino veio pra cima de mim também, ai os meninos segurou ele, ai eu comecei a arrastar os meninos também, ai sai da escola, porque eu queria matar ele ali na escola Bom Jesus, eu tinha umas cem suspensão por causa que eu era muito, mais muito nervoso. Teve uma época que eu tava tão agressivo, que meus irmãos me batia em casa eu queria mesmo descontar nos outros passar minha raiva pros outros, sempre que chegava na escola eu passava na cabeça dos outros, dando cabeçada em todo mundo (<i>Risos</i>), eu chegava segurava e dava uma cabeçada em todo mundo sem dó, ai começo de repente, ai levei uma suspensão, ai minha mãe me passou pro Monica, ai continuei nervoso, ai depois que eu comecei adaptar a isso ai parei um pouco, ai eu quetei, mais ainda tem um povo ainda que tem medo de mim (<i>Risos</i>) de vez em quando por causa que qualquer coisinha eu estouro...</p>	<p><u>2- Percepção do sujeito sobre a violencia no contexto familiar</u></p> <p><u>2-Necessidade de deslocamento</u></p>
<p>A: Pois é, o que você falou que se atentar você estoura. O que é atentar? O que é isso?</p> <p>Bob : É uma pessoa fica lá insistindo naquilo, é no sei o quê, não sei o quê, não sei o quê, faz isso, faz aquilo, faz isso, faz aquilo, é assim, assim, assim, (<i>Gesticula</i>) ai teve uma vez que qualquer professora que chegava e falava de mim, eu meti a caderada e batia nela, sem dó, ai foi isso e depois passou, eu vim pra cá. Minha vida sempre foi com violência dentro da minha casa, minha mãe começou a adoecer, teve uma época que ela começou a adoecer...</p>	<p><u>1-Percepção de si mesmo</u></p> <p><u>2-Não reconhecimento da autoridade</u></p>
<p>A: O que ela teve, que ela adoeceu?</p> <p>Bob : Esse tumor na cabeça, pegou e afetou a cabeça...</p> <p>A: O que ela faz, que você acredita que tenha afetado?..</p> <p>Bob : Foi a pancada que, eu acho, do facão, pau, que eles meteram nela, e a pá...</p> <p>A: Pá? Que pá?</p> <p>Bob : Com certeza a pá, daquelas ferramenta, bateram nela também...</p> <p>A: E você viu, presenciou tudo?</p>	<p><u>Doença da mãe devido aos conflitos familiares</u></p>
<p>Bob : Presenciei tudo, tudo, tudo eu presenciei.. Agora teve uma época que eu tava acreditando tanto em Deus, mais tanto em Deus, foi nessa época que eles começou a bater na minha mãe, eu acreditava tanto em Deus, tanto assim, que se eu... pensasse ficava quente a mão, ai depois que passou dois dias que eles bateram na minha mãe eu orava e chegava e falava assim - Deus eu quero assim e assim. Passava uma semana e eu assim, eu quero justiça, eu quero justiça, não aceitava, não aceitava aquilo que eu tava vivendo acontecendo comigo, eu não aceitava, e é em cima, e é em cima. Passou duas semanas, nao sei se foi dia 20 de novembro, um dos era pai dos povo lá, irmãos da minha avó, ele tinha batido em mim e na “A” que era minha irmã mais nova, eu tinha segurado ela, e batido em nois, e isso eu não aceitava, eu era ignorante, ai passou duas semanas o veio morreu... ah todo mundo falava assim, eu mesmo fiquei assustado..</p>	<p><u>Religiosidade</u> <u>“Lei de Talião”</u></p>
<p>A: Você atribuiu essa morte do velho que bateu em você e na sua irmã, a quê?</p> <p>Bob : Eu acho que minhas palavras tem fogo, eu acho que todas palavras da gente tem fogo..eu assistia muito aquilo...</p> <p>A: Assistia o que?</p> <p>Bob : Deus vai fazer justiça, ai eu insistia pra Deus. Deus eu quero justiça, eu não aceito o que eu to vivendo, ai chegou essa época ai teve uma vez que ai passou um tempo, que agora essas épocas que eu mudei, ai passou um tempo a minha mãe começou a ir pra igreja, Deus é Amor, teve um</p>	<p><u>1- Percepção de si mesmo</u></p>

<p>cara que passou correndo uma vez de moto pra cê vê como que a palavra da gente tem fogo puro, eu falei tomara que ele caia e quebra a cara logo em frente (<i>Falou com um tom mais incisivo</i>) desse jeito, o carro virou de lá e acabou com a moto do cara, aí eu falei - meu Deus eu matei o cara e falei Deus eu matei o cara (<i>Risos</i>), aí tinha que ligar pra ambulância, eu não vou ligar, vou ligar, uma metade de mim falava, fica liga, liga, e a outra não liga, essa ele merece....</p> <p>A: O que ele tinha feito com você, só passou correndo?</p> <p>Bob : Não... Ele passou fazendo graça e curtindo com a minha mãe, porque quando minha mãe fica doente, parou de andar arrumada, bonita assim, e passou a moto perto do meu pé, se eu não tivesse tirado o pé ele tinha me atropelado, aí tirei o pé, aí eu tomara que aquele cara quebra a cara, moço foi só eu falar, veio um carro de lá chutado, correndo e bateu na moto, aí eu falei – Deus eu matei o cara - e quebrou a roda do carro quebrou tudo, o frizer da moto do cara quebrou, ainda bem que ele não se machucou, aí ele tava falando que quem foi culpado foi a mulher, a mulher do carro, o bebê da mulher tava na frente, o ruim é que ele tava na frente e o menininho parece que machucou, machucou muito, aí tava assim saindo muito sangue todo mundo correndo com esse menino, aí chamou o corpo de bombeiro, e o cara ainda tava fazendo graça com a mulher, queria bater na mulher, se o marido da mulher não tivesse chegado, ele tinha pegado a mulher de porrada , porque o cara veio pra cima da gente, a gente eu falei esse carro vai bater la frente, aí eu pensei, por isso tem que pensar no que a gente fala, que a palavra de gente tem fogo....</p>	<p><u>2- O poder da palavra do sujeito segundo o ele acredita, ou seja, a religiosidade</u></p>
<p>A: Muito fogo... e assim, como você se sentiu, você sente e percebe que aquilo que você fala acontece?</p> <p>Bob : É.. Me sinto muito mal, e desse tempo pra cá eu tinha visão também!</p> <p>A: Visão? Como assim? Me explica, o que é ter visão?</p> <p>Bob : É vê aquilo acontecer, antes de acontecer você vê aquilo. Teve uma vez que assaltaram minha mãe, nessa época ela não tinha nenhum, ela tinha acabado, de duas semanas de comprar um celular, aí eu falei mãe não vai, não vai, tia não vai, minha tia também tava em casa, foi, aí eu - “K” vai acontecer alguma coisa com a minha mãe, dois cara vai descer e vai bater na minha mãe e vai tomar o celular dela, aí a “K”ah não acredito nisso não, não sei o que, passou um duas horas, de madrugada, a minha mãe chega chorando e minha tia também, contando que dois cara num gol branco, bateram nelas ate fala chega, querendo tomar o celular, e elas não querendo deixa, minha tia levou um murro na cara e outro tava batendo nela, eu falei mãe ta vendo, não era pra ocê te levado o celular, eu sabia que ia acontecer isso, vou fazer um teste com você, comprou outro celular igual , da Sansung, novinho tinha acabado de sair tava pagando quatrocentos e tanto na prestação....</p> <p>A: Ela estava trabalhando nessa época?</p> <p>Bob : Não, não num tava não, e até nois tava passando necessidade por causa do celular, porque também era urgência, porque esse telefone celular era urgência, porque nois não tinha telefone residencial, não dava conta de pagar, teve um vez que minha mãe teve telefone residencial e cara falava tanta coisa, mais tanta coisa, que minha mãe chegou lá e rançou os fios tudinho, até hoje tem um restinho de fio pendurado lá....</p>	<p><u>1- Prevê o futuro</u></p> <p><u>2- Aquisição de bem de ultima utilidade</u></p>
<p>A: Que isso!!</p>	
<p>Bob : Foi essa época de crise, que as crises dela começou, aí pronto, aí acabou o mundo. Ai todo mundo que via ela baixava a orelha quetava todo mundo.... (<i>Risos e crítica</i>)</p>	
<p>A: Você também?</p>	
<p>Bob : ixa até eu, mais tem hora que eu ficava cutucando ela também...(risos)</p>	
<p>A: Que você fazia que cutucava ela?</p>	
<p>Bob : (<i>Risos</i>) Ficava tomando o cigarro dela e escondendo, aí passou um tempo aí eu continuei, aí esse tempo agora já passei que agora eu to um pouco nervoso de vez enquanto, meio fraquinho, mas to bem.... Graças a Deus minha casa mudou....(<i>suspiro</i>)</p>	<p><u>Percepção de si mesmo</u></p>
<p>A: Pois é, mas e como está na sua casa?</p>	
<p>Bob : Graças a Deus.... Mas mesmo assim eu não to conversando com meus irmãos, só com a “A” e a “K”, de vez enquanto, só de vez enquanto, nem converso muito. Não converso com o “D”, nada tudo que ele faz, eu não falo, eu não converso com ele, e ele fala que eu não vou comer as coisas dele e eu não como, aí meu padrinho chega la e falando e compra as coisas só pro você também aí eu compro, mas o problema que eu nem fico em casa... eu nem to parando em casa.</p>	<p><u>Percepção das relações</u></p>
<p>A: Mas aonde você vai quando não fica em casa?</p>	
<p>Bob : Meu padrinho não deixa eu fica em casa, porque a “K” briga de mais com o “D”, por isso que ele não deixa, pra eu não entra na briga pra mim não apanha....</p>	<p><u>Relacionamento com padrinhos, necessidade de ser cuidado</u></p>
<p>A: A “K” não tinha saído de casa uma época?</p>	
<p>Bob : Ela tava mais ficando com o namorado dela, é por causa que o “D”, tava batendo muito, mas o namorado da “K” quis pegar nois de pancada...</p>	<p><u>Violencia familiar</u></p>

<p>A: E ele queria pegar quem?</p> <p>Bob : Pegar o “D”, o meu irmão, por que lê tava batendo muito na “K”</p> <p>A: O “D” por que ele tava batendo muito na sua irmã?</p> <p>Bob : Aham, o “D” tava batendo na minha irmã, na “K” e chegou a bater na “F” aquela hora que eu falei que tava brigando, e chegou lá e falou que ia pegar o “D” também, sorte que minha mãe não deixou, porque quando minha mãe começou a adoecer, ela não deixou, aí passou muito tempo....</p> <p>A: Mas a “K” hoje mora com o namorado ou não?</p> <p>Bob : Não, mora com nois, mora com a gente....</p>	
<p>A: Mora com vocês! Sua mãe agora recebeu o benefício, recebeu ontem?</p> <p>Bob : É recebeu ontem, e também minha casa vai ter que ser destruída toda, por causa que ela é de adubo e tem uns buracos enormes na parede, e ela é feito de adubo, a metade da casa e minha mãe tava esperando isso tem um tempo, pra poder construir a casa...</p> <p>A: Colocar os tijolos e tudo que precisa ne?</p> <p>Bob : E meu padrinho vai ajudar também por que ele ta pagando agora, ele vai terminar o segundo grau e vai começar a pagar pra mim fazer uns cursos, um curso bom que ganha dinheiro..</p> <p>A: Tem cursos gratuitos. Você sabia disso?</p> <p>Bob : Eu sei que tem curso gratuito, só que agora no próximo ano eles não vão poder pegar na OVG só adultos...</p> <p>A: Não tem aqui, pertinho tenho! No OEC.</p> <p>Bob : Então a “K” ta fazendo lá. Agora só vai passar pra adulto..</p> <p>A: Agora é só pra adulto?</p> <p>Bob : Só pra de maior.</p> <p>A: Hum, não sabia não!</p> <p>Bob : Eu queria fazer, fazer lá, mas só que eu não posso.</p> <p>A: Tem o SESI, depois você pergunta para as meninas como que consegue, é bem mais em conta, já que seu padrinho vai te ajudar, não é?</p> <p>Bob : Aham, mas ele não quer pagar aqui não, ele quer fazer em outra cidade....</p> <p>A: Aonde?</p> <p>Bob : Não sei.</p> <p>A: Ai você vai embora com ele?</p> <p>Bob : Não, eu sou vou fazer um curso de computação com ele, porque se ele for montar uma empresa, eu vou fazer curso de administração e curso de computação, ai os dois juntos, ai esse curso que vai me ajudar. É porque ele vai montar a empresa, ele vai ser o chefe e eu o administrador.</p>	<p><u>Expectativas futuras</u></p>
<p>A: Ah Entendi! “K” você falou que uma das suas preocupações era se você iria chegar aos 21 anos, como que é isso?</p> <p>Bob : É.. assim.. você sente assim, aquela briga, e agora, já pensou se o cara me mata lá fora?</p> <p>A: Você vai fica sem aquela briga? Como assim? Não estou entendendo!</p> <p>Bob : É muitas vezes eu caçava briga lá fora na rua, e muitas vezes eu ficava pensando, gente será que o cara vai me matar lá fora, ai eu ficava assim inquieto, e eu falava assim, deixa eu embora com isso, deu ir embora com isso, o cara vai me pegar, teve uma vez que o diretor teve que me levar na escola, porque eu cacei briga com um menino maior que eu, ai o menino pego e falou que ia me bater, o diretor pegou e me levou na escola e lá em casa, ai ele vai me matar, ele vai me matar, vai me matar e ai eu fiquei com aquilo na cabeça, ele vai me matar, ele vai me matar, e muitas vezes eu ficava pensando quando eu chegar na escola eu vou apanhar, eu corri tanto desse menino, ele pegou um tijolo (<i>Risos</i>) pra arrumar na minha cabeça lá na praça bom Jesus, que na época não era assim, e eu corri e corri muito e corri até falar chega, e na época era época que eu corria muito...</p> <p>A: Hoje você não corre não?</p>	<p><u>Medo de não chegar ao futuro</u></p>
<p>Bob : Hoje, eu corro mas minhas pernas, ta mais.. meu padrinho não da conta de me passar, ai foi passando assim e a vida continuo a vida, ai graças a Deus a vida melhorou com a chegada do</p>	<p><u>Desejo de mudança em casa</u></p>

<p>benefício, graças a Deus minha vida vai mudar daqui pra frente, e as brigas que aconteceu durante minha família se Deus quiser vai melhorar mais, acredito nisso...(Demonstrou cansaço)</p>	
<p>A: Voltando um pouco aquela história das cadeiras, você se lembra que eu estava aqui e eu te chamei pra gente conversar. Mas você não quis, claro que você não quis a principio conversar, não é?</p> <p>Bob : É... eu era muito ignorante...</p> <p>A: E xingo, e bravejou, ai as meninas do PETI, lógico que todas as professoras que tinham lá te seguraram, pois foi uma briga que você teve com o “K”, o do olho azul, foi com um prato de comida, não sei quem jogou o prato em quem primeiro, so sei que de repente as cadeiras estavam todas no ar!</p> <p>Bob : Não, foi o outro que tava brigando com o prato, o menino jogou uma batata nele, ai ele foi e chegou, na época foi o “R” ai pego o menino veio enforca ele, ai pá meteu a pratada no meio da cara dele, eu tava sentando na mesma mesa, ai eu fiquei de cabeça baixa...</p> <p>A: E onde você entra na história?</p> <p>Bob : Ai o menino também peguei o prato e ta na cabeça dele também, ai começou a briga de todo mundo, ai começou aquela guerra de prato, guerra de comida, e pau quebrando, eu pegava a cadeira e pá, e os outros também, de repente sobrou aquela bagunça...</p> <p>A: Foi?</p> <p>Bob : Ai a culpa caia em cima de mim porque eu era o mais nervoso da turma.</p> <p>A: Ai eu te chamei pra conversar.</p> <p>Bob : Foi, ai eu vim pra sala, eu não quis conversar, sai xingando todo mundo, não tava nem ai pra ninguém, que não sei o que foi essas épocas mesmo que eu tava revoltado com o “D”...</p> <p>A: Mas ai depois você veio conversar?</p> <p>Bob : Aham..</p> <p>A: Você ficou nervoso e reclamando, falei pra você sentar e...</p> <p>Bob : Ah foi até um professor entrou no meio também, só não me lembro quem era...</p>	<p><u>Violencia Institucional</u></p> <p><u>Violência Institucional</u></p>
<p>A: Você falou pra mim, “tia tem um negocio dentro de mim, que eu não sei o que é parece que tem um trem dentro de mim, e tem hora que eu nem sei o que eu fiz..”</p> <p>Bob : É que eu fico nervoso e ....</p> <p>A: E de repente some! Ai tem hora que não me lembro, mas o que eu fiz, foi assim que você falou pra mim... Você ta lembrando dessa parte?</p> <p>Bob : Ah lembro, lembro, lembro...os meninos ficava com raiva, não num quero conversar com vocês também não, e pau quebrando, e não sei o que, ah parece que ia subindo dentro de mim assim, oh e de repente bluf...que nem um vulcão que explode e acabou, de vez em quando eu nem lembrava que que eu fazia parece que eu batia a cabeça, e não voltei pro mundo, e essa coisas ficando assim, teve até uma vez tentei controlar mais a raiva, que agora eu tava tentando mudar mais, essa época, eu controlei mais a raiva, eu tava conseguindo controlar...</p>	<p><u>Percepção dos próprios impulsos</u></p>
<p>A: Como você fez para controlar?</p> <p>Bob : Ah...minha mudança eu acho que não lembro muito.</p> <p>A: Não?</p> <p>Bob : Não..então ai minha mudança foi assim, foi um clic, vamos se dizer uma pancada pra mim de repente, vamos dizer assim, eu não me lembro assim mesmo, mas foi uma pancada pra mim mesmo, mudei calmei, ai controlar minha raiva, tipo assim você tem aquela cordinha, você tem que puxa ela. Como é que você vai fazer pra puxar? Então tem que tentar sem passar por onde tem o fio que dá choque tem que deitar mais ou menos pra conseguir puxar aquela cordinha... E foi assim que eu consegui controlar minha raiva. Agora o tom da voz eu não consigo mudar não, ate hoje eu não consigo mudar o tom da voz, se a pessoa falar alto comigo eu não consigo, quero falar alto. Ai pronto, ai cabou, ai eu quero falar alto também, até hoje eu não consegui mudar, que eu to tentando mudar tem muito tempo, porque eu queria mudar tudo, de uma vez, eu achava que tudo era assim, muda logo...</p> <p>A: De repente?</p> <p>Bob: Tudo muda logo, mas a vida não é assim, a vida muda com você mudando, a gente muda com a vida, se você muda, muda o mundo, so que...</p>	<p><u>1- Percepção de si mesmo</u></p> <p><u>2- Como controla os próprios impulsos</u></p>

<p>A: Interessante... Isso que você falou!</p> <p>Bob : Começa por nois...</p> <p>A: Então a gente poderia dizer que a mudança começa por você, e desta forma passa a afetar aos outros também...</p> <p>Bob : È afeta os outros também..</p>	<p><u>Percepção de si mesmo</u></p>
<p>A: “Bob” você fala também numa dessas outras conversas que tivemos, que você é nervoso, porque seu pai é nervoso!</p> <p>Bob : É essa parte eu puxei meu pai, até o jeito de andar, a jeito de falar eu puxei ele, o jeito de ser, se vendo eu aqui é a mesma coisa de vê ele..</p> <p>A: É??</p> <p>Bob : Aham, um espelho do outro, tava passando e nois brincando no meio da rua, oia só essa história....</p> <p>A: Brincando de que?</p> <p>Bob : Brincando de correr, eu dava um tapa nele e ele corria, ai na hora que ele corria eu corria também, brincando igual menino, e o ano passou, vocês são irmãos gêmeos? Não negativo, ele é meu pai, rapaz você é ele escritinho. A médica que me levou lá, que ela tinha machucado, você é irmão dele mais novo? Não, ele é meu pai, rapaz mais que jeito que vocês é, puxou ele do mesmo jeito de ser. Tinha uma mulher antigamente que era amiga de minha avó que morreu ne?, falou que até quando era pequeno a raiva era do mesmo jeito, que ele saia fazendo tudo, catava ate pedra pra catar nos meninos, teve uma vez que a menina contava, ele troco tiro com a polícia, ele fugiu dentro do bueiro, ele caiu dentro do córrego meia ponte e veio embora nessa época a minha mãe já morava na casa da minha avó. Chegou...</p> <p>A: E ele era casado com sua mãe?</p> <p>Bob : Aham, e ele chegou assim, a minha mãe saiu com falando la com ele, sai vai tomar banho. minha mãe que conta muito isso pra gente, e a mulher também, ai passou um tempo essa mulher viu eu, e falou você não cresceu não? Eu nem te conheço.. ele era do meu tamanho ele não crescia, era nanico...</p> <p>A: Um pouquinho mais alto que você?</p> <p>Bob : Aham, ai chegou assim, e me deu um susto, quem é o “J. R”, eu é ele, e quem é você? Eu sou fio dele, mas é escritinho, é você e ele, você é espelho um do outro, todo mundo que andava na rua você é o espelho um do outro. Quando nois anda assim, uma vez eu fui passar um susto na mulher, a mulher achando que eu era ele, tinha comido um negocio de pastel, e ele tava também, ai eu queria uma camionete muito chique que abre as portas e abre a traseira, e nois correndo no meio da rua, eu batia no dele e ele batendo na gente, ai eu fui esbarrei na mulher, ai eu fui e escondi da mulher, a muié chego no meu pai e pegou a bolsa e pá e pá e pá batendo sem.. Eu dei uma oiada assim.. ai a muié desculpa.. Porque meu pai é baixinho, ele puxou minha vó que é baixinha...minha vó, minha vó era assim tomava conta da casa, e ate hoje ela toma, e ai quando era pequeninho ai foi mudando, foi mudando, foi passando.... A minha camionete novinha sumiu, roubaram minha camionete. Eu era muito apegado com essa camionete, ai eh foi você “D” você tem inveja da minha camionete, ai começou a briga... ai ele saiu e foi pra casa do colega dele.. Ai eu fui buscar ele. Eu entrei na casa e meti um chute no cachorro e entrei na casa chamando ele. Quando eu olhei assim pro arame que eu vi a camionete pintada.. Ce vê a raiva que me subi! Eu tava quebrando o arame todinho, pá, e puxando o arame todinho lá pra rua, eu quero minha camionete, todo montada, se você não montar ela até amanhã de manhã, eu te tacho um tijolo na cabeça, ai ele mansinho, até hoje nunca mais vi a camionete, até hoje eu lembro dela, eu sou muito apaixonado por preto...</p> <p>A: Preto?</p>	<p><u>1- Identificação com o pai</u></p> <p><u>2- Relação afetiva com o pai</u></p> <p><u>3- Identificação com o pai “um espelho do outro”</u></p>
<p>Bob : É por preto, desde pequeno apaixonado por preto, nunca vi alguém igual eu, tudo as roupas que eu quero preto, mas as roupas que o povo me dá, mas o povo me dá tanta roupa, tanta roupa, meu guarda-roupa quebrou, porque o “D” tava me passando raiva e eu chutei o guarda-roupa, pá..</p> <p>A: E o guarda-roupa tem culpa?</p> <p>Bob : (Risos) Ue mas na hora teve culpa!!!</p> <p>A: Teve culpa ne?</p> <p>Bob : Ai essa televisão que queimou tava no meu quarto.</p> <p>A: A televisão que queimou, você falou que queimou sozinha!</p> <p>Bob : Aham, ai colocou no meu quarto, não queria deixa ela lá, depois que eu quebrei meu guarda-roupa, eu quebrei ela na porrada...</p>	<p><u>Deslocamento da “raiva”</u></p>

A: A televisão também você quebrou?	
Bob : Quebrei na porrada, dei uma porrada nela que fez bluf! Chega atravessou ela...	
A: E você não se machucou não?	
<p>Bob : Machuquei não, olha ai, até hoje oh! Normal, não sei da onde vem isso, eu quebrei, ai chutei, ai depois eu fiquei, passei tanto tempo querendo comprar esse televisão, e fiquei assim meio triste, eu desmontei a televisão todinha, tirando peça, tirando peça, tirando peça, porque eu sou assim se eu ver uma coisa estragada, eu vou arruma, la minhas irmãs lá, os meninos mesmo daqui SEMAS tem carrinho estragado manda la pra casa pra arrumar, ai eu arrumei uns 120 reais já...</p> <p>A: Nossa!! Quase uma profissão pra você!</p> <p>Bob : ixi, eu pinto meus carrinhos, todo mundo fica de pirar o cabeção, eu invento uma cor que não existe...</p> <p>A: Ai “K” você consegue aproveitar isso!</p>	<u>Percepção de suas habilidades</u>
<p>Bob : Mas de vez enquanto eu tenho medo de estragar as coisas dos outros ai que eu fico com medo mesmo, ai então eu tinha um palhacinho que meu padrinho me deu, bate assim, que tinha um parafuso quebrado, tipo aquele assim, ai do meu carrinho é do mesmo jeito, me deu um carrinho pra mim puxar e todo hora eu fico puxando no meio do caminho e coloco na traseira, sabe tem carrinho que tem aquele freinho, ai eu coloco roda grande, por tem gente que é chique ne porque eu quero meu carro rebaixado no sei o que. Ai um dia me deram uma camionete eu tenho uma fita prata que aquelas fitas de por em vidro de carro normal, mas o carrinho que ficou chique, todo mundo ficou vendo e o carro era rebaixado. Eu invento muita coisa, ai eu furei dois furinho assim, que tem um tubinho que meu padrinho me mandou lá ai eu fui e cortei ele no meio, com ferro mesmo, ai fui e coloquei no carrinho, ficou que nem aqueles carro que tem aqueles tubão, num é...</p>	<u>Medo de estragar ‘as coisas’</u>
A: Quem tem carro assim é .....	
<p>Bob : Eu tirei uma foto do celular da minha prima que ficou lindo, o carro ficou parecendo de verdade, tanto que ficou lindo. Ai eu ganhei essa época agora eu ganhei um caminhão oficina, oh ciúme, meu pai chegou pra mexer nele, e eu tira a mão agora, o carro é amarelinho e dentro dele tem um carro vermelho, ai se vem assim e roda a manivela, a parte do caminhão desce e a que fica manivela, e fica outro em cima la dentro do negocio e tem um trem que fica assim que fica rodando, e o carro sobe...</p>	
A: Ah que legal...	
<p>Bob : Tudo muito chique! Ai o “D” quebrou um pininho e eu fui pra cima e tudo, eu quero que arruma, não quero saber, não quero saber, você guarda, quando você pegar você guarda, você guarda, ai pronto acabou. Ai teve uma vez que o “D” chegava num tanto de roupa minha eu uso a mesma roupa porque eu gosto, porque roupa eu tenho demais...</p>	
A: Tem muita roupa?	
<p>Bob : ixi demais, tem roupa que não me serve mais e ta lá guarda, eu guardo roupa nas cadeiras que eu ganhei a gente pegou uma delas uma vez, foi uma briga feia, feia mesmo, porque ele estragou uma das cadeiras que era de bambu coisa mais chique do mundo, minhas cadeirinhas, eu também com ciúmes das minhas coisas. Uma vez o “D” revirou meu quarto todo, até minhas cuecas novas que eu tinha comprado pro ano novo que meu padrinho me deu dinheiro e eu escondi o dinheiro pra comprar minha roupa, porque minha mãe, a única roupa que eu tenho da minha mãe ate hoje foi uma calça de zíper que ela me deu...</p> <p>A: A única coisa que ela te deu?</p> <p>Bob : A única coisa que ela me deu até hoje.</p> <p>A: E como é isso pra você ser a única peça que sua mãe te deu?</p>	<p><u>1- Aquisição de bens</u></p> <p><u>2- Relação afetiva com a mãe</u></p>
<p>Bob : Mesmo assim eu fico muito feliz por isso porque ela tirou da nossa boca pra comprar essa calça, todas as meninas ganhou, chegou uma época que o “D” roubou 60 contos da minha mãe, não sei. Ele comprou um tanto de roupa pra ele. Eu fui la grudei nele e tirei a metade da roupa dele, e falei que eu ia taca gasolina nele comprei a gasolina pra taca nele, comprei mesmo, cheguei com o litrão assim de gasolina, eu vou queimar ele, e se ele tiver dormindo eu vou queimar ele também, e comecei a ficar com raiva dele, teve um dia que fiz assim, esse é meu, esse é meu, e esse é meu, e se você entrar dentro do meu quarto, eu vou te matar e comecei a ter raiva dele porque o “D” nunca foi um irmão pra mim..</p>	<p><u>1- Relacionamento com a mãe</u></p> <p><u>2- Relacionamento com irmão</u></p>
A: E você foi um irmão pra ele?	
<p>Bob : Apesar de tudo eu acho que fui, apesar que eu, tudo que ele pedia pra fazer eu tava lá, eu tava junto, mais se eu pedisse alguma coisa pra ele pra briga.</p> <p>A: Não entendi! Você quando ele pedia algo pra você, você estava pronto pra fazer!</p> <p>Bob : Eu tava pronto pra fazer, quando eu pedia era partir pra briga, se perdeu o medo, ai teve uma época que ele chegou assim e falava você perdeu o medo de morrer, você perdeu o medo de morrer...</p> <p>A: Agressivo assim?</p> <p>Bob : Aham, é foi nessa época que ele começou a bater na gente, ai eu grilei e comecei a bater</p>	<p><u>1- Relacionamento com irmão</u></p> <p><u>2- Percepção de si mesmo</u></p>

<p>também.. foi a minha volta da raiva.</p> <p>A: Então não foi tão de repente assim?</p> <p>Bob : A volta da raiva....</p>	
<p>A: Nessa época que ele começou a bater em vocês foi quando ele começou a envolver com os malas que você falou e tinha bebida no meio da história?</p> <p>Bob : Com os malas, tinha! Teve uma vez, eu não conto, eu não conto isso pra minha mãe porque ele bebe ainda até hoje, e minha mãe sabe agora, ele bebeu um vidro “Uísque” e eles bebendo conversando com os meninos, graças a Deus ele mudou um pouco e a vida mudou um pouco...</p> <p>A: Ele mudou um pouco ne?</p> <p>Bob : Mudou...</p>	<p><u>Influência de terceiros e inserção de bebida alcoólica como componente motivador da violência</u></p>
<p>A: “Bob” quando a gente estava conversando e deu um problema hoje cedo, você se emocionou um pouco e você falou, falou baixo, mas eu escutei que você é muito revoltado com seu pai, por isso que você é desse jeito?</p> <p>Bob : Realmente, a minha vida com meu pai, sempre foi meu problema, meu pai não tava lá, meu pai não foi um pai pra mim, então isso eu considero como ele não é um pai pra mim, tudo que nois passou, foi por causa dele, eu não acho eu tenho certeza, que ele nunca foi um pai, pai ausente, se ele num fosse um pai ausente não tava desse jeito, não tava assim ninguém. Então eu acho que mesmo assim, eu acho assim, hoje eu mudei, quando fala assim eu nem “chum!” Ele não foi um pai mesmo, quando eu fico com raiva agora, eu vou arrumar meus carrinhos, tem muita chave la dentro, meu quarto é uma bagunça, e coisa minha ninguém mexe, agora que sabe que eu vou pra cima mesmo, eu compro desinfetante eu limpo meu quarto todo domingo, e não gosto que ninguém entra e pra passar pelo quarto da minha mãe tem que passar pelo meu quarto, e eu se for por o pé aqui tem que tirar o pé agora e já lavar o pé la fora, e o quarto da minha mãe é uma bagunça , é um lixo porque ninguém limpa...</p>	<p><u>1- Relacionamento com o pai</u></p> <p><u>2- Senso de organização</u></p>
<p>A: Nem ela?</p> <p>Bob : Nem ela, ela não da conta agora, se ela deu essa crise agora se ela fazer assim ai ela fica de cama...</p> <p>A: Como que são as crises dela? Me explica!</p> <p>Bob : Ela da crise de desmaio, uma vez ela tava fazendo comida, e ela ficou muito nervosa que se eu não segurasse ela pra ela não bater a cabeça, eu quase cair também, apesar de ser magrinho, eu tenho força pra caramba, e esses trem ai eu arrisco pela minha mãe, foi a mesma coisa de arrastar esses três cargos, a mesma coisa pra mim. A crise dela é muito nervosismo, se ela ficar no lugar abafado, ela não pode ficar...</p> <p>A: Abafada?</p> <p>Bob : Aham, e agora que ela fuma fico pior ainda a crise dela parece que aumentou, parece que era uma vez por ano que ela tinha essa crise, agora é duas, três, quatro vai até cinco meses...</p> <p>A: Mas ela esta tomando remédio todo dia?</p> <p>Bob : Ta tomando remédio todo dia..</p> <p>A: Certo?</p> <p>Bob : Só que essa semana o remédio não fez efeito, esse mês o remédio nenhum fez efeito. Eu fiquei acordado com ela por isso eu sei, e meus irmãos também não preocupa com a minha mãe mais, tão o único que ta presente pra ela sou eu, apesar de não gostar dos meus irmãos muito, mais eu to ali, a única pessoa que me ajudou foi ela...</p> <p>A: Foi ela que te ajudou?</p> <p>Bob : E essa pessoa eu sou muito grata a ela, e vou ajudar ela ate o fim..</p> <p>A: Você já começou ajudando com a questão do benefício que você conseguiu e foi um pouco através do CRAS, por você está aqui deu certo de conseguir o benefício, porque se você não estivesse era difícil....</p>	<p><u>Relacionamento e cuidados com a mãe</u></p>
<p>Bob : E se eu não tivesse aqui, e eu tivesse lá assim, tava até pensando aqui, a “A” não gosta de escola, nem de escola ela gosta mais, não vai..</p> <p>A: Ela não está indo para escola não?</p> <p>Bob : Não nem pra escola ela vai..</p>	



<p>A: Como que é essa história daqui? Vamos contar a história daqui?</p> <p>Bob : Era bagunça todinha. Os meninos daqui era todo mundo legal, apesar da briga de todo mundo.</p> <p>A: O que tinha aqui que você ficou....</p> <p>Bob : As professoras era todo mundo legal, todo mundo de boa, passou umas épocas uma professora entrou aqui, ai começou o problema. Ai esses meninos, na verdade todo mundo saiu..</p> <p>A: Por causa desse professor?</p>	
<p>Bob : Não sei, porque todo mundo saiu, depois das feiras só voltou a metade, entrou muitos novatos, ai entrou a professora também que é essa professora agora, eu comecei a ter problema com essa professora apesar de ser o mais veio daqui, o mais antigo daqui também e passei a ficar com mais problema com ela, e isso foi adaptando ao meu dia e começou a adaptar. E tudo isso que eu passei hoje eu comecei a não gostar daqui, comecei a não gostar daqui, eu falava com a minha mãe quando eu chegava em casa, mãe eu queiro sair do PETI, eu quero sair hoje, se você não me tirar você vai ver eu vou quebrar aquele , não “K” fica nois precisa ai eu ficava, ai comecei a ficar, fica, fica ai teve uns problemas ai com essa professora que eu já contei, ai passou esse problema, ai o menino veio com esse problema, passou uns anos com esse problema da pessoa. Ai chegou, eu tinha caído de bicicleta, eu acabei com a bicicleta, a bicicleta não tem conserto mais, ai eu queimei, e quase levei a bicicleta das meninas junto, eu cai debaixo assim, eu cai em cima do guidão e eu queimei muito chega tava suando. Ai no outro dia eu vim de calça ta pregando muito, eu falei professora deixa eu ir embora porque ta doendo muito, muito muito, ela não espera um pouquinho, você tem que conversar com a “M” (Assistente Sócia), ai ela não você tem que conversar é com a Professora, vai pra “E” (Coordenadora Pedagógica) ai ela pode sair, ai eu fui embora. Ai deu numa quinta-feira eu vou tirar as cascas e não tirei as cascas, ai eu falei hoje eu vou tirar na sexta-feira, num vim e comecei a tirar as cascas, ai na terça-feira eu consegui vim e na terça-feira e na segunda eu fiquei aqui com a “B” e nois ficamos brincando aqui na quadra, nem chegar perto das pessoas que façam isso, eu passei que não tinha ensaio pra nois home, não tinha ensaio pra nois, e ai esse problema veio adiante, e eu nem sabia o que que era. Cheguei na segunda-feira me falaram “K” nois vamo te que conversar com você porque tem um problema assim pra você, ai eu fiquei meu Deus o que que é? Ai comecei a ter raiva, raiva, raiva, eu não sabia o que que era e eu passando raiva. Ai na terça-feira, não na segunda-feira que conversaro com nois e a mãe da menina também e o “E” me chamou falando que eu tava no meio. O “E” falou pra mãe da menina que eu tava no meio também e assim, ele começou a chorar e eu fiquei com raiv...</p>	<p><u>2- Desejo de sair do PETI, por causa dos conflitos</u></p>
<p>A: O “E” que começou a chorar?</p> <p>Bob : Aham e eu comecei a ficar com raiva, por causa que isso podia ir pra denuncia, porque eu já parei la uma vez e eu não quero parar outra. E isso passou pra DPAI, esperando uns dias na terça-feira eu vim, na sexta-feira chega uma mãe de outro menino que é do “P. S.” falando que eu ia bater nele. Ai conversei com o “P. S.” quem te falou isso? O “E” de novo! Cheguei na “E” (Coordenadora Pedagógica) nessa sala que nois ta agora, e falei pra mãe do menino eu não acredito que esse menino me pois em duas brigas, ele vai me tirar, eu mesmo vou me tirar dessas duas com fé em Deus, não então acredito em você, porque o “P. S.” falou mesmo que não foi você que chegou, foi o outro e ai essa mulher falou assim, então brigado por você ter vindo, ai falou que não era pra mim ficar que era pra eu ir embora, ai ta! Eu fui embora, fui embora...</p>	<p><u>3- Conflitos institucionais</u></p>
<p>A: Ai ficou esse tempo todo fora?</p> <p>Bob : Ai veio um carro de la, eu tava com muita raiva, e eu tava correndo mesmo com a bicicleta, porque eu não sou de andar, bati no carro e baf! Cabou a bicicleta e fui embora de pé e mancando, porque meu pé tava doendo e o braço também, ai eu levando a bicicleta com a mão esquerda. Ai chegando em casa passou dois dias, passou mais uma semana e o braço começou a inchar, não vou sair e fiquei fora, voltando com um mês e 15 dias eu acho, não tenho muita certeza. (<i>Suspiros e demonstrou cansaço</i>)</p>	
<p>A: Tudo bem!</p>	
<p>Bob : Ai marco pro dia 20 a audiência, eu achei que era dia 10, não é não sei la, nem sei o que ta aconteceu, porque eu não peguei o papel quem pego foi minha mãe, ai fui e me afastei do PETI, ai passou um mês e 15 dias, na segunda-feira a “M” (Assistente Social) e a “F” (Psicóloga) chegou em casa batendo palma, eu não tava na casa da minha mãe, eu tava na sessão de fotos, fazendo uma sessão de fotos na minha casa, minhas roupas tava uma bagunça, eu tava tirando um tanto de fotos, elas bateu palma la eu tava tirando as fotos la sozinho, batendo foto de la e de ca, na cama de casal porque eu durmo agora na cama de casal, bringando com meu irmão, meu irmão tomou minha cama ai, chegou la a ALINE quer conversar com você e você vai ter que voltar, ai conversou com a minha mãe e ai eu vim segunda eu vim e hoje eu vim, ontem teve uma discussão entre eu e a professora, ai hoje eu vi que o tom de voz era aquele não tinha jeito de mudar..</p>	<p><u>Afastamento e retorno à instituição</u></p>
<p>A: E amanhã não vai ter nenhum tipo de problema!</p>	
<p>Bob : É...</p>	
<p>A: Não vai ne “K”?</p>	
<p>Bob : Minha vida sempre foi assim</p>	<p><u>Sentimento de permanência</u></p>

<b>3ª Entrevista</b>	
<p>A: Então vamos começar! Você tinha me dito nas primeiras entrevistas o porque que você não estava vindo e me explicou o porque, e a partir daí você começou a me contar todas as violências sofridas dentro de casa, não foi?</p> <p>Bob : Foi...</p> <p>A: Contou a historia do seu pai....</p> <p>Bob : Do povo tudo...</p> <p>A: Do povo! É aqui dentro do PETI mesmo na 2ª entrevista você falou como você era muito pequeno e aqui todo mundo era grande, te batiam muito, então foi uma serie de violência. E aconteceu também muitas coisas de repente na sua vida. De repente era bomzinho de repente já não era mais, de repente eu to tranqüilo de repente eu estouro. Você citou o exemplo de um vulcão...</p>	<u>Recapitulação da entrevistas</u>
<p>Bob : É o vulcão é adormecido, qualquer ruído, barulho ele estoura....eu acho a mesma coisa uma pessoa...</p> <p>A: Você acha que é a mesma coisa com uma pessoa?</p> <p>Bob : É... eu acho...</p> <p>A: E você acha que na sua casa também era mais ou menos assim: estava tudo tranqüilo e de repente dava um barulhinho acordava o vulcão?</p> <p>Bob : Eu acho que por mim é assim eu não sei pelo menos os meus irmãos porque eu num sou de dialogar com eles então não sei como que eles passou, não sei como é a vida deles, eu nunca fui um irmão assim de conversar com eles....</p>	<u>Percepção de si mesmo</u>
<p>A: Mas a “K” é a que você mais conversa?</p> <p>Bob : É!</p> <p>A: Até hoje! Então é que você assim tem uma maior convivência?</p> <p>Bob : Mas num passa a maioria dos meus problemas pra ela também não! Eu fico assim e converso.</p>	<u>Relacionamento com a irmã mais velha</u>
<p>A: E assim como que você vê essas violências que você sofreu?</p> <p>Bob : Hum, não sei te dizer por que, eu acho que não tem como te explica não pelo jeito que eu vivi assim, não sei nem te explica!</p> <p>A: Porque você fala muito, a minha vida foi sempre assim cheia de violência, essa é uma fala sua, e você fala muito isso. E então vou mudar um pouquinho a pergunta. Você conseguiria falar pra mim quais foram as violências que você sofreu, porque você falou, e eu te perguntei o que significava passar a mão e você falou pra mim abuso sexual. Abuso sexual é um tipo de violência!</p> <p>Bob : É...</p> <p>A: Um tipo! E foi um tipo que aconteceu na sua casa. Então significa que teve outros, porque você me conta de pancadaria....</p> <p>Bob : Mas num sei contar..</p> <p>A: Mas me fala assim a diferença, por exemplo: o abuso sexual....</p> <p>Bob : A pancadaria...</p> <p>A: Foi pai e filha, ai depois pancadaria “K” e “D”.</p> <p>Bob : Irmãos...</p> <p>A: Depois pancadaria de novo “K” no PETI, depois “K” na escola com professor tacando cadeira no professor...</p> <p>Bob : (Risos)</p>	<u>Como o sujeito percebe as violências</u>
<p>A: Então me fala sobre isso, sobre cada uma dessas!</p> <p>Bob : É porque eu, eu acho que de vez eu mesmo me transformo assim porque vai da jeito, de vez enquanto eu tento mas não consigo...</p>	

<p>A: Como que você fala pra mim dessa transformação?</p> <p>Bob : É tipo assim meu jeito, uma hora você ta assim é, vamos dizer assim, você ta assim alegre, ai vem uma pessoa e te cutuca e te cutuca e fica te cutucando...</p> <p>A: O que é cutucar?</p> <p>Bob : É fica assim ou psiu vem ca, ou psiu vem ca, ou psiu vem ca, ai tem uma hora que os outros fala chega, fala chega, cabou ai essa pessoa estoura, é a mesma coisa dessa transformação minha, só que a minha é mais é assim de vez enquanto eu não consigo controlar, eu sei o que que eu fiznem eu lembro.</p> <p>A: Você não lembra?</p> <p>Bob : Não eu não lembro.. tipo assim te da uma pancadaria na cabeça e cabou eu tipo assim se dorme e acordo no outro dia sem saber pra onde foi pra onde vai. Então eu não sei descrever essa transformação porque eu não lembro muito desses raiva muito não...</p> <p>A: Você não lembra do que acontece, quando você está com raiva?</p> <p>Bob : É eu não lembro.. só quando os povos fala. Ai quando os povos fala eu dou um toquinho pra lá pra vê se eu consigo lembrar...</p> <p>A: Mas algumas você lembra?</p> <p>Bob : Algumas eu lembro!</p>	<p><u>Percepção de si mesmo e dos conflitos</u></p>
<p>A: Então essa seria uma transformação que você se transforma. E você acredita ou acha que essa transformação ela aconteceu ou acontece por causa das coisas que aconteceram ou acontecem dentro da sua casa?</p> <p>Bob : Por um lado eu acho que sim, por outro que não.</p> <p>A: Por que você acha que sim?</p> <p>Bob : Porque eu sempre fui um lar de violência foi, eu fui olhando aquilo e deve que isso foi pegando e pego em todo mundo e pego na família inteira.</p> <p>A: Então você acha que todo mundo foi....</p> <p>Bob : Só que eu acho que não porque eu sou uma pessoa que sou ruim de pegar as coisas, porque lá em casa todo mundo pega, pega só uma vez e eu fico doente uma vez por ano, então essa semana passada eu fiquei muito ruim então uma vez por ano eu fico doente, eu não sei como é que é isso, porque parece que o sangue é quente demais então minha mãe mesmo me fala isso, que eu sou <u>estranho, e eu me acho, eu sou estranho.</u></p>	<p><u>Percepção da violência como um vírus</u></p>
<p>A: Sua mãe fala que você é estranho? E você também fala que é estranho?</p> <p>Bob : É... eu me acho de vez enquanto estranho...</p> <p>A: O que você faz?</p> <p>Bob : Eu paro! Gente eu fiz isso fiz aquilo eu o que? Eu moço como é que eu fiz isso?</p> <p>A: Fala pra mim o que você faz que você se acha estranho?</p> <p>Bob : Tipo assim você arrastar três policiais, três caras arrastar três policiais na força, eu acho que a pessoa tem que ser muito, muito é, fazer muita academia pra isso. Agora um menino que tinha mais ou menos uns dez anos vamo supor por ai, assim arrastar três caras é muito difícil. Então por ai eu me acho muito estranho, e também jogar um armário em cima de uma pessoa, eu acho também muito pesado. Então eu acho muito estranho, de vez enquanto bati em uma pessoa e como é que foi, eu num sei como é que eu bati, num sei como é que ele me bateu, tipo assim apaga, de repente apagou. Então muitas vezes assim os professor, chega e cutuca e vai la oh isso e isso e isso ocê fez isso, e eu será que eu fiz isso mesmo? Porque eu não lembro, ai eu fico assim bobo, ah se eu fiz vou arcar com a consequência. Eu acho que eu sou tão bobo, eu acho que já peguei consequência dos outro porque não fui eu....</p> <p>A: Não perai... não entendi! Como assim você pegou consequência dos outros?</p> <p>Bob : É por causa, assim você não ta num lugar e põe você no lugar. Eu já peguei consequência dos outros. Muitas vezes o povo, atentava o povo e falava que era eu, ai de vez enquanto eu ficava na sala os professores falando assim, será que eu fiz eu não fiz não professora, eu ficava bobo dentro da sala. Porque eu sou assim passa um mês de vez enquanto eu esqueço de tudo, apagou tudo...</p>	<p><u>Percepção de si mesmo</u></p>
<p>A: Esquece de tudo o que?</p>	

<p>Bob : Tudo que eu fiz, tipo assim tem uma tarefa eu esqueço. Já fui na psicóloga e a psicóloga falou assim que muitas vezes pode ser normal ser menos, mas isso num é normal acontecer não. Porque desde quando eu pego pra esquecer das coisas, ai deu pra esquecer ai acabou, pra mim lembrar tem que durar um mês, pra conversar, conversar, pra aquela coisa, então eu acho muito estranho muito estranho essas coisas...</p> <p>A: Esse esquecimento, esses trem tudo ne “K”?</p> <p>Bob : É, mas eu acho que de vez enquanto pode ser bom pra mim...</p> <p>A: Por quê?</p> <p>Bob : Uai porque esses momentos de raiva não é pra gente mesmo, é um problema só nosso, então acho que deveria todos se apagar assim normal, porque eu acho que a pessoa sofre por isso não é muito bom...</p> <p>A: A pessoa quem? A pessoa “K” ou a outra que você briga?</p>	<p><u>Esquecimento dos conflitos</u></p>
<p>Bob : A outra, então já conversei com muitas pessoas, e no país tem muitas pessoas assim, então inventaram esses computador e de vez enquanto eu vivo no computador conversando com as pessoas durante o mundo inteiro, então teve uma época que eu viciiei em internet. Gastei uns 150 por ai, so na internet no corujão...</p> <p>A: Corujão é a noite inteira?</p> <p>Bob : É a noite inteira teve uma vez que eu fiquei doente por causa disso, eu ficava doente por causa de internet, num queria saber de nada, num queria saber de estudar, num queria saber de nada queria só internet, só internet. Teve uma vez que a professora estava conversando ai eu professora a tarefa é tão difícil por que nessa escola, nois põe o computador e fica no computador escreve pelo computador, ah não menino larga de ser chato vocês tem que escreve, pra mão fica boa, não professora o computador pra mexer, ai de vez enquanto ele fala pra nois que ia por computador na escola ai todo mundo ficava todo mundo doidinho, vai chagar vai chegar e nunca chegava. Desde quando eu sai da escola que eu repeti, até hoje nunca chegou esses computador. Então eu acho assim que a internet é boa mas tem que tomar muito cuidado. Eu não sou de passar dados pra ninguém. Nem meu nome, de vez enquanto eu minto meu nome, na internet. É “D” é “F” ih vou inventando um monte de nome, então eu acho assim que eu menti alguns poucos, mais é pro meu próprio bem!</p> <p>A: No caso da internet?</p> <p>Bob : É.. se alguma pessoa chegar e me procurar não vai saber quem eu sou, de que jeito eu sou...</p> <p>A: Você está se protegendo nesse caso?</p> <p>Bob : É estou se protegendo...</p> <p>A: E o que rolava na lan house no corujão?</p> <p>Bob : Eu ficava só na internet. Tinha uma pessoa do Rio de Janeiro que, também num to me lembrando até por.. eu tava assim conversando com ela, a pessoa é de maior, eu tava conversando com ela se passa isso tipo de problema, ai ela foi me explicando os tipos de problema que ela passava também...</p>	<p><u>Fascínio pela internet</u></p>
<p>A: Que tipos de problemas você contava pra ela?</p> <p>Bob : A os mesmos problemas, os meus irmãos briga de mais, eu também brigo e ai nois ia conversando eu ia adiante, ela passava os problema eu passava os meus problema pra ela também, só que sem saber quem eu sou...</p> <p>...ai teve uma vez que eu se toquei meu dinheiro acabou meu padrinho chegou e ficou com muita raiva de mim, porque eu gastei 150 dele e da minha mãe, dinheiro pra mim comer, eu fiquei três dias com fome.. e so indo na lan house e sem parar e sem parar. Isso virou uma doença, ai teve uma vez que eu se toquei. Ai eu tive um problema no olho e tacaram um pedra no meu olho, teve uma festa aqui no SEMAS, nois veio pra essa festa de noite, assim no final da tarde e tava todo mundo brincando dentro do ônibus. Um menino que eu não lembro quem é tacou a pedra no vidro do ônibus e me acertou, ai quando me acertou daí eu já não vi nada, o meu olho começou a inchar muito, passaram um tipo de remédio que eu não sei o que que é, e passaram dois tipos de colírios e eu passei nesse olho, hoje passou alguns anos um menino aqui do PETI, que eu não vou citar nome né, porque não precisa, esse menino tava com estilingue dentro do ônibus e me acertou o outro olho e daí que tudo ficou branco, daí eu tive que no hospital de novo, daí eu fiquei 6 meses fazendo o tratamento do olho. E durante esses meses eu quase não via nada e apagou parece que acertou as córneas dos olho, de um e de outro, ai tudo ficava tudo branco, tudo que eu via era vulto, passava. Ai teve um tempo que eu fiquei matando o PETI, ai eu vinha um pouquinho, quando meu olho tava melhorando...eu tava onde mesmo....</p> <p>A: Você estava falando do olho...</p>	<p><u>1- Amizade pela internet</u></p> <p><u>2- Violência intitucional e regional</u></p>

Bob : Ah é mesmo...ai durante esse tratamento, minha mãe ganhou um tênis social eu odeio tênis social...	
A: Como que é tênis social?	
Bob : Uai é esses tênis que eu to usando agora, um tênis social, aqueles bicudos e tal...	
A: Ah entendi!	
Bob : Ai eu cheguei visti um sapato social e fui pra casa da minha avó porque minha avó tinha chegado antes do natal.	
A: Sua vó morava onde?	
Bob : Minha vó morava na fazenda e ela vinha pra ca, no finsocial pra casa das minhas tias. Ai de noite nois foi picar um tomate e aprece que tinha uma poça de água, num sei, eu tava andando eu bati a boca no chão, saiu muito sangue, e daí eu quebrei um dente e saiu a raiz inteira minha boca ficou super inchada, nois foi pro hospital o medico passou o remido pra parar a dor ai minha avó chegou e eu tava comendo esses dias so caldo, bebia so água também, ai tive que fazer uma operação na boca, que eu cortei a boca inteira, a metade da boca inteira, ai passou, e ficou custurando minha boca por horas e horas, anestesiado dos quatro lados, embaixo em cima, embaixo em cima, anestesiou tudo e começou a tirar a raiz que quebrou e tirou o dente inteiro, passou uns mês que implantaram o dente, o dente apodreceu tive que ir la tirar, discusturar a metade da boca e daí eu so posso com escova, é daqueles congante e sem ser dura, so posso mole. Então ai mesmo vezes pra ca, eu sentia muita dor eu não posso sentir friagem na boca...	
A: Friagem?	
Bob : É qualquer friaginha eu durmo o dente todinho...	
A: Mas por exemplo: Você pode chupar picolé, sorvete essas coisas?	
Bob : Num sei, so que eu chupo, de vez enquanto, mas se tiver muito frio se eu não tamar aqui dói tudo, isso foi minha mãe que me contou, é parece que me deram um remédio pra dormi e ai puf!	
A: É porque é grande a cirurgia...	
Bob : Ai passou um tempinho minha mãe tava namorando com um cara...e esse cara ela foi morar no Finsocial (setor) com ele...	<u>1- Mãe com relacionamento amoroso</u>
A: Com vocês?	
Bob : Não e nois fico na casa sozinho...	
A: Vocês quatro?	<u>2- Desamparo</u>
Bob : Nois quatro, eu e meus irmãos...	
A: O “D” tinha quanto?	
Bob : O “D” tinha uns 15 por ai, ai muitas vezes, eu ia pra la e brincava muito com eles.	
A: Ia pra onde? Para o fim social?	
Bob : Aham. Ai teve um final de semana porque eu não podia matar escola e nem PETI, ai ia brincava muito. Uma vez minha mãe passou mal lá. E nois foi pra lá, ai as meninos veio embora e nois tinha levado o som pra lá. E parece que lá é um tipo de casinha, um tipo assim pega trouxa, porque lá tem envolvido mala também no meio, por isso nois não voltou lá.	
A: Mala? Que tipo de pessoas?	<u>Violencia no bairro</u>
Bob : É, tem pessoas rica, tem pessoas, se eu te falar tem até prostituta no meio. Tem uma mulher que mora na Espanha e tem duas casas de prostituição lá e ela é dona dessa boate. E ela comprou essas casas por aqui. Essas casas foi ele que escolheu por isso de vez enquanto, ele ta no meio. Ai nois desceu pra uma pizzaria tinha cinco mala numa mesma e nois em outra. Uma mulher começou a implicar nois, sem mais nem menos, começou a implica nois. Nois comendo pizza e ela atrás do cabelo, em cima da gente uma hora ela pisou no meu pé, eu grilei, levantei da cadeira e quase sentei a mão na cara daquela mulher de tanta raiva ai a “K” levantou queria pegar ela também e virou um rolo, a pizzaria mesmo cabou virou uma festa lá dentro. E esses malas tava correndo atrás da gentetinha duas pistolas e tinha um com um fuziu no meio. Parece que teve um que deu um tiro pra cima e nois começou correr muito. Chegou la na casa, ai ele mexei com esses trem de gigolô no meio da rua...	
A: Gigolô?	<u>1- Profissão da mãe e namorado</u>
Bob : É, é sei la que que isso..	
A: Me fala o que é isso? Que profissão?	
Bob : É aqueles trem que vende anteninha.....	
A: É camelo?	
Bob : É camelo, gigolô (Risos), ai mexia com esses trem de camelo. Teve uma época que ele passou passar fome...	
A: Sua mãe e o namorado?	

<p>Bob : É minha mãe e o...ai nois leva comida pra ela, sempre que nois ia lá levava dois pacote de arroz, levava aquele tanto de coisa e o dinheiro nois ia pagando mesmo...</p> <p>A: Aonde vocês arrumavam dinheiro?</p> <p>Bob : É por causa que daqui nois pegava o cartão ia lá na caixa e tirava...</p> <p>A: Ah ta</p>	<p><u>2- Miserabilidade</u></p>
<p>Bob : Nois fazia compra e comprava besteira no meio da rua, virava aquela festa. Ai minha mãe tirou um celular novo e tinha um veio, foi nessa época que bateram na minha mãe, que aquele veio que tinha batido nela e na minha tia, ai ela compro esse celular novo. Nois passou fome com isso, porque esse celular foi pagado com nosso dinheiro também. Foi tirado tudo, e daí nois pego e tirou esse celular novo, passou uns seis meses, ele ainda tava com plástico, novinho, novo, minha mãe num tinha, minha mãe nem triscava nele, so nois que ia lá e ficava brincando com ele. Ai esse homem virou um bicho do mato, esse homem sumiu, de repente sumiu e começou a ficar doido, e tipo assim da uma de doido. Ele entrava dentro do ônibus e dava uma de doido, eu vou embora, eu vou embora, que não sei o que, eu vou embora, ai ele pegou esse celular e vendeu esse celular novinho e nois continuo pagando, vendeu esse celular novo e comprou umas mercadorias....</p>	<p><u>Consumo X Miséria</u></p>
<p>A: O que?</p> <p>Bob : Calculadora, é esses trem...como eu sou meio cientista por esses lados também, eu levei umas 30 calculadora aqui pra casa, eu arrumei elas tudo. Teve uma que era tão chique que eu peguei ela pra mim, eu guardei ela la dentro do quarto e levei o resto. Quando eu cheguei lá o homem não tava lá mais e minha mãe dizendo que ele queria pegar o som. E o som que nois tinha tirado da nossa boca e da mesa, e essa ainda não tava pagado, nois tirou o som e a mesa junto, então nois passou fome durante, parece um ano, ai nois ficou passando fome. Ai cheguei lá já tava com muita raiva porque ele já tinha me atentando muito, um colega meu também foi, hoje ele é policia civil, parece é, perece general, eu não sei que ordem. Ai ele foi comigo, nois chegou lá, bati lá na porta minha mãe não tava. E tinha uma mulher que sempre que nois ia lá ela implicava muito minha mãe. Essa mulher foi embora também, por isso que eu acho que tem caso ai no meio. A energia vinha cento e pouco depois que eu sou meio doidinho, sou apaixonado por choque, eu fui lá subi em cima da casa, e fiquei sabendo que eles ligavam a energia deles com a da minha mãe, por isso vinha cento e pouco.</p> <p>Eu rebentei os fios todinhos de raiva, rebentei tudo, cheguei e tahn meti a mão ai nois veio embora nois pego eu liguei pra “K”, meu colega ligou pro pessoal lá só que não veio, não apareceu, peguei um site pass de dez viagem que existia ne agora quase não vem deles, ai trouxe a “K” os meninos, cada um foi levando de ônibus os trem. Ai eu dormi lá e de manhã, tinham umas meninas lá, como se diz piruinhas, vamos dizer assim. Elas andava até de sutiã no meio da rua, pro ce vê. Então eu acho que lá era trafico de droga, ou tinha até aqueles pozinho e por isso que eu levei esse menino lá, e ele pegou parece que foi duas maquetes pra ver se era droga e trouxe aqui no negocio pra ver se era droga ou não....e ficou sabendo que era tudo droga, droga mesmo. Ai teve uma vez que esse menino pegou um menino lá que foi preso. Foi a guerra da rua inteira. Eles queriam bater nos policial, e era aquela bagunça. Teve uma menina lá que era uma boa pessoa, teve que mudar de lá, ela tinha um supermercado, um barzinho lá. Ela teve que tirar os dois de lá, o barzinho e o supermercado, com muito medo desses malas. Então esses dias nois foi trazendo esses trem ai o ultimo era o som, o ultimo dia era o som.</p> <p>E nois trazendo esse som, ai eu e a “K” trouxe esse som, e tava chovendo muito, e eu tampando o som e aquela bagunça e fomos pra casa, consegui trazer o som. E ele não rodou de noite, o máximo umas nove da noite. Um ladrão tinha roubado a moto do cliente e passou em frente o ônibus e ele foi atropelado e passou em cima da cabeça dos dois, então nois ficamos com medo, minha ta desorientada e já pensou se fosse ela, ai todo mundo desceu do ônibus foi aquela bagunça e teve uns três policial que fechou a rua inteirinha deu helicóptero e tudo, porque era um ladrão que tinha muito dinheiro e era lá da área tipo assim, ai pego e chego e fez altas bagunças, e nois desceu e querendo ver, eu consegui passar e a “K” também.</p> <p>Quando eu fui olha pra ver se era três policial me pegaram e começaram a me bater, achando também que eu era ladrão de certo né, eu não sei começaram a me bater chute e murro também. Bateram o cacete em mim, ai eu comecei a correr e o policial começou a correr atrás ai eu vi o meio do mato e tcha! Me taquei no meio do mato, e ai diante eu não tive medo de policia mais. Ai minha mãe, eu trouxe os trem, eu vendi as metades dos trem que tava lá, num tava nem ai, por mim se o cara não voltasse ou voltasse num tava nem ai, então eu vendi os trem tudo e nois veio embora.</p> <p>Minha mãe deu começo de depressão e ficou muito ruim tava tomando soro na veia e ficou uma semana no hospital. E nois preocupado ai eu comecei a querer matar o homem...</p>	<p><u>1- Consumo X Miséria</u></p> <p><u>2- Forma de vida ‘bandida’</u></p> <p><u>3- Violência no bairro</u></p> <p><u>4- Não reconhecimento da autoridade Policial</u></p> <p><u>5- Desejo de ‘vingança’</u></p>
<p>A: Mas sua mãe começou a dar depressão por quê? Por causa do homem?</p> <p>Bob : Num sei, acho que foi por causa do celular, porque o celular foi muito caro, na época o celular foi muito caro, muito mais muito mesmo, nois tava passando fome, fome assim você não comia nada assim durante o dia inteiro. Eu ia pra vizinha comer, porque não tinha comida em casa. Ai minha mãe chego do hospital, ai depois passou isso, ai eu se eu achar esse homem eu vou matar ele...</p>	<p><u>Consumo X miséria</u></p>

<p>A: Você ficava pensando nisso?</p> <p>Bob : Aham teve uma vez que, eu tenho muito colega mala, ixi demais, eu acho que são uns 500 por aí, aí eu falei com um menino, e ele ia chegar e me emprestar uma arma, porque eu ia matar esse cara, ia caça pra matar ele...</p> <p>A: Matar por quê?</p> <p>Bob : Eu num sei, sei que na hora da raiva eu queria matar. Ai quando eu voltei lá, lá na casa eu tava com uma mochila assim de lado e tinha uma arma de chumbinho, dentro da mochila, e eu truxe. Levei essa arma de raiva, meti o pé no portão, aí eu já tava andando por aí. Eu já tava com 13 anos....</p> <p>A: O ano passado me parece?</p> <p>Bob : É foi o ano passado. Ai, aí pronto cabou o mundo pra minha mãe, cabou o mundo...</p> <p>A: Por que você foi atrás do homem?</p> <p>Bob : Eu fui por causa do homem, até hoje o homem que nois vendeu os trem fugiu também, e por isso tem casinha no meio...</p>	<p><u>Forma de vida 'bandida'</u></p>
<p>A: Casinha, o que é casinha?</p> <p>Bob : É tipo assim, é arma casinha pra ocê pra toma tudo que ce tem, toma tudo..</p> <p>A: Não entendi não! Explica de novo!</p> <p>Bob : Você tem aquelas coisas bonitas que durou pra comprar entra uma pessoa, na sua vida de repente assim, entra uma pessoa dentro da sua vida, só que aquela pessoa não te ama, só que toma suas coisas...</p> <p>A: Ah ta entendi!!</p>	<p><u>Roubo</u></p>
<p>Bob : E, e ali tem muitas pessoas assim, ali é o ponto de trafico de drogas, e essa mulher, eu fiquei sabendo, essa mulher teve uma filha, essa mulher prostituta que tem três boates por lá, a filha dela me contou. Porque eu cheguei lá com muita raiva, peguei a menina pelo braço, teve.. tudo de menor, assim uma galera, tinha mais de dez pessoas no meio. Chego lá arrastando todo mundo, e você vai contar e você vai contar, não quero saber você vai contar. E ela foi contando, e um colega meu tinha uma arma de brinquedo, desse tamanho, e ele tinha levado ela e colocou ela na cabeça da menina, começou a contar, que a mãe dela era prostituta, que tinha casinha no meio sim, que tinha muitas coisas, mais se mexer com certas pessoas ela morre.</p> <p>Ai eu falei eu num to nem aí, por mim eu vou morrer, eu quero o celular de volta, não quero saber. Pra mim aquele lá foi o primeiro celular meu, porque minha mãe ia me da ele, durante uma semana ela ia me passar ele, e eu fui lá pra pegar ele, nesse dia, aí por isso que eu fiquei com raiva, aí eu queria matar o homem, começou a eu querer matar o homem. Ai passou uns tempos minha mãe arrumou outro namorado, aí depois ela arrumou outro, arrumou outro, até que enfim ele ficou com um vamos dizer assim, quatro homem.</p>	<p><u>1-Violência no bairro</u></p> <p><u>2- Forma de vida 'bandida'</u></p>
<p>Bob : Ai minha mãe despachou um, despachou outro, aí um foi pra Brasília, aí o ultimo despachou também, só que de vez enquanto ele vem aí em casa também pra encher o saco....</p> <p>A: Mesmo ela estando com o velhinho, agora?</p> <p>Bob : Aham. Ai minha mãe conheceu esse senhor de idade na festa que ela foi...</p> <p>A: Mas ele é muito velho "K"?</p> <p>Bob : 50 e tantos, 59 por aí...</p>	<p><u>Relacionamentos amorosos da mãe</u></p>
<p>A: Sua mãe é nova? Sua mãe tem quantos anos?</p>	
<p>Bob : 35, ta veia (Risos) Ai agora, no ano novo, nois foi pra minha tia, a maior bagunça os meninos tudo bebendo, até eu entrei na ladanha e comecei a beber também, aí o pau quebra.. vinho, cerveja, tava tudo bebendo. Ixi no meio do, todo mundo andando no meio da rua cambaleando. Ai no outro dia, começou a nois toma sorvete, tipo assim se eu ficasse em casa até eu ia pega a depressão porque tanta raiva daquele homem, e desses homens que passou, ainda até hoje eu tenho raiva dele, até hoje...</p>	<p><u>Inserção de bebida alcoolica</u></p>
<p>A: Dele?</p>	
<p>Bob : É daquele homem...</p>	
<p>A: Dele qual?</p>	
<p>Bob : Daquele homem que roubou o celular da minha mãe. Teve uma vez que eu falei com um colega meu, ele mora na Espanha, falei pra ele que ia pra lá só pra matar aquela mulher, de tanta raiva. Eu vou, eu vou e querendo insistir que ia, aí eu peguei, o meu colega foi no juiz pra pedir pra mim ir, só que como eu não podia sair de Goiânia até hoje eu não posso, mais quando eu fazer meus 15 anos eu já posso. Então aí passou esse tempo, a vida começou a melhorar, aí nois no tiro mais nada nas lojas, só pagou tudo. Ai o "D" inventou de tirar a televisão e agora ta devendo, eu sou apaixonado no guarda-roupa e no celular também. Teve uma vez que eu tava com quatro celular, aí eu sofri um acidente de moto, fazendo gracinha com a moto....</p>	<p><u>Devaneio (viagem ao exterior)</u></p>

<p>A: De quem?</p> <p>Bob : Duns colegas meus, peguei e fui embora. Ai eu peguei e quando eu passei a segunda marcha que eu olhei pra baixo eu tinha batido num carro, quatro celular meu foi embora, cabou, até hoje eu tenho as peças dele lá em casa, quebrou o visor, quebrou tudo. Eu de tanta raiva joguei o outro no chão e outro ainda tava bão, peguei e pah! Quebrei o trem também e chutei, chutei, chutei até de tanta raiva...</p> <p>A: É mais quem ficou no prejuízo foi o celular, não foi? O celular que ficou sem não foi?</p> <p>Bob : Não foi o meu colega que ficou (Risos) ai eu peguei e ganhei mais dois e andando com dois celular e exibido...</p> <p>A: De quem? Quem te deu?</p> <p>Bob : Ham, ham meus colegas tudo quanto é celular eles passa pra mim ai...</p> <p>A: Aonde esse povo arruma esses celular?</p> <p>Bob : Sei que tem documentos, tem um que é das casas bahias e até hoje eu tenho o negocio. Tem um lá que parece que é do ponto frio, sei lá. Eles compra celular quase todo dia, por causa que os caras é ricos né, quem tem tem né, quem não tem! Ai eu sempre peço pra eles ou me da um celular ai que eu to sem.</p>	<p><u>Aquisição de bens de ultima utilidade</u></p>
<p>Bob : Ai teve um que me passou foi dois, ai eu andando com dois todo exibido, todo exibido de repente ai nois jogando bola num sei que que era se era um moto ou um carro bateu em mim e quebrou, e já era fiquei umas duas horas em coma vamos dizer assim, duas horas....</p> <p>A: Ficou desacordado?</p> <p>Bob : Duas horas desacordado... quando eu acordei o cara tava me batendo na cara, pah! Acorda menino, acorda, desse jeito, ai eu tinha cortado a cabeça, eu num corto muito o cabelo por causa disso eu tenho muito furado aqui na cabeça, ralei muito as costas e as pernas...</p> <p>A: Você não olha para os lados quando vai atravessar a rua?</p> <p>Bob : Eu acho que minhas rezas não vai não porque e tudo que aconteceu comigo...</p> <p>A: O que acontece para ser tão atropelado assim?</p> <p>Bob : Eu tenho que andar com uma cruz nas costas, porque só pode, ai agora eu ganhei outro celular e o celular travou, o celularzinho que não quebra, já taquei lá do prédio lá que meu pai tava morando, eu pah! Taquei ele lá de cima o celular não quebra de tanta raiva (Risos) e só que hoje ele não presta só liga a luz e olha as horas...</p>	<p><u>Violência no trânsito ( atropelamento)</u></p>
<p>A: Mas também né?</p> <p>Bob : E agora esse ele é lá da Espanha, esse é mundial ele pega a hora do país inteiro. Se eu to no Brasil ele pega a hora do Brasil, se tipo assim tiver no horário de verão ele muda sozinho, e hoje ele muda sozinho, eu só vejo a hora. Ai eu pedi outro celular, ai meu colega, moço ce num vai ganhar mais celular não chega sabe quantas contas eu tenho, olha o tanto de conta (Risos) só de celular... ai queto eu quetei de celular esses trem, ai meu padrinho falou que ia tirar uma pop pra mim, até hoje não tirou...</p>	<p><u>Aquisição de bens de ultima utilidade</u></p>
<p>A: Pop é um IPOD?</p> <p>Bob : Não é uma moto...</p> <p>A: Ah é um moto! Parece uma Biz?</p> <p>Bob : Não, num é igual não...</p> <p>A: Como é que é então?</p> <p>Bob : Ela é tipo aquelas, é aquela lá mesmo, a Biz, não é tipo a Pop C, ela é tipo aquela ela só tem duas macha e corre até 60, só.</p> <p>A: Só que você não pode dirigir ela não?</p> <p>Bob : Posso, porque lá não precisa de carteira nem negocio não!</p> <p>A: Precisa de autorização!</p> <p>Bob : É só a autorização, lá no DETRAN e de quem é responsável por mim, é só isso!</p>	<p><u>Desejo de “ter” uma moto</u></p>
<p>A: É aham...</p> <p>Bob : Só que meu padrinho, eu tenho padrinho pra tudo quanto é lado, mãe pra tudo quanto é lado, tem gente que nem conheço que é minha mãe, só que meu padrinho, parece que é minha mãe. Eu</p>	<p><u>Padrinhos e madrinhas</u></p>

<p>tenho muito padrinho de boca, mas até hoje nenhum me batizou. Mas tem um que ta me prometendo batizar. Ai esse ai, ele trabalha em tudo quanto é empresa, ele monta posto de gasolina, monta aqueles filtros esses trem e monta tanque de gasolina daqueles grandão de posto. Teve uma vez soldando o tanque ele não tirou o álcool de la de dentro ele com o álcool o tanque pegou fogo e ele não saiu com um queimado. Ele é meio... ele solda tudo quanto é coisa, se ele vê uma coisa ele da conta de consertar. Agora eu também sou meio doidinho. Antigamente eu não podia ver tomada...</p>	
<p>A: Por quê?</p>	
<p>Bob : Eu pegava aquelas luizinha de Natal e tocava na tomada (Risos)...</p>	
<p>A: E não machucava não?</p>	
<p>Bob : Teve uma vez que elas estorava na minha mão, e machuquei a mão de raiva eu peguei umas duas e coloquei na tomada... (Risos)</p>	
<p>A: Queria machucar a mão?</p>	
<p>Bob : Num sei, sei que era meio doidinho e so ficava na tomada...</p>	
<p>A: O que você acha que você queria?</p>	
<p>Bob : Num sei, eu queria era que elas acendesse e acende acende, e tah tacava na tomada... teve uma vez que eu peguei aquelas fileirinhas e coloquei na tomada, e foi estorando foi tah! Tah! Tah! Tah!... (Risos)</p>	
<p>A: Foi estourando?</p>	
<p>Bob : (Risos)</p>	
<p>A: “K” você falou que tem muitas mães! Tem gente que até você não conhece e é mãe! É forte esse negócio tantas mães assim. Até mãe que não conhece esse negócio é interessante! Mas me responde o que é ser mãe pra você?</p> <p>Bob : Não, eu falo isso brincando é por causa, tipo assim, as pessoas gostam muito de mim e muito gosto da pessoa... ai eu fico chamando elas de mãe, tem umas que é tia tem outras que é irmã, vai passando...</p> <p>A: Então assim o que você acha de uma atitude que uma mãe deve ter? Que você considera essas pessoas como uma mãe? Que elas fazem que você fala assim essa ai eu vou chamar ela de mãe?</p> <p>Bob : Ah... é por causa assim, de vez enquanto eu chamo elas de mãe muitas vez, é porque eu ganhei uma vez uma calça da minha mãe até hoje nunca ganhei roupa da minha mãe...</p> <p>A: E ai?</p> <p>Bob : Ai essas pessoas chega me da roupa me da esses trem me da tudo, carrinho tem um monte, meu quarto é cheio ai essas pessoa me da amor, essa pessoa me ajudou a passar a diante essas raiva toda, me ajudou tipo assim, a me acalma, tudo que eu sou hoje é ... eu acho que a mão poderosa, elas que me ajudou e tenho que agradecer muito elas ...</p> <p>A: Então a atitude que uma mãe deve ter, ou que uma pessoa deve ter pra que você a chame de mãe, primeiro amor, tem que ter amor por você; segundo te da as coisas...</p> <p>Bob : (Risos) Eu não sou uma pessoa interesseira ...</p> <p>A: Foi assim que eu entendi, porque você falou assim: “não tem que me dar as coisas, porque minha mãe só me deu um calção até hoje, minha mãe de verdade...”</p> <p>Bob : É (Risos)</p> <p>A: E as outras me da, me da, então pra ser mãe tem que dar as coisas...</p> <p>Bob : É pra ser mãe tem que dar as coisas...</p> <p>A: Ta certo!</p>	<p><u>Percepção do papel de mãe</u> <u>(o que é ser mãe para o sujeito)</u></p>
<p>Bob : Meus irmãos, o “D” roubou 60, 100 reais da minha mãe por ai. Ai minha mãe até hoje ta devendo 50 pros menino e 120 pra mim. É por causa que toda vez que meu padrinho me dava dinheiro eu passava pra ela e falava oh você vai fica me devendo, depois eu te pago, ai vai passando, vai aumentando, aumentando, aumentando e chegou a 120, até hoje...</p> <p>A: Você passava pra ela pra?</p> <p>Bob : É por causa que ela fuma até hoje ela fuma. Ela comprava aqueles carteiraão, então hoje ela tem 120 comigo, e 50 com os meninos... até hoje ela nunca pagou um real se quer... (Risos).</p>	<p><u>Vício da mãe</u></p>
<p>A: Nem de presente?</p> <p>Bob : Nem de presente ela da (Risos) eu acho que tem inveja de minha de tanta raiva. Sapato eu tenho um monte, meus sapato já não cabe na sapateira, tenho que comprar outra sapateira. O guarda-roupa ta cheio e guardo nas cadeiras. Eu ganhei umas cadeiras meu xodozinho, vermeinha aquelas potroninhas. Chega lá no meu quarto todo mundo senta eu opa vamo sai, sai, sai, é o meu xodó. Ai eu tacho as roupas tudo lá em cima as cadeiras estão entopadas cheia de roupa. E só to ganhado roupa até hoje. Esses dias eu ganhei quatro camisa novinha, da loja, e eu to só guardando, guardando, guardando...</p> <p>A: Nossa!</p>	<p><u>Presentes que ganha</u></p>

<p>Bob : Mas calção que... num vem nada, mas camiseta...</p> <p>A: Mas como é que vai usar camisa?</p> <p>Bob : De camisa dessa altura assim, ta cheio, cheio, cheio... eu moço não vou dobrar isso tudo aqui não, quando chegar meu guarda-roupa eu jogo tudo lá dentro (Risos)</p> <p>A: Jogar ai não cabe! Tem que organizar?</p> <p>Bob : Não, tava no outro, o outro lá é guarda-roupinha, aqueles guarda-roupinha, eu jogo tudo lá dentro. Pronto! Ai entope o trem... e joga, joga... ai até hoje graças a Deus eu mudei muito e minha vida sempre foi assim...e vamos as perguntas...</p>	
<p>A: E vamos as perguntas. Vamos voltar na violência que você acha que interferiu e o que não interferiu. Mas ao mesmo tempo quando você fica nervoso, como aconteceu semana passada, você falou assim: que eu sou muito revoltado com meu pai!</p> <p>Bob : Eu acho que meu pai foi muito ausente...</p> <p>A: Ele não foi ausente, então ele estava sempre com você?</p> <p>Bob : Aham, é... em todas as coisas que eu passei...</p> <p>A: Você me escutou? O que eu falei?</p> <p>Bob : Ele não é uma pessoa muito ausente!</p> <p>A: Ausente significa que ele é uma pessoa que está sempre com você! Ou ele estava com você?</p> <p>Bob : Ah... ele num tava.. ele nunca foi, nunca tava...</p> <p>A: Nunca tava com você?</p>	<p><u>Relacionamento com o pai</u></p>
<p>Bob : Nunca tava, e até vejo uma vez por ano. Agora passa cinco anos. Cinco anos pra mim ver ele...</p> <p>A: Por que você nessa ultima vez, e das outras vezes também, quando você explode, quando o vulcão acende, você sempre fala isso, e quando você fala que tem essa revolta com seu pai, ele nunca perguntou na verdade o que se passava, e você se emociona, você começa a chorar!</p> <p>Bob : Muitas vezes ,tinha pai que acompanhava os filhos, na escola, e leva pra escola eu via aquilo e passei a ter raiva do meu pai, e toda vez que os meninos lá da escola ganhava as coisas dos pai deles levava pra mim ver, então por isso até hoje eu sou revoltado com ele. E, e, eu acho que pra eu falar que ele é meu pai, eu acho que eu não vou falar nunca porque eu tenho muita raiva dele, até porque ele fez aquele trem com muita, muita raiva dele, eu acho que o que eu to passando é culpa dele então de vez enquanto é culpa dele, mas eu acho também que não é, mas na hora da raiva é culpa dele...</p> <p>A: Em que momento que você acha que não é culpa dele?</p> <p>Bob : Ah é tipo assim, se ele é ausente e não é presente, é eu acho que não é culpa dele por ele ta ali, mas por um lado é culpa dele sim... então é isso mesmo!</p> <p>A: Então você é muito revoltado com ele?</p>	<p><u>Relacionamento com o pai</u></p>
<p>Bob : Até porque eu cresci falando que eu ia mata ele, até hoje ele tem medo de mim, toda vez que eu chego nele, oi veio, ai ele já queta, eu empurrei ele, teve uma vez que a mulher dele tava no medico, ele comprou um celular novo, e eu pedi o celular, ai a mulher falou bosta eu taquei a mão na cadeira dela e joguei ela la longe de tanta raiva e você cala a boca se eu vou em cima de você ai passou uns cinco ano e nois vê ele...</p> <p>A: “Bob” você falou assim, que pra você chamar ele de pai é muito difícil...</p> <p>Bob : Eu acho que só quando eu morrer e olha lá ainda...</p>	<p><u>Relacionamento com o pai</u></p>
<p>A: E ao mesmo tempo que você fala que é muito revoltado com ele, ele tem culpa de muita coisa, você fala que é muito parecido com ele...</p> <p>Bob : Coisa que eu não queria...</p> <p>A: Com que é isso? Me explica!</p> <p>Bob : Eu me sinto muito ruim em parecer com ele, falei com meu padrinho que eu vou fazer umas plástica, porque eu vou ficar igual o Michael Jackson mudar tudo, meu padrinho...</p> <p>A: Você vai ficar feio daquele tanto?</p>	<p><u>1- Identificação com o pai</u></p>

<p>Bob : (Risos) meu padrinho vai montar um tanque pra me mudar, eu quero mudar até de cor de olho...</p> <p>A: Você quer ficar feio igual aquele trem?</p> <p>Bob : Eu quero por azul, eu colocar aplique até aqui assim, enrolado, cacheado, e coloca um implante na boca e coloca aparelho nos dentes, porque o meio é o freio de burro se eu colocar, um implante, vai ser o freio de burro, mais eu acho tão chique é aqueles ferrinhos, que só fica os ferrinhos, mais os outros...</p> <p>A: Eu já usei é ruim demais, nem Deus me livre dói demais! Mas você falou pra mim físico ne?</p> <p>Bob : É mais nem tanto físico assim não, a cara o rosto e o jeito de andar é o mesmo jeito que ele...</p> <p>A: O jeito de andar!</p> <p>Bob : A mesma coisa de ta vendo ele...</p> <p>A: E a raiva?</p> <p>Bob : A raiva também puxou dele, simplesmente puxou dele. Minha avó quando deixou uma carta parece que ela sabia que ela ia morrer...</p> <p>A: Vó mãe de quem?</p> <p>Bob : Mãe do meu pai. Muitos colegas do meu falava que ele era muito raivoso também do mesmo jeito que eu, trocava ate tiro com polícia, de tanta raiva que ele tinha... Depois que a mãe dele morreu e o irmão dele morreu, ele passou a ter mais raiva ainda. Ai agora muitos fala que eu sou mais nervoso que ele e que se for por um negócio na cabeça de um ou de outro eu tenho mais raiva do que ele. Teve uma vez que foi nois dois no medico, a mulher queria fazer raio-x da cabeça meu (Risos) ela pensou que tinha parafuso solto, minha mãe levou eu e meu pai também. Meu pai sempre foi doente da cabeça, eu não sou normal, é raiva mesmo isso é normal da pessoa... so que a sua raiva, fala pro ce você tem uma força física rum!</p>	<p><u>2- Desejo de mudar o físico para ser diferente do pai</u></p> <p><u>3- Igual ao pai</u></p>
<p>A: E o que seu pai tem na cabeça?</p> <p>Bob : Num sei minha mãe não deixa nois pegar, nunca cheguei aos papeis dele não, só cheguei ao da minha mãe...</p> <p>A: Da sua mãe você sabe o que é! Depressão que você falou?</p> <p>Bob : E tumor...</p> <p>A: E um tumor que já foi tirado ne?</p> <p>Bob : Eu acho que ainda não foi...</p> <p>A: Mas você falou que foi?</p> <p>Bob : Por nois eu acho que foi, nos médicos parece que tava ainda, só que eu não cheguei a ver o outro, o outro não cheguei...</p>	<p><u>'Suposta' doença do pai</u></p>
<p>A: Às vezes trata, às vezes não, trata a conseqüência do tumor! Por exemplo, ta aqui a bola tirou, mas ai vai ficar sem lugar aqui não vai, então tem que tratar esse vago aqui, o que ele causou no corpo dela, porque ela toma medicação, num toma? Essa medicação que ela toma é pra ela não ficar nervosa, pra ela não ficar só deitada dormindo. Apesar que ela fica só deitada e dormindo num é? Você falou num foi isso?</p> <p>Bob : Até hoje se você chegar lá ela ta dormindo, até meio dia ela ta dormindo (Risos).</p> <p>A: Ainda bem que vocês almoçam aqui ne? Você ne, porque os outros não vem!</p> <p>Bob : Os outros não almoça também não... acho que hoje tem comida a "F" ta lá...</p> <p>A: Ela num vem pra cá não?</p> <p>Bob : Ela veio uma vez pro Agente Jovem...</p> <p>A: Ai ela não veio mais?</p>	<p><u>1- Conseqüência da doença da mãe</u></p> <p><u>2- Miserabilidade</u></p>
<p>Bob : Não.</p> <p>A: "Bob" como que você define pra mim seu pai?</p> <p>Bob : Como eu defino assim o jeito dele?</p>	<p><u>Percepção de quem é o pai</u></p>



<p>Bob : Não ela falou que não engorda que os braços que vai ficar desse tamanho... vou ser caminhoneiro? Ela se o ladrão te pegar eu pego ele no braço (Risos) ai meu pai é baxinho, eu acho que até a “K”, não a “K” passa dele. Minha vó era muito baixinha também eu acho que ele puxou ela, o “R” mesmo que morreu ele puxou ele, ai todos da família dele é baixo, todo mundo baixo. Hoje eu fui medir, eu assustei com o meu quilo 41 quilo e 75 gramas eu moço eu engordei agora eu vou fazer caminhada, ela não você não engorda, porque eu não engordo, eu queira engorda (Risos), antigamente eu falava que queria engorda, a “A” já não queria engorada, ai ela falava minha mãe é gorda demais, e eu falava pra “A” você que estragou o corpo da minha mãe sabia, ela ah! Hoje a menina engordou que num....</p>	
<p>A: Ela ta forte ne?</p>	
<p>Bob : Ta forte, ai eu e a “K” não engorda de tipo nenhum parece que nois é tão ruim, é tão ruim, é tão ruim que não engorda ai depois meu pai o jeito de andar é mesmo, é a mesmo jeito de ta falando com ele. Agora meu pai tem uma mania muito feia, ele vive falando pois é, tudo que ele fala pois é ne, pois é isso me da raiva, como nois vê ele uma vez por ano, cinco ano depois ai vê ele, ai passo e nois nunca mais viu ele.</p> <p>A: E esse ano você já viu ele?</p> <p>Bob : Vi ele.</p> <p>A: Quando?</p> <p>Bob : Vi ele passando no meio da rua mais não conversei com ele não.</p> <p>A: Por quê?</p> <p>Bob : Tava todo mundo (Risos) eu passei foi rápido.</p> <p>A: Tava todo mundo quem?</p> <p>Bob : Tava todo mundo de carro e passou rápido.</p> <p>A: É ele com a família dele?</p> <p>Bob : Não, nois tava de carro...</p> <p>A: Vocês estavam de carro e ele tava a pé?</p> <p>Bob : Aham, nois tava no centro e passamo correndo. Ai teve uma batida e nois teve que passar por dentro do eixo ali e nois passou correndo.</p> <p>A: O que você sentiu?</p> <p>Bob : Raiva, não to nem ai pra ele. Amanha vou trazer o meu radinho novo pra te mostrar ta.</p> <p>A: Tudo bem, então amanhã nós continuamos!</p>	<p><u>Um ‘quase’ encontro com o pai</u></p>
<p><b>4ª Entrevista</b></p>	
<p>A: Então vamos lá “Bob”! Você escreveu quem é você, quem é o “K”, um texto, uma redação e no final dessa redação você escreve que você tem muito medo de não subir na vida. Como que é isso?</p> <p>Bob : Porque eu acho que é assim eu tenho um lado ignorante, que então eu acho que assim tudo que eu faço tem altas pessoas que não gostam. Eu acho que eu não subo de vida pelo jeito de eu ser, mas por um lado, tem um lado meu que vai subir de vida sim, porque eu tenho muita fé que vai subir sim.</p> <p>A: O que mais você precisa fazer?</p> <p>Bob : Pra mim subir de vida...</p> <p>A: É mas antes dessa pergunta é importante também eu saber o que é subir na vida?</p> <p>Bob : Subir na vida é você não fica só naquela vida de desespero, as pessoas vingando de você, que não sei o que, jogando na sua cara que você não é nada, que a sua casa é velha, isso tudo, fica jogando, a sua mãe é isso é aquilo assim a seis anda de pé que não sei o que não sei o que, mais eu tenho fé que pra fazer o curso que eu quero eu vou subir de vida sim, isso eu já falei pra todo mundo...</p>	<p><u>Medo quanto ao futuro (“de não subir na vida”)</u></p>
<p>A: Qual curso você quer fazer?</p> <p>Bob : O curso de Direito ou de Administração de Empresa. Então se eu fazer esse curso eu vou subir de vida sim. Vou tirar minha carteira vou comprar um carro ai se eu consegui o que eu quero vou encontrar uma casa pra minha alugar, então assim vai eu vou vivendo disso.</p> <p>A: Então é um processo! Nada de repente?</p>	<p><u>Percepção do sujeito a respeito do que se deve fazer para “subir na vida”</u></p>

<p>Bob : É nada de repente.  A: Dessa vez não é de repente?  Bob : Porque tudo na vida de vez enquanto é de repente também muitas vez simplesmente não é.</p> <p>A: Então pra você conseguir chegar aonde você quer, primeiro você precisa fazer o curso que você quer que é Administração é necessário o que?</p> <p>Bob : É esquecer do meu passado.</p> <p>A: Você acha que a primeira coisa é esquecer do seu passado?</p> <p>Bob : É esquecer do meu passado.</p> <p>A: O que tem de tão estranho no seu passado que você quer esquecer?</p> <p>Bob : É por causa que de vez enquanto, a raiva minha não vai deixar eu trabalhar então a primeira coisa que eu quero esquecer é o meu passado. Se eu esquecer do meu passado pode ver que eu vou chegar lá e esquecer também colegas, esquecer tipo colega demais assim, esquecer um pouquinho, eu e o amigo vai pra todo lado.</p>	
<p>A: Que tipo de amigo você tem? Você falou que tem que esquecer um?  Bob : Tem colega mala, amigo maconheiro, assassino, tem tudo... amigo bom. Eu nunca cheguei fazer nada assim e se Deus quiser eu não vou fazer isso.  A: Você já experimentou alguma droga?  Bob : Graças a Deus não.  A: Além da bebida?  Bob : Graças a Deus não.  A: Você já falou da bebida que encheu a cara na festa!  Bob : Foi (Risos).  A: Então as outras não?  Bob : Não. Graças a Deus não. E nunca quero chegar perto disso.  A: Por quê?</p>	<p><u>Experiências com bebida</u></p>
<p>Bob : Por causa que eu tive uma doença, eu cheguei perto de um trem e os meninos tava fumando na praça e minha mãe me levou lá pra brincar na praça...  A: Que trem?  Bob : Ai eu fiquei tendo asma e até hoje eu tenho.  A: Que trem?  Bob : É maconha, eu acho que é. E até hoje eu tenho asma. Eu era muito de correr, agora eu to ficando parada por causa disso. Ta me afetando muito. Até minha mãe fumando perto de mim eu não agüento mais até de vez enquanto eu sai e brigo com a minha mãe mesmo por causa do cigarro, porque aqui em mim ta entupido, é não consigo nem respirar de vez enquanto, ai parece eu não deixo ela chegar perto do meu quarto com fumo não deixo ela no ambiente que eu to ela fumar. Isso mesmo ela já sabe...</p> <p>A: Ela sabe, mas faz isso do mesmo jeito!</p> <p>Bob : Ela sabe, mas não tem jeito.</p> <p>A: Entendi.</p> <p>Bob : Mais ela tava querendo parar mas ela não da conta!</p> <p>A: Por que você acha que ela não dá conta?</p> <p>Bob : Num sei, é o vício.</p> <p>A: Ela é viciada?</p> <p>Bob : Viciada, viciada. Teve uma época que ela fumava um, um carterão por dia, daqueles carterão de maço.</p> <p>A: Que isso!?</p> <p>Bob : Ai ela ficou obsessiva com aquilo, e hoje ele ta parando mais porque esse homem que chegou lá, ta cuidando da vida e ta freiando mais.</p>	<p><u>Vício da mãe (cigarro)</u></p>
<p>A: Então o veinho foi uma coisa boa que aconteceu na vida dela?  Bob : Graças a Deus.  A: Como ele é pra vocês?  Bob : Ele é uma ótima pessoa, ele conversa ca gente, é uma pessoa que ta ali e quando você precisa ele quer resolver o trem logo (Risos). Se tem um problema ele quer resolver um trem logo, se ele deixar pra depois ele acha que não tem jeito. (Gesticula) Então ele já faiz logo e também acho que o meu pensamento de subir de vida é também um lugar pra mim mesmo. E todo mundo acha que</p>	<p><u>Relacionamento com o padrasto</u></p>

isso é bom nele porque a primeira coisa que eu quero fazer quando eu subir de vida é comprar minha casa e muda pra minha casa mesmo, e ele tá ajudando muito a gente, porque sempre que ele tá ele conversa ca gente, sempre quando tem uma combuquinha (discussão) ele tá conversando com a pessoa, então acho que ele foi uma parte que ajudou a gente.

A: Tá certo e chegamos em 2008...

Bob : É...

A: E olha que 2008 nem acabou. (Risos)

Bob : Em Janeiro o “D” saiu e tava bebendo muito, ninguém sabia eu descobri isso. Assim eu tava andando de moto, eu sou doidinho ne? Sai pegando as motos de todo mundo, apanhando de policial quase toda vez, e saía andando. Ai o “L” tava comigo na outro moto e nois andano, quando nois passo, bem na praça Bom Jesus, vimo o “D” com uma garrafa de Uísque na mão (Pausa e suspiro). Chego bebim em casa, ai eu falei: mãe o “D” bebeu! Ai o “D” arrumou um serviço no PROJOVEM (Pró-cerrado), desse serviço que ele tirou a televisão, e ele matava muito serviço, toda vez ele matou, toda vez ele matou muito serviço. Nois chegava e conversava com ele mais ele é muito ignorante. Não aceitou aquilo, que não queria aceitar oh meu Deus, não queria mandar que nois mandava nele. Ai era pra ele ir lá no CAIS pra pegar um atestado, porque é matar serviço assim não ia. Ai ficou alguns meses agora, ficou assim, tirou essa televisão e esse DVD. Ai ele foi despedido do PROJOVEM, como nois... eu cheguei na minha mãe e falei assim pra minha mãe: mãe eu falei pra senhora de tirar, nois vai pagar as conta, que tá atrasada que é o do litificador, do som, ai nois termino. Ai minha mãe tinha tirado uma cama também, nas casas Bahia que ela é cliente lá há muito tempo. Nois já tinha pagado tudo, fugão, mesa, tudo. Ai, ai esses trem ai ela tirou, já era a ultima prestação nossa, que cada um tinha seu processo, eles pra lá e nois pra ca. Então daí dia 30, então o dinheiro nosso. Ai foi lá paga o da minha mãe, chegan lá o “D” pagou duas parcelas do DVD, e uma só da televisão ai começou a encrenca, ai ele começou a mandar dentro de casa, não podia sentar dentro do sofá. Nois não podia ham, comer primeiro do que ele. Ele queria comer o maior pedaço dos trem. Em vez enquanto meu padrinho nem deixa eu comer em casa, eu ia comer lá na casa dele, porque o mulher lá chamava eu pra comer lá. Ai nois comia lá ai em vez enquanto eu não gostava eu num gostava de ficar lá em casa. Tinha muito encrenca. Agora em 2008 eu fiquei mais saindo de casa, decidi ficar mais fora do que dentro de casa. Ai o “D” começou a bater muito nas meninas, ai parou de bater nas meninas e foi bater em mim. Foi em 2008 que eu falei chega! Então chega que eu não vou apanhar mais, ai começou a briga o “D” ele pegou, pegou um ferro que lá pra senta na minha cabeça, aqueles ferro de furar calçada que tem aquelas pontas e aqueles trem. Tinha posto uma barra de ferro lá dentro que era do meu pai, ai ficou a ponta do trem e a ponta do outro. E ai tah! Ai pego esse ferro e esse ferro pesa muito, eu catei um pedaço de pau e fui pra cima dele também, daí ele soltou o trem e foi pra cima de mim. Me deu dois murro na cara, um assim na coluna, e dois no braço. Fiquei com dor, eu grudei no pescoço dele a minha unha tava enorme porque eu sou, eu tenho mania, de deixar a unha grande . Até hoje eu tenho e grudei no pescoço dele, ai eu falei assim, se você não me soltar eu também não vou te soltar, nois vamo rola na porrada, nesse dia era sábado, tava indo pra igreja, fui todo machucado pra igreja, ai minha madrinha chegou lá e passou uma aguinha assim ne mim. É que todo mundo lá é madrinha (Risos). Ai eu vou lá passou uma aguinha, ai ela foi lá comprar um remédio pra mim, porque ela trabalhou em uma clinica ai ela passou um remédio e ficou roxo. Ai passou um mês e queto um pouquinho, queto. Ai chegou lá uma vez tah! Tomando o som, tomou o som! Ai eu falei: mãe pede pra ele deixa pelo menos a televisão pra nois assistir! Porque hoje mesmo eu quase não assisto televisão, porque ele não deixa. Ai ele chegou lá e tomou esse som. E ficou lá no quarto dele, ficou ‘maromeno’ lá uns dois meses. Ai ele queria a televisão e deixou o som lá e queria a televisão de novo. Ai como minha mãe não agüenta ficar sem a televisão. Minha mãe só fica no sofá até hoje, novelera nem sai pra fora, só novelera e a “A” ta do mesmo jeito. Ela que aquilo e que fica só naquilo. Ai essa época agora o “D” parou de estudar, ai pronto começa a encrenca. E agora ele queria parar de estudar e começou a andar com uns mala. Ai começaram a bater na gente muito ai minha prima foi morar lá em casa. Ai ela pegou tava morando lá. Eu e minha prima como quase irmão, é tanto que eu nem converso com minhas irmã, converso mais com ela. Toda vez que eu vou pra casa dela é... minha prima é... (Confuso) minha prima é xodó dela. Ai nois tava brincando lá porque ele tinha levado a televisão ne. Tava lá ouvindo som e ele chegou e desligou o padrão, foi essa ultima agora briga ai nois sentou lá na porta, ah nois não vai caçar encrenca não! A “F” levantou de lá e foi desligar o padrão e essa culpa caiu em cima de mim. Ele chegou dano murro e chute em mim sem parar e me enforcando. Teve uma hora que eu fiquei roxo e minha mãe não deu conta de pegar ele. Ai minha prima foi pra cima dele, pendurou no pescoço dele, ele começou a dar porrada muito na minha prima. Parou um cara de Biz dizendo que tinha uma arma dentro da garupa da Biz e que ia matar o “D” se ele não soltasse minha prima e o “D” ainda batendo muito na minha prima, dando chute na minha prima, e o cara tentando separar que era polícia? Nada, maloquero (Risos). Ai o “D” não parou, ai foi nessa época ai que veio a polícia que ele tacou uma pedra na polícia. Ai eles correu pra lá com faca, ai chegou uma menina lá xingando a “K” que num sei o que, ai a “K” foi pra dentro ai minha prima catou a faca ai ela falou eu tava sentando na porta, se ele vim eu vou matar. Ai eu “F” ele vem correndo, ele vem correndo, ele vem correndo. Fui pro orelhão e liguei pra polícia, ah menino não sei o que! Es acho que eu era muier pela minha voz de desesperado (Cinismo, Excitação, Risos). Porque tem hora que eu fico... ai es falo: moça calma, calma, calma. Eu num queria saber se era moço ou se era moça, eu queria que eles mandasse a polícia. Ai passou um tempinho a “F” com a faca e o “D” com um tijolo desse tamanho de calçada e os dois foi um pra cima do outro e ele tacando pedra na minha prima, e minha prima desviando. Ai ele deu um chute ne mim e saiu correndo e ficou a marca do pé dele. Ai quando veio vi a polícia junto, ele veio correndo. Ai a polícia veio chutado no pau, ai ele tacou uma pedra na frente do carro da polícia, ai a polícia que irritou mesmo já desceram com arma na mão, já deu baculejo, ai a “F” falou assim que ia lá, ai eu mostrei as marca também ai eles

1-Inserção do irmão no mercado de trabalho sem preparação

2- dinheiro, a medida da força do irmão

3- Conflitos familiares, violência intrafamiliar

<p>falo assim: você vai pra DPAI primeiro, porque ele ainda era de menor. Ai ele chego e falo que... (Pausa – perdido na história) num sei o que, ai minha mãe chegou e falou que não era pra levar ele, porque era briga de família, que num sei o que, que num sei o que, e ficava falando um tanto de coisa. Ai ele chegou na minha mãe e falou assim: tava vendo mãe o que que seus fio faiz (3 segundos em silêncio esperando alguma resposta). E nesse trem que seus fio faiz, eu não aceitei, eu fiquei pensando muito, será que ele não pensa em nois não? Será que ele não pensa na gente não? (Silêncio)</p> <p>A: Só ele que pode responder isso ne “K”!</p> <p>Bob : Então eu to na expectativa até hoje (Risos).</p> <p>A: Nunca perguntou?</p>	<p><u>Relacionamento com irmão</u></p>
<p>Bob : Nunca perguntei! Até hoje nois num conversa. Um passa pela porta o outro espera e depois passa Ai chego agora em outubro. A namorada... uma menina que nois não conhecia fugiu da casa dela pra ir trabalhar na casa de uma mulher lá. Ai ela ficou com o irmão dessa mulher, ai pronto! Depois ela ficou com o “D”. O “D” tava bêbado, dizendo ele tava trabalhando num lugar ai. Nois não vi o dinheiro. O chefe dele dizendo ele leva ele pra beber todo dia, ai brigano muito essa família toda, e a mulher tinha acabado de casar, essa mulher que ela ia trabalhar, acabou de casar. O marido dessa mulher é de boa, oh p’ce vê o home tem dois emprego (Incisivo). Não é... serviço dele não é fraco! O serviço dele é pesado.</p>	<p><u>Conflito com terceiros</u></p>
<p>A: O que ele faz?</p> <p>Bob : Trabalha na feira hippie e o outro eu não sei não. Mais eu sei que ele trabalha muito. Então ele chegava muito cansado e essa mulher xingava muito ele. Essa menina foi pra cima dele também e o marido dela cabou e jogou na cara dela também, ai falou: vamo acaba o casamento agora! Ai chego lá menina e falou: oh você fica comigo ou com o “D”. Ela falou assim que ia escolher o “D”. Esse dia a “K” tava beba, bebeu a “F” também bebeu e por caso que a “K” terminou com o namorado ai foi e bebeu e ficou bebinha. Eu tava com muita dor aqui de dente, assim na cabeça inteirinha, então não conseguia virar. Tava os povo brigando, eu ficava assim, assim, assim, assim (Virava a cabeça) e ficava oiando a menina escolheu o “D”. E nesse dia os dois tinha bebido três cerveja, o namorado da muier e o “D”. Ai pediram pra deixar o som, o DVD, as roupa do cara. Deixou um tanto de trem lá em casa. Ai essa mulher falou que ia morar lá em casa. De repente chega ela lá com aquele mala daquele tamanho, ai eu pronto cabou minha vida (Risos)! Porque o “D” já é assim, imagina o “D” ciumento, Deus me livre! Ai essa cunhada minha esses dias atrais ela bebeu e ficou bebinha. Ela sempre fica enchendo meu saco ne dentro de casa ne, ela fica me cutucando, ou fica atentando eu. Ai a “A” tinha pegado umas bonecas ne, ai nois brincano com as bonecas (Risos). Nois brincano la na sala o “D” quase foi pra cima da mulher, é que num sei o que, seis não para, não para com isso não? E foi pra cima, ai eu larguei a boneca e fiquei lá brincano com o ursinho da “K” que ela tinha comprado novinho. Ai a “K” arranjou esse serviço ai ela não para em casa também.</p> <p>Hoje eu quase não paro em casa também, porque o PETI, e eu fico só ‘marromeno’ na rua porque eu não gosto de fica em casa. Porque o “D” é ignorante! Ontem teve uma briga que o “D” que eu queria assistir um filme e ele não deixa eu assistir televisão. Passou umas duas horas que ele tinha saído, ai chegou entrou e foi embora. Ai passou mais três horas, ai deu uma hora ele chegou isso era seis horas da tarde e depois chego e saiu, ai chegou dez horas da noite e começou a encher o saco enenhem (Som Estranho do participante). E foi até uma hora da manha ai a “K” chego. Ele desligou a televisão e ligou o som, naquela altura. O que eu acho inclivel que o povo não liga pra polícia pra falar que ele liga o som altão ai eu falei: cheguei nele, que eu não converso com ele desde pequeno, mais ele joga muita indireta pra mim, por caso eu mesmo tenho muitas coisas e o “D” é muito assim... aparelho de celular que quebrou tenho tudo ship tenho tudo, eu tenho um quartinho só de bagunça. Ai vez enquanto quando eu viajo assim, ele mexe nas minhas coisas. Ai ele mexeu nas minhas coisas, e levou a metade das minhas coisas pra lá pro quarto dele. Eu tinha ganhado um óculos novinho novo veinho, da ótica fujioka, bunito a única coisa que eu vi. Ai um dia eu cheguei mãe meus trem tudinho sumiu! Ela vamo la caçar nos trem do “D”. Ai eu ganhei um apito daqueles de polícia pra ficar atentando, ai eu deixei la guardado. O “D” catou esse apito. Ai eu mãe isso ta muito estranho, hoje eu vou olhar, ai eu pedi o “Dn” a câmara dele emprestado coloquei assim. Como a casa é velha, ela tem um pau assim e outro segurando no meio. Ai eu coloquei entre os paus a câmara, ai eu vi ele pegando meu carregado de celular, ai eu cheguei no cabo da televisão e fiz a questão quando ele entro eu liguei o trem. Ai ele viu! Ai ele ah que não sei o que, ai eu vou fazer um rapa dentro do seu quarto e se tiver um trem, ai eu vi uma caixa e derrubei e meus trem tava tudinho lá dentro. Ai eu peguei meus trem guardei. Ai nois não conversa mais, e o veinho sempre brinca com nois, ah seis tem quer parar, parar com essa mania, que não o sei o que, ai a gente fala ahhh não! Hoje eu não sou de conversa com ele.</p> <p>É... minha vida foi... ontem mesmo que foi essa bagunça, não dormi até agora (Risos), to super com sono, mais eu sou uma pessoa que quase não dorme também. Ta vendo eu quase não to com sono...</p>	<p><u>1- Inserção da bebida alcoolica</u></p> <p><u>2- conflitos com irmão</u></p> <p><u>3- Percepção que o sujeito tem da própria vida</u></p>
<p>A: Eu to vendo mesmo que você está muito esperto você quase não parou de falar! Apesar...</p> <p>Bob : De ter sido uma noitada!</p> <p>A: E você vai pra aula?</p>	

<p>Bob : Eu vou te que ir lá.</p> <p>A: Você não está freqüentando as aulas?</p> <p>Bob : Não, eu to... tipo assim eu fiz uma prova pra passar, ai essa prova falou que eu tirei nove, ai se eu precisasse ou quiser ir pra escola eu vou, se não quiser eu fico.</p> <p>A: Ah é. Mas é interessante você freqüentar as aulas. É bom para aprender mais! E como você não gosta de ficar em casa, pelo menos não está na rua que é perigoso.</p> <p>Bob : Ta certo! Eu comprei um caderninho pra ir escrevendo.</p> <p>A: Bom, muito bom! Pois você vai exercitando principalmente a escrita.</p> <p>Bob : É mais eu gosto</p>	<u>Percepção da Escola</u>
<p>A: Então ta muito obrigada! Hoje nós conversamos muito, amanhã nós continuamos ta bom?</p> <p>Bob : Então ta falo.</p>	
<b>5ª Entrevista</b>	
<p>A: Ok! Então vamos lá. Na história todinha da sua vida, você falou pra mim que foi cheia de muitas violências né?</p> <p>Bob : Foi sim!</p> <p>A: Então o que é a violência pra você?</p> <p>Bob : É ignorância, é muitas coisas ne.</p> <p>A: Ta quais são essas muitas coisas?</p> <p>Bob : Não sei te responder!</p> <p>A: Será? Você falou ignorância...</p> <p>Bob : É difícil saber!</p> <p>(Pausa longa – 8 segundos)</p> <p>Bob : Tem muita coisa, tem ignorância, é atentar o povo, ixi é tanto de coisa...</p> <p>A: Atentar o povo?</p> <p>Bob : (Risos)</p> <p>A: Como que é atentar o povo?</p> <p>Bob : É cutucar o povo, cutucar o povo... é mais falar assim ne, num assim não.</p> <p>A: O que as pessoas fazem com você que elas te cutucam?</p> <p>Bob : (Risos) eu não sei. É falar alto. Quando a pessoa fala alto eu quero falar mais alto que ela, ai não da certo fica.</p> <p>A: Quando um fala alto e outro também você acredita que pode acontecer o quê?</p>	<u>Percepção de violência</u>
<p>Bob : Encrenca e intriga, acho que isso mesmo.</p> <p>A: É você mora aqui no Novo Mundo?</p> <p>Bob : Há 14 anos.</p> <p>A: Sua vida inteira então? Como que você acha que é o bairro que você mora?</p> <p>Bob : Ixi Maria! Só tem maloquero...</p> <p>A: Só!?</p> <p>Bob : Só maloquero..</p> <p>A: O que é ser maloqueiro?</p> <p>Bob : É ladrão, é uma pessoa ruim, que rouba as pessoas, fuma maconha, fuma merla, ih é um tanto de coisa!</p> <p>A: Tem tudo isso aqui?</p>	<u>Percepção do bairro e das pessoas que vivem no bairro</u>

<p>Bob : Ixi! Tem um lugar aqui que tem tudo isso! Um lugar lá perto da minha casa tem, tem um aqui quase saindo do Novo Mundo! Perto da linha de trem tem outro. Tem uns que desce tudinho ali pra baixo pra fumar maconha. O dia que eu tava andando de moto com meu padrinho, ele agente ambiental, ai ele vê tudo isso ai ele vai pra ver as matas e esses trem. Ai eu tava andando de moto também, ai eu vi aqueles tantão tinha até uma mulher entregando droga,você acredita? A mulher não tem vergonha na cara não (Risos).</p>	
<p>A: Mulher entregando e...?</p> <p>Bob : Deu vontade de falar ou você não tem vergonha nessa cara não? Ah sô rum! Mulher tem que ficar em casa, deixa aqueles safados morrer lá se eles que morrer, morre sozinho. (Risos)</p> <p>A: Quando a mulher faz esse tipo de serviço o que você pensa?</p> <p>Bob : Com certeza ela ta ajudando o cara.</p> <p>A: Ela está ajudando por que ela mesma quer fazer?</p> <p>Bob : É também. Mais ta ajudando do mesmo jeito. Ta ajudando eles.</p>	<p><u>Conceito do sujeito sobre a mulher</u></p>
<p>A: E no meio dessa história toda que só tem maloqueiro aqui como você falou, tem criança também?</p> <p>Bob : Tem muita criança no meio também, porque eu quase num fico em casa, eu fico assim mais pra lá, vou pro meu tio lá no Finsocial, agora vez enquanto fico parando em casa, saindo com meu padrinho de vez enquanto, só que agora eu não to saindo muito não.</p> <p>A: Então você esta me dizendo que quando você sai de casa você não fica aqui na região do Novo Mundo?</p> <p>Bob : Não, humhum! Vixi Maria eu quero é ir pra lá, lá pro Finsocial, quanto mais longe melhor.</p> <p>A: Você já chegou a ter medo daqui?</p> <p>Bob : Muitas vezes! Teve uma vez que eu tava andando a noite, ganhei uma bicicleta nova, ai eu tava andando a noite, eu e minha mãe tava andando no meio da rua eu tive tanto medo mais tanto medo passou um homem de preto rodeando o quarteirão, ai eu comecei a correr, quase que eu mijei nas calças de medo desse cara, cheguei em casa correndo entrei pra dentro do meu quarto e guardei a bicicleta. Nunca mais eu vi esse cara. Agora não tem medo mais não. Ai por ai num to nem ai.</p> <p>A: O que mais acontece aqui no novo mundo além de muito tráfico de drogas...?</p> <p>Bob : Muito assassinato. Ixi aqui tem é muito! Teve um colega meu que morreu sem ter nada a ver.</p> <p>A: Como assim?</p> <p>Bob : Foi esses mês pra trás. Ele tava sentado num bar, esse dia foi em julho eu viajei. Ele tava sentado num bar, era o irmão do meu padrinho. Ai chegaram dois caras foi metendo bala em todo mundo, foi fritando todo mundo inteirinho. Hoje o bar ta fechado, fecho as portas. Chego metendo bala, era arma automática, metralhadora automática, aquelas mini-metralhadoras, chegou metendo bala em todo mundo. Ai se falasse e quem virasse ia matar. Tinha uma de cadeira de rodas que não conseguiu correr ele matou com dois tiro na cabeça. Ai o irmão do meu padrinho caiu da cadeira e pôs a mão na cadeira e hora que ele foi pô a mão na cadeira ele tinha oiado, o cara meteu bala nele, fritou uma seis pessoas lá. Ai este de cadeira de roda lá, ai eu cheguei sexta feira da paixão no to ficando doído mesmo, oh gente to aqui. Ai eu tinha viajado ne e voltei. Ai falaram o “R” morreu ai eu morreu de que? Ai eles estavam contando a história lá do bar e deve que foi casinha. Por causa que chegaram como aqui no Novo Mundo tem muito maconheiro...</p> <p>A: Casinha é aquele negocio que você me explicou, que uma pessoa se infiltrar na casa pra pegar a casa?</p> <p>Bob : Não num é só isso não. Casinha vem assassinato, vem tudo, tudo junto. Chegaram dois carro branco e tinha muito maloqueiro e os maloqueiro não morreu, não meteram bala neles, só meteram em uns que tava lá. Esse mesmo de cadeira de roda (Sorriso). Nunca vi esse cara antes mexer com maconha, essa que é a verdade! E mais estranho ainda, o mais maconheiro de todos tava lá dentro, e não levou nenhum tiro, e os vizinhos que tava lá perto tava na mesa dele também é maconheiro, na hora eles todos saiu pro banheiro, estranho ne? Os maloqueiro tudo entro pra dentro, ai chego o carro metendo bala em todo mundo, ninguém sabe quem é, ninguém sabe quem foi, e até hoje todo mundo está nessa expectativa.</p>	<p><u>1-Violência no bairro</u></p> <p><u>2- Desejo de ir para outro bairro</u></p> <p><u>3- Meda da violência onde reside</u></p> <p><u>Violência no bairro</u></p>
<p>A: E alguém sabe o por quê dessa história?</p> <p>Bob : Ninguém sabe. Então é melhor deixar de lado. Aqui as pessoas são muito ignorante, isso aqui tem muito maloqueiro se mexer com um mexe com todos. Então é melhor deixar quieto. Meu padrinho falo mesmo que é melhor deixa quieto que não adianta mexer. Porque o meu padrinho tem um monte de amigo polícia lá em Brasília, ixi Maria! Tem até medo daquele povo de lá (Sorriso). Anda tudo de terno preto, calça longa, nossa senhora! É melhor nem mexer mesmo.</p>	<p><u>‘Lei do silêncio’, como forma de preservação da vida</u></p>

<p>A: Ai você cresceu no meio dessa história? Com esse bando de maloqueiro...</p> <p>Bob : E apesar do meu pai, meu pai era um, ixi Maria! Um maloqueiro de mão cheia, trocava até tiro com a polícia.</p> <p>A: Me conta essa história?</p> <p>Bob : (Risos intensos) ai tinha uma vez que tinha o “M” esse é o maior molequero daqui do Novo Mundo. Ele ainda ta vivo, foi preso, mais hoje ele ta no meio da rua, não ta mexendo com ninguém não. Ai roubava daqui roubava dali. Ai meu pai tava junto. A polícia antigamente era tudo ‘buracado’, por aqui assim era tudo os buracão. Ai tava fazendo a rua ainda, uma metade fez e a outra metade não. A rua aqui de baixo que eu acho que é a bocota, não fez ainda. Ai eles veio descendo, correndo, ai perto de casa tinha um bueiro, ai eles entraram dentro do bueiro e foi para lá no meia ponte. Veio embora todo fedido. Ai minha mãe perguntou o que foi? Porque ele trabalhava de segurança no Mutirama, trabalhava de guardinha lá. Ai uma vez ele traiu minha mãe, toda vez ele traiu minha mãe (Risos). Ai ele foi pra casa de uma mulher ai ne? E a mulher era casada e ele não sabia. O cara chegou lá com uma arma e colocou na cabeça dele ai ele tirou um 38, ai foi os dois trocando tiro. Hoje ele tem uma marca no braço desse tiro (Risos). Veiz enquando, veio todo sangrando pra casa quem arrumou isso tudo foi minha mãe. Hoje queto mais porque ele também ta meio, esse “L” foi muitas vezes preso, mais até hoje, apesar que ele não ta roubando, mais ele tem muitos negócios de roubo ai. Esses dias roubaram um carro de um colega meu, o carro dele era da Espanha e o carro dele era do irmão dele que veio pra cá, que era pra trazer que depois o irmão dele vinha de avião. Ai ta ele veio, passaram duas semanas eles roubaram o carro dele, roubaram tudo, até os bancos, toca CD, até os bancos, ficou o carro limpo. Quando ele chego e oio aquilo menina, ele quase chorou de raiva. O irmão dele quando chegou menina, se vê o tanto que o cara ficou nervoso, queria matar os povo lá perto de casa tudinho. E hoje tem um gordinho que mexe com tráfico de drogas, é maloqueiro e foi ele que roubou o carro do colega. Ai nisso tudo não pode mexer também. Quem mexer é pancada na certa, então é melhor fica queto. Mais como tiraro a ROTAM de linha eles tão mais pra frente. Antigamente não podia ver, que tinha uma esquina lá, nois senta lá num negocio que fez lá, lá perto do bueiro. Antigamente moço chegava aquele tanto de polícia, ihhhhh colocava todo mundo na parede pra fazer baculejo, não queria saber quem que era. Até eu já fui umas milhares de vezes (Risos). Ai passou, ta todo mundo solto, ta por ai todo mundo, melhor ficar queto então.</p>	<p><u>Perceção do sujeito em relação ao pai</u></p>
<p>A: “Bob” você acha que esse negocio de você viver e conviver aqui interfere em você?</p> <p>Bob : Interfere muito! Eu cresci aqui e todo mundo aqui é ignorante. Todo mundo que nasceu aqui é ignorante. E ser ignorante é isso tudo, é ter raiva, vai pra cima dos outros qualquer coisinha, isso tudo. Então muitas vezes eu queria sair daqui, mas por um lado eu não queria sair daqui não, porque eu cresci na casa.</p> <p>A: Explica melhor como é isso que você muitas vezes queria sair daqui?</p> <p>Bob : Achava aqui muito ruim. Tudo aqui era muito ruim, o povo meio chato, agora que ta melhorando um pouquinho.</p> <p>A: Ai você falou que interferiu em você. O que interferiu no “K”, na pessoa do “K”? Ele seria diferente se ele não morasse aqui?</p> <p>Bob : É podia ser, eu tava pensando nisso esses dias e não cheguei ainda numa conclusão! Eu tava pensando assim se eu viajasse e não morasse aqui, o que que eu seria lá? Eu fiquei pensando ne? Será que se eu viaja pra lá eu vou ter um serviço bom, será que eu vou ter um carrinho? Pensano nisso, ai ta bom deixa de lado. Ah vou pra rua.</p> <p>A: Mas aqui Novo Mundo tráfico de drogas, assassinato, casinha, uma série de violências, isso fez Bob que com “K”? Eu estou falando da violência do bairro, ainda não falei da violência na sua casa!</p> <p>Bob : Não sei, não cheguei a essa conclusão e pensar que que interferiu ne mim não.</p> <p>A: Pra você pensar hoje, você falou pra mim que todo mundo aqui é ignorante...</p> <p>Bob : Por eu ter crescido aqui eu também sou ignorante. Por todo mundo no bairro ser eu também sou.</p> <p>A: Então quer dizer que se você tivesse crescido no Finsocial....</p>	<p><u>Interferência do bairro na vida do sujeito</u></p>
<p>Bob : O Finsocial é muito chato, então não queria morar lá não. Eu queria morar lá em Brasília.</p> <p>A: Por que Brasília?</p> <p>Bob : Porque eu acho lá mais bom, apesar de eu nunca ter ido lá. Até que pediram pra ir mais eu nunca fui.</p> <p>A: O que você via em Brasília que você acha que é mais interessante?</p> <p>Bob : O metrô, tudo! (Risos). Nunca andei também mas eu acho, acho não, tenho certeza que é</p>	<p><u>Desejo do sujeito de sair da região e/ou cidade</u></p>

<p>legal, nunca andei de avião, nem de helicóptero, nem de nada , só de busão. De busão, de moto, de carro de vez enquanto ainda e de bicicleta.</p>	
<p>A: Uma das entrevistas passadas você falou que estava pensando muito se você iria chegar aos 20 anos...</p> <p>Bob : Ah num sei pelo meu lado de ignorância, também pelo jeito que é aqui, muito jovens aqui já morreu. Então fico vendo isso e fico pensando, será que muitas pessoas daqui vai? Será que eu vou também? Eu já conversei até com meus colegas sobre isso. Será que nois vamo ver o fim de mundo? (Risos) Ai a gente fica conversando isso. É nois sente um pouco de insegurança.</p> <p>A: Assim você falou que lá no episódio do bar muita gente inocente morreu. E os maloqueiros mesmos...</p> <p>Bob : Uoooooooo (Alto).</p> <p>A: E isso interferia também nesse pensamento seu? Como você vê o...</p> <p>Bob : Não eu pensei isso antes (Sorriso).</p> <p>A: Mas assim...</p> <p>Bob : Mais eu ainda não tinha chegado antes mais eu não tinha chegado nesse assunto do bar não.</p> <p>A: É tudo bem antes! Mas também muitas pessoas inocentes...</p> <p>Bob : Já morreu... só que eu nunca cheguei a pensar não.</p> <p>A: Desse jeito não!</p> <p>Bob : É dessa vez pra cá que eu fiquei pensando.</p> <p>A: Como foram vários inocentes...</p> <p>Bob : Será que nois pode ir também? Ai eu fico pensando será como que eu vou ficar quando morrer? (Gargalhada) É uma besteira ne, é o povo fica pensando nisso.</p>	<p><u>Expectativa e percepções do sujeito quanto ao futuro</u></p>
<p>A: Mas embora você more aqui você tem que seguir o mesmo caminho?</p> <p>Bob : Não (Incisivo), num sou obrigado (Sorriso). Até porque eu também não quero. Quero ir pro Japão.</p> <p>A: Fazer o que no Japão?</p> <p>Bob : Comer sushi!</p> <p>A: Tudo bem! Você ta falando do Japão como se o Japão fosse ali no Finsocial! É como se pegasse um ônibus e chegasse lá em uma hora!</p> <p>Bob : Uma hora? Muito mais que uma hora! Eu queria viajar, eu queria sumir... ai eu tava querendo até sair do país, porque eu não gostei daqui mesmo.</p>	<p><u>Percepção de si mesmo no contexto da violência do bairro</u></p>
<p>A: E essa violência todinha de fora de casa tem alguma coisa haver com dentro de casa?</p> <p>Bob : Tem porque o “D” emanou com esses povo. E virou também, ai pronto era garrafa de Uísque rolando pra tudo conter lugar.</p> <p>A: E quando seu pai batia na sua mãe? Era de dentro de casa pra fora ou de fora de casa pra dentro?</p> <p>Bob : De fora pra dentro e de dentro pra fora. Tudo isso.</p> <p>A: Como assim de dentro pra fora?</p> <p>Bob : Eu não posso contar muito, porque não vivenciei muito. Eu era muito pequeno. Quase não lembro das quais. Então eu não sei muito te explicar como que era direito.</p> <p>A: O “Bob” quando vira ‘vulcão’ isso acontece pelos episódios dentro de casa, pelo que tem dentro de casa ou pelo que está no bairro?</p> <p>Bob: Pelos dois, eu acho que sim, e se fosse por isso ia fazer um arrastão pelo Novo Mundo inteirinho.</p> <p>A: Se fosse pelo quê?</p>	<p><u>Interferência do bairro em casa e vice-versa</u></p>

<p>Bob : Se fosse pelo meu lado ruim eu ia fazer um arrastão em tudo.</p> <p>A: O que é arrastão?</p> <p>Bob : É chegar assim e fechar todas as ruas que sai dos bairros. E por um tanto de polícia, helicóptero voando pra tudo quanto é lado. Fazer um arrastão pegar aquele povo e fazer assim ship! (Gesticula) Cabou todo mundo. Se eu fosse pro meu lado ruim, se eu fosse por isso ixi! Todo mundo do Novo Mundo ir ser preso. Porque quase todo mundo é maloquero. (Sorriso). Então é melhor limpar tudo.</p>	
<p>A: Mas esse é o lado ruim? Você ia limpar o Novo Mundo?</p> <p>Bob : Ixi! Pro meu lado bom eu ia ser bombeiro, apesar de salvar o povo. Só que eu não quero não!</p> <p>A: Não entendi!?</p> <p>Bob : O meu lado ruim quer ser polícia...</p> <p>A: Polícia é ser ruim?</p> <p>Bob : E o meu lado bom eu quero ser bombeiro. Por um lado eu quero tipo assim, fazer isso, fazer aquilo, marca lugar, que o é o que a polícia faz. E por outro lado que quero salvar, porque a polícia mata e mata muito ixi!</p> <p>A: Mas mata mais ou morre mais?</p> <p>Bob : Morre muito mais, apesar dos acidentes porque o povo é meio doidinho! Sai tudo ne pchiu! Tudo bebinho inheuuuu! (Sorriso)</p> <p>A: Você falou pra mim do seu lado ruim e o seu lado ruim é ser polícia!</p> <p>Bob : (Sorriso)</p> <p>A: E o lado bom é bombeiro, porque salva! O que é ser polícia para o “K”? O que o “K” entende por polícia? Você já falou uma coisa, que mata. Polícia mata...</p> <p>Bob : Prende!</p> <p>A: Prende!</p> <p>Bob : Mais o que eu quero ser mesmo é motorista. Porque eu corro de mais da conta, ai era melhor ser motorista. Também gosto de ser só motorista.</p> <p>A: Ta! mas voltando ao assunto do que é ser polícia, para você, quando a gente fala assim de profissão até um dia a “P” (Estagiaria de Psicologia) fez uma dinâmica dos papéis sociais e cada um falou o que queria ser. O seu eu não recordo o que foi, mas você o que você entende por polícia? Quando fala assim: chego um policial...</p> <p>Bob : É uma pessoa ruim, que não tem sentimento...</p> <p>A: O que é não ter sentimento?</p> <p>Bob : Eu acho que ele não tem sentimento, mais é uma pessoa que tem sentimento e quer cuidar das pessoas.</p> <p>A: Eu não estou te entendendo. Como que a pessoa tem sentimento e não tem sentimento?</p> <p>Bob : Por um lado, ele não pensa nos filho dele, se tiver filho. Que que vai ser do meu filho quando ele crescer. Então ele vai tirar os maloquero de lá, por um lado ele é ruim só que pegar os maloquero e acaba pegando gente inocente também. Ai vai e vira falar aquela bagunça. Polícia contra ladrão, ladrão contra polícia, gente envolvida no meio. Eu se eu fosse polícia eu ia lá em São Paulo, onde aconteceu aquele trem lá, da menina lá, o seqüestro da menina lá (Ele está falando sobre o caso da menina “Eloá”, mantida em cárcere pelo ex-namorado ocorrido na cidade de São Paulo ano 02/2008). Se eu fosse polícia mesmo eu ia ser ruim. A primeira coisa que ia fazer era da um tiro na cabeça daquele menino (Risos).</p>	<p><u>Percepção de si mesmo e dos papéis sociais que gostaria de desenvolver</u></p> <p><u>Percepção do sujeito em relação ao papel de policial</u></p>
<p>A: Eu não entendi o riso. Como assim tiro na cabeça do menino?</p> <p>Bob : Uai porque ele foi ruim e por causo que eles já teve tempo pra entrar lá.</p> <p>A: Quem é que teve tempo para entrar lá?</p> <p>Bob : A polícia. Se fosse o atirador de elite ele já tinha atirado muitas vezes na cabeça dele, porque ele apareceu muitas vezes na janela. E tinha policial perto e nem pra falar alguma coisa. Então eu acho assim que foi ruim o ato que ele fez. Eu acho que esse cara se ele for preso com outras pessoas ele vai apanhar muito. Igual aquele caso lá da menina “Isabela”. O pai dela até hoje está lá na cadeia sozinho, agora foi colocado com esse menino. Por um lado assim que o povo é ruim,</p>	<p><u>Percepção da violência</u></p>

<p>meu pai conheceu, já foi preso ne, um cara lá da CPP, desse tamanho. O cara saia batendo em todo mundo que entrava lá que entrava dentro da cela. Já pensou se tivesse um desse lá. Esse negão já matou uns três caras lá dentro, até hoje ele ta lá dentro. E as polícias tem até medo dele!</p>	
<p>A: Seu pai foi preso por quê?</p> <p>Bob : (Pausa) parece que uma vez... num sei! Ele foi para lá, bateram muito nele!</p> <p>A: O que ele fez para chegar lá?</p> <p>Bob : Ele foi para lá umas três vezes uma vez foi o da “K”. As outras eu não sei! Quando ele chegou lá, ele apanhou tanto na cara da delegada, daquela delegada, esqueci o nome dela, eu sei que ele apanhou muito. A mulher deu altas bicudas nele moço!</p> <p>A: O que você achou disso?</p> <p>Bob : Achei bom demais! É bom que ele aprende a não bater em mulher e a não fazer esses negócios. Hoje mesmo ela ta meio shuf! (Gesticula). Hoje ele não faz isso! Ele morre de medo dessa delegada (Gargalhada). Rapaiz mais altas bicudas, ele ficou assim com uns roxão! Ai, ai hehe achei bom demais! É pro um lado eu achei bom...</p> <p>A: E pelo outro?</p> <p>Bob : Mais ou menos. Ah! Pro meu lado mesmo eu acho bom. Mais eu acho que pelo sentimento da “K” num é muito bom não.</p> <p>A: Qual é o sentimento da “K”?</p> <p>Bob : Num sei...</p> <p>A: Como você sabe que ela não achou bom?</p> <p>Bob : Uai eu acho que ela não achou bom dele apanhado, mais eu e minha mãe achou bom, o “D” também. Ele batia muito no “D” por isso que ele achou bom demais.</p> <p>A: Então você falou da polícia, do lado ruim da polícia tem algum lado da polícia que seja bom?</p> <p>Bob : Se tem eu não conheço. Então eu não posso te explicar.</p>	<p><u>Prisão do pai</u></p> <p><u>Como o sujeito percebeu a prisão do pai</u></p>
<p>A: Por aqui, no bairro, o que a polícia faz?</p> <p>Bob : ixi Maria! (Pausa). Ixi faz muita coisa! Mata, prende, bate em gente inocente, bate em gente maloquera, bate em tudo quanto é lado. Então eu acho assim que mexe com uns negócios ai...</p> <p>A: Que negócio?</p> <p>Bob : Com droga.</p> <p>A: Tem policiais que mexem com droga?</p> <p>Bob : Tem! Eu não conheço muito assim não, mais o povo que me fala que eles mexe com droga. Mais que eles mexe com droga, eles mexe com droga! Fala até que eles drogam os cachorros pra eles procurarem droga (Risos).</p>	<p><u>Percepção do sujeito da profissão de policial</u></p>
<p>A: Ah ta certo! Esse é o lado ruim do “K” e o lado bom é ser bombeiro!</p> <p>Bob : É... eu gosto muito de fogo, se eu fosse bombeiro eu ia entrar logo na casa eu não tava nem ai, mais salvando as pessoas que estão lá dentro, eu ia salvar. Bombeiro tem um lado ne, ele arrisca a vida dele pra salvar a outra. Então esse é o lado bom da pessoa, arriscar a vida pra salvar a outra.</p> <p>A: Arriscar a vida pra salvar a outra, esse é o lado bom?</p>	<p><u>Percepção de si mesmo</u></p>
<p>Bob : Muito. Mais a pessoa ter família e perder num é bom pros outro não! Muitas vezes eu pensei eu não vou ter família, porque eu quero viajar muito, quero viver na estrada. Só que tem hora que eu desanimado não vou viver em estrada não. Vou ficar em casa mesmo que da mais lucro.</p> <p>Muitas pessoas falam assim: você vai ser igual o “D”? Ai eu falo assim: isso é eu pedir pra morrer sozinho! Eu acho assim meu irmão apesar que eu não converso com ele, acho que ele é muito ruim. Eu não sei direito o que que ele faz que ele é ruim, ele fica pra lá eu não converso com ele. Mais eu acho que eu viver igual ele vive, ta doída! É eu pedir pra morrer!</p>	<p><u>Percepção de si mesmo</u></p> <p><u>Identificação do sujeito com o irmão e como percebe isso</u></p>
<p>A: Fala pra mim como o “D” vive?</p> <p>Bob : Ele vive num mudo assim que quer mandar em tudo. Eu acho que isso não é bom. Já pensou se ele quiser mandar num desses policial ruim? Cabou! Cabou! Meu primo mesmo, apesar que isso não vai sair daqui não...</p>	<p>Como o sujeito percebe o irmão</p>

<p>A: Com certeza não!</p> <p>Bob : Meu primo é ladrão e já roubou uns cinco bancos por ai. E agora ele ta foragido. Mais hoje ele mudou ele é crente e trabalha até pra polícia, trabalha até naqueles cavalão. Lavando aqueles cavalo. Esses dias fomo lá pra minha vó, oh cavalo bonito, mais deu um ‘coição’ nele menina. Não ele vai limpar o cavalo e fica atrais do cavalo. É pedir pra levar coice mesmo uai! Nossa mais os cavalos de lá é bonito! Cavalo é branqui, branqui, branqui, chega dava dó de andar com ele, gosta dos trem tudo organizado se mexer, ele despacha logo. Parece que ele matou um homem, mas ele já bateu em muita gente. Ah esses dias passou no jornal Anhanguera dois menino que tava numa moto, que robaram. Esses menino já cresceram lá no Novo Mundo, não lá no Finsocial, que também tem ladrão, tem alguns, pelo menos assim, tem um quadrado lá na parte de baixo, um quarteirão de maloquero. Ai eles não passa pra parte da gente. Lá tem uns policial que é ruim. Então lá é área proibida, lá diminuiu muito. Essas pessoas hoje passou pro outro lado, hoje tem uns dez maloquero lá, mais os policial é ruim. Teve uns que bateu nuns colega nosso. Nossa teve uns que me bateu tanto ai tava fazendo baculejo, tinha que fazer isso aqui no Novo Mundo eu ia acha muito bom. Hoje até pra sair no meio da rua você tem medo. Hoje eu não tenho mais medo eu sou carudo já enfrentei o povo tudo. Eu não to nem ai, eu já sou mais solto converso com todo mundo sendo maloquero ou não. Eu mesmo não caço encrenca com ninguém. Eu chego assim e fico de boa, to nem ai! O problema é só minha vida, tem nada a ver com a vida dos outro, só isso. Tem um colega meu que ele bebe pra caramba, já foi parar umas 100 vezes no hospital, hoje ele ta um toquinho de amarrar jegue. Ele passa muito mal. Então eu não quero ficar desse jeito, se eu ficar assim eu me mato. Eu mesmo vou me bater, vou ficar nervoso comigo mesmo. Tem muitas pessoas assim que me ajuda a não ser assim, então, então como lá todo mundo é magrin ai chega lá, um vai pra casa de um, outro vai pra casa de outro, por isso que eu quase não paro em casa, ai eu passo pro um passo pro outro. Antes de ontem eu tava lá na casa da minha madrinha, ai depois eu fui lá pra casa do meu padrinho de ônibus jogar vídeo game. E depois fui pra casa e pra rua andar de bicicleta.</p> <p>Se perguntar hoje o que que é minha casa eu não sei, eu só sei que eu janto e vou dormi. Ai eu levanto e vem pro PETI, volto e vai pra escola, ai só chego em casa bem mais tarde. Até porque muitos padrinhos meu falo que não é bom eu ficar em casa. Porque o “D” como ele é muito ignorante, ele não gosto de nenhum padrinho que eu tenho. Não gosta porque eles me dão muito presente, eu acho que ele tem ciúme. Esses dias eu pedi um guarda-roupa pra minha madrinha e falei pra minha mãe que ia ganhar ai o “D” falou: mãe você vai tirar um guarda-roupa pro “K” você vai tirar um pra mim também! Ah ai um falo que ia construir um cômodo pra mim, outro falou que ia me da uma moto, nossa todo mundo! Ai chego aquele tanto de padrinho em casa, aquele tanto de carro, e eu gente, gente o que que isso, ai eu padrinho, ai de repente, ficava padrinho, padrinho, padrinho, ai todo mundo falando que era meu padrinho minha mãe levou um susto. Ai como é muito padrinho ninguém hoje quer batizar, então como eu não tenho pai eu tenho outros pais e outras mães.</p>	<p><u>Relato de violência no bairro</u></p> <p><u>Percepção em relação a própria casa</u></p>
<p>A: Então você não tem pai?</p> <p>Bob : Eu considero que eu não tenho pai, não considero ele como um pai. Pelo que ele fez e pelo que ele é. Ele é uma pessoa muito ruim. Eu acho que sim.</p> <p>A: Ruim? O que é ser uma pessoa ruim?</p> <p>Bob : É aquele negócio de não ter sentimento. É uma pessoa ruim não tem coração, ai eu quero até esquecer daquele homem que ele existe.</p>	<p><u>Percepção do sujeito sobre o relacionamento com o pai</u></p>
<p><i>Observação: Vai explicar o desenho feito durante a entrevista. Ele fez o desenho com lápis de escrever:</i></p> <p><i>Bob : Nossa ta muito feio! Sem cor, sem vida! Pra ter vida precisa de cor!</i></p> <p><i>A: O que mais precisa de cor?</i></p> <p><i>Bob : A vida! Pra ela ser viva tem que ter cor!</i></p> <p><i>A: Como é sua vida?</i></p> <p><i>Bob : Antigamente era cinza, tudo escuro, hoje é desse jeito (Aponta para os lápis de cor)</i></p> <p>A: O que significa isso?</p> <p>Bob : É um tipo de jardim, é um tipo de jardim que eu nunca vi, que eu ainda vou ver! Eu sempre desenhei uns três tipos de jardim. Mais nunca vi. Teve um que eu faço uma cachoeira apesar que eu nunca vi, um cara levou aquele desenho ai ele ia viajar e levou. Mandou uma foto pra mim, e o desenho também e era igualzinho, quase a mesma cachoeira do desenho, eu ainda eu vou achar esse lugar aqui. Tem um rio, tem um coqueiro, arvore, mato, ai tem uma amarelo que é onde o sol pega. Ai não deixe que a claridade apague.</p> <p>A: Quando você fez o desenho só com o lápis de escrever o que você falou?</p> <p>Bob : Que não tem vida!</p> <p>A: Você quer o lápis de cor? Eu te perguntei se você queria o lápis de cor! E você falou que queria! E agora?</p>	<p><u>Explicação do sujeito sobre o desenho</u></p> <p><u>O sujeito relaciona o desenho a sua vida em tempo passado e futuro.</u></p>

Bob : Agora tem vida, até o papel fica mais bonito. Antes a minha vida era que nem um papel, preto e branco, todo feio, uma vida ruim. Hoje com as matas... a gente é igual as matas, as árvores adoecem a gente também, muitas árvores não tem vida e nois também. Pra nois ter uma vida própria, nois tem que da água. E pra nois da vida pro papel tem que da lápis de cor.

A: E pra dar a vida para o “K” precisa de quê?

Bob : De pessoas para ajudar e de Deus só.

A: O que Deus é para o “K”?

Bob : Deus é tudo! O que eu tenho é Deus! O que eu tenho na Terra não é nada comparado a Deus. Então eu acho que por eu ta vivo hoje eu tenho que agradecer a Deus. Porque Ele sim fez o que eu sou hoje.

A: O que é você hoje?

Bob : Hoje eu sou uma pessoa feliz! Qualquer coisa eu to alegre e... o meu passado foi muito triste pra mim, então eu quero esquecer daquilo, como eu falei antigamente...

A: .... então ta ok. Obrigada!

